

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Heloisa Antonio Ferreira

**A EDUCAÇÃO NA *FOLHA DO POVO*: CRÔNICAS DO PROFESSOR
GERSON RODRIGUES (BAURU-SP, 1950-1960)**

**MARÍLIA
2016**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELOISA ANTONIO FERREIRA

**A EDUCAÇÃO NA *FOLHA DO POVO*: CRÔNICAS DO PROFESSOR
GERSON RODRIGUES (BAURU-SP, 1950-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília, como requisição parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba

MARÍLIA
2016

Ferreira, Heloisa Antonio.

F413e A educação na Folha do Povo: crônicas do professor Gerson Rodrigues (Bauru-SP, 1950-1960) / Heloisa Antonio Ferreira. – Marília, 2016.
137 f. ; 30 cm.

Orientador: Rosa Fátima de Souza Chaloba.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

Bibliografia: f. 85-91

1. Ensino médio – 1950-1960. 2. Imprensa - Bauru. 3. Educação - crônicas. I. Título.

CDD 373.19

HELOISA ANTONIO FERREIRA

**A EDUCAÇÃO NA *FOLHA DO POVO*: CRÔNICAS DO PROFESSOR
GERSON RODRIGUES (BAURU-SP, 1950-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências, Campus de Bauru

Profa. Dra. Raquel Discini de Campos
Universidade Federal de Uberlândia

Marília, 30 de setembro de 2016.

Aos meus sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

À minha família, alicerce em todos os momentos.

À Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba, minha orientadora, compreensiva e exigente.

À Profa. Dra. Emery Marques Gusmão que me fez pensar a história na ótica da educação.

À Profa. Dra. Terezinha Santarosa Zanlochi pela amizade e por ter oportunizado meu acesso ao arquivo de Gerson Rodrigues.

À Profa. Dra. Raquel Discini de Campos e ao Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho pelas preciosas contribuições no exame de qualificação.

À Sra. Gerlena Rodrigues Fontana pela gentileza ao me receber e falar de seu pai.

À Sra. Heloíse Helena Cerqueira de Souza, diretora de escola, por ter permitido meu acesso a documentos da vida escolar de Gerson Rodrigues.

Ao Prof. Ms. Irineu Azevedo Bastos, memorialista, pelas informações importantes sobre a história da educação na cidade de Bauru.

À Luciana Gomes, funcionária da seção de Pós-graduação, pela paciência e atendimento aos inúmeros pedidos que protocolei.

Aos funcionários do Museu Histórico de Bauru.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Bauru.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP de Marília.

O jornal é uma escola. E o é para os que nele labutam diariamente e para os que lêem. É um educador com lições inéditas todos os dias. Seu livro é feito com páginas tiradas da vida diária, vivida intensamente. Sua palavra ainda vem quente das emoções que pronuncia, que revive, que descreve.

Gerson Rodrigues
21-5-1952

RESUMO

FERREIRA, Heloisa Antonio. **A Educação na *Folha do Povo*: crônicas do professor Gerson Rodrigues (Bauru-SP, 1950-1960)**. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP, Marília, SP.

Esta dissertação tem como objetivo analisar por meio de crônicas publicadas no jornal *Folha do Povo*, que circulava na cidade de Bauru, interior paulista, durante os anos de 1950 a 1960, o pensamento educacional de Gerson Rodrigues sobre professores e alunos no contexto das transformações da escola secundária. Além de cronista ele atuou como professor nas disciplinas de Sociologia Educacional e Português no Instituto Educacional Ernesto Monte, situado na mesma cidade. Ao optar pela produção intelectual de um professor secundarista, a pesquisa procura entender quais ideias presentes no discurso educacional da época, ele afirmava e compartilhava por meio das crônicas, fazendo do jornal uma tribuna. Foram selecionadas 57 publicações referentes à seção “Educação e Escolas” veiculadas na década de 1950, com a temática da educação. A pesquisa discute o papel do jornal como um espaço de manutenção/criação, permanências/rupturas de representações sociais. Para tanto, a dissertação sustenta-se principalmente nas formulações teóricas de Sirinelli, Chartier, Campos e Souza.

Palavras-chave: Gerson Rodrigues (1913-1972). *Folha do Povo*. Intelectuais. Educação.

ABSTRACT

FERREIRA, Heloisa Antonio. **Education in the *Folha do Povo*: chronic teacher Gerson Rodrigues (Bauru, SP, 1950-1960)**. 2016. 137f. Dissertation (Master of Education). Program for Graduate Education. Faculty of Philosophy and Sciences. UNESP, Marilia, SP.

This thesis aims to analyze through essays published in the *Folha do Povo*, newspaper that circulated in the city of Bauru, São Paulo, during the years 1950-1960, the educational thought of Gerson Rodrigues for teachers and students in the context of the transformation of secondary school. Besides chronicler he served as a teacher in the disciplines of Educational Sociology and Educational Institute in Portuguese Ernesto Monte, located in the same city. By opting for the intellectual production of a high school teacher, the research seeks to understand which ideas present in the educational discourse of the time, he claimed and shared through chronic, making the newspaper a tribune. We selected 57 publications relating to "Education and Schools section" aired in the 1950s, with the theme of education. The research discusses the paper's role as a space for preservation/creation, continuities/social representations breaks. Therefore, the dissertation is based mainly on theoretical formulations Sirinelli, Chartier, Campos and Souza.

Keywords: Gerson Rodrigues (1913-1972). *Folha do Povo*. Intellectuals. Education.

LISTA DE SIGLAS

ADESG	Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra
ACIBA	Associação Comercial e Industrial de Bauru
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
C.E.S.	Centro de Estudos Sociais
CEESUB	Centro Estadual de Educação Supletiva de Bauru
C.N.	Correio da Noroeste
EE	Escola Estadual
FAFIJA	Faculdade de Filosofia de Jaú
FAFIL	Faculdade de Filosofia
IAL	Instituto Americano de Lins
ITE	Instituição Toledo de Ensino
NUPHIS	Núcleo de Pesquisa Histórica
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RBEP	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
USC	Universidade do Sagrado Coração
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE GERSON RODRIGUES	19
1.1 O caminho para chegar a fonte	19
1.2 Entre o professor e o cronista	23
2 O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE GERSON RODRIGUES	38
2.1 A ciência e a Sociologia	45
2.2 Pragmatismo e escola	50
2.3 A “vocação” de Bauru como centro educacional	53
3 PROFESSORES E ALUNOS NAS CRÔNICAS DE GERSON RODRIGUES	59
3.1 O professor “missionário” e o professor “modelador”	60
3.2 Entre o conformismo e a indignação	66
3.3 Os alunos como sinal de novos tempos	77
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	85
FONTES	85
BIBLIOGRAFIA	86
APÊNDICES	92
APÊNDICE 1 Quadro temático elaborado a partir do tratamento documental com as crônicas de Gerson Rodrigues	93
APÊNDICE 2 Crônicas produzidas por Gerson Rodrigues	97
APÊNDICE 3 Carta do Instituto Ginásial de Passo Fundo (RS)	120
APÊNDICE 4 Texto publicado no Suplemento Estudantino da Escola Normal e Colégio Estadual de Araçatuba	121
APÊNDICE 5 Carta da alunas do 2º Normal A do Instituto de Educação Ernesto Monte	123
APÊNDICE 6 Paródia de música ao professor Gerson Rodrigues	124
APÊNDICE 7 Ofício do CEESUB convidando-a para a inauguração da biblioteca	125
APÊNDICE 8 Relação dos livros doados à biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus	126
APÊNDICE 9 Carta da bibliotecária das Faculdades Integradas do Instituto Metodista de Ensino Superior agradecendo pela doação de livros	129

APÊNDICE 10 Carta da bibliotecária da Biblioteca “Rodrigues de Abreu” agradecendo pela doação de livros	130
ANEXOS	131
ANEXO 1 Capa elaborada para arquivar documentos de Gerson Rodrigues	132
ANEXO 2 Capa da tese apresentada à faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento	133
ANEXO 3 Militantes do jornal <i>Folha do Povo</i> , na década de 1940	134
ANEXO 4 Fotografia do momento de entrega da solicitação feita pelos membros da Federação das Sociedades Metodistas de Homens (5ª Região Eclesiástica) ao Presidente da Câmara Municipal de Bauru	135
ANEXO 5 Gerson Rodrigues (1913-1972)	136
ANEXO 6 Fotografia registrando um momento de Gerson Rodrigues e Helena Bastos Rodrigues com amigos	137

INTRODUÇÃO

Em 1950, Gerson Rodrigues (1913-1972) assume a cadeira de Sociologia Educacional no curso Normal oferecido pelo Instituto Educacional Ernesto Monte na cidade de Bauru, Estado de São Paulo. A partir desse ano, iniciara a publicação de inúmeras crônicas no jornal *Folha do Povo*¹, através da seção “Educação e Escolas”, levando, assim, a uma espécie de tribuna pública representações a respeito do tema que mais analisou: educação escolar. Como cronista, Gerson Rodrigues atuou no debate sobre educação e, mais particularmente sobre as questões pertinentes ao âmbito educacional bauruense, ao selecionar e promover os assuntos que deveriam instruir a opinião pública², a respeito do que seria pertinente debater, colocando-o, assim, como um intelectual de seu tempo.

Na história intelectual, situada entre as histórias política, social e cultural, os intelectuais podem ser considerados como produtores de bens simbólicos, atores do político e mediadores culturais, de alguma forma envolvidos com a vida da cidade ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento bem como de promoção de debates (SIRINELLI, 1996).

O interesse pelas crônicas escritas pelo professor Gerson Rodrigues e que circulara na imprensa do interior paulista, ajusta-se com a possibilidade de operar com o termo intelectual tendo em vista o deslocamento do eixo de observação, ou seja, das instituições (as escolas) para a experiência do sujeito que atuou na constituição do ofício

¹ A *Folha do Povo* foi fundada em 1933 e a partir de 1937 tornou-se diária. Dirigida por Paulino Raphael articulava diversas campanhas na cidade como forma de divulgar o jornal e fazê-lo ser reconhecido pela sociedade. Nele atuaram diversos redatores com forte expressão dentre a intelectualidade bauruense, como Correia das Neves, Helvécio de Barros, Celina Alves Neves, Jehovah de Oliveira. Encerra as atividades em 1968.

² Opinião pública: a opinião pública é de um duplo sentido, quer no momento de sua formação, uma vez que não é privada e nasce do debate público, quer no seu objeto, a coisa pública. [...] A opinião pública não coincide com a verdade, precisamente, por ser opinião [...]. A existência da opinião pública é um fenômeno da época moderna, pressupõe uma sociedade civil distinta do Estado, uma sociedade livre e articulada, onde existam centros que permitam a formação de opiniões não individuais, como jornais e revistas. [...]. (BOBBIO, 2009, p.842)

docente na cidade. Desse modo a operação com a noção de intelectual pretende considerar a dupla acepção proposta por Sirinelli (1996) que concebe a noção de intelectual desde uma “geometria variável”. Esta indica duas possibilidades para compreendermos o termo intelectual: de um lado, uma perspectiva ampla e sociocultural, abarcando os criadores e os mediadores culturais, jornalistas, escritores, professores secundários, eruditos, estudantes e demais mediadores potenciais; de outro lado, uma perspectiva mais estreita, permite reconhecer o intelectual a partir do seu engajamento na vida da cidade como testemunha, produtor ou difusor de opinião pública (SIRINELLI, 1996, p. 242). Nessa perspectiva é possível afastar-se de uma concepção que se contentava em considerar as trajetórias dos “grandes intelectuais” e, ao contrário, propõe-se:

[...] descemos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, até a camada mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política [...]. (SIRINELLI, 1996, p. 246)

A investigação de Carlota Boto (2005) ao analisar a constituição do ofício do professor primário português, no decorrer do século XIX, reconhece-o num campo intelectual específico, no qual o seu processo de formação articulava-se a própria constituição da cultura escolar, cuja abrangência inseria não apenas os saberes e as práticas de ensino, mas, também, os gestos e as feições, a formas de agir e de comportar-se no cotidiano da educação escolar. Assim, “compreendendo intelectual como aquele que sozinho ou coletivamente, se colocava diante de uma sociedade como portador de valores mais elevados e mais universalistas” (BOTO, 2005, p. 32) percebeu no discurso do professor primário português o seu “lugar como guardião de valores superiores da sociedade”. Um saber que estava além do saber típico do meio escolar, voltado a formação de valores, da moral e do civismo.

É nesse sentido, que o professor Gerson Rodrigues será percebido como intelectual, mediante as articulações que fizera no seu tempo com os grupos letrados, utilizando a escrita como suporte para propagação de ideias e como instrumento para convencer *o outro*. Entendo que de alguma forma ele participava dos embates relacionados sobre os rumos da educação, particularmente, aqueles que incidiam diretamente na cidade de Bauru e, o seu posicionamento expresso nas crônicas, acabava por fortalecer ou não compreensões sobre o papel de professores e alunos. É preciso considerar que o jornal por não ser destinado exclusivamente ao público escolar, constitui-se como fonte privilegiada para a história da educação porque permite compreender que a “educação acontece nas mais variadas instâncias, não apenas dentro da escola ou por intermédio das publicações voltadas especificamente para a leitura dos atores que compõem aquele universo, sejam eles professores e alunos.” (CAMPOS, 2009, p. 21)

A ampliação do campo de atuação do historiador devido à alteração da concepção de documento histórico passou a valorizar outras fontes, dentre as quais os jornais. No decorrer da década de 1970, conforme Luca (2005), ainda existia uma relutância em escrever a História tendo os impressos como fontes, apesar do entendimento acerca de sua importância. Em relação ao processo de expansão do campo temático comenta a historiadora:

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. Outras menos visíveis, apesar de talvez mais profundas, apontavam para a “passagem de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial para uma História que focaliza os sistemas culturais”, a fragmentação da disciplina, o esmaecer do projeto de uma História total e o interesse crescente pelo episódio e pelas diferenças. (LUCA, 2008, p. 113)

Pelo fato de representarem parte da sociedade na qual estão inseridos, os periódicos se tornaram fontes fundamentais para os estudos de temáticas diversas. A imprensa

tem propiciado não apenas o alargamento das fontes do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer, dentre outros, as práticas culturais³ de alguns grupos. Além de se constituírem em fontes para o pesquisador, os jornais também podem ser vistos como uma testemunha da história e um agente participativo ao representar a própria história (DARNTON, 1995).

Para as pesquisas na área da educação que se beneficiam desse alargamento do uso de fontes, emergente do debate profícuo promovido por tendências historiográficas atentas aos novos objetos, aos novos problemas e às novas abordagens, os jornais contribuem por seu caráter “fugaz e polêmico”, pela estreiteza de diálogo com a realidade, conforme podemos vislumbrar na afirmação:

A imprensa é, provavelmente, que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação,... São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia. (NÓVOA, 1997, p. 31)

O período a ser analisado é a década de 1950. Trata-se do momento em que o professor Gerson Rodrigues, transferiu-se para a cidade de Bauru a fim de trabalhar no Instituto de Educação Ernesto Monte. Ao mesmo tempo inicia sua participação na imprensa local, sobretudo na *Folha do Povo*, escrevendo e publicando suas crônicas quase diariamente.

³ Em relação ao conceito de cultura, considero Chartier: “[...]. Pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais, tal como faz C. Geertz: ‘o conceito de cultura ao qual adito [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida’.” (CHARTIER, 1990, p. 66-67)

É um período, também, de profundas turbulências⁴ para o ensino secundário no Brasil, como podemos constatar na seguinte colocação:

Em meados do século XX, a situação do ensino secundário no Brasil havia se alterado significativamente. A expansão expressiva, quando comparada às décadas anteriores, se ainda não propiciara uma democratização efetiva, caminhava a passos resolutos para essa direção à medida que se intensificava a demanda das camadas médias e de setores das classes populares e crescia a rede de escolas estaduais e particulares. Os dados surpreendentes deixavam atônitos os educadores que prognosticavam a derrocada irreversível da educação secundária aristocrática, tal como vinha ocorrendo em todo o ocidente. (SOUZA, 2008, p. 203)

O ensino secundário, a partir da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto n. 4.244, de 9/4/1942), denominada Reforma Capanema, compreende o 1º ciclo (ginasial) composto por quatro séries com a prevalência de conteúdo humanista e valores cívico-patrióticos e o 2º ciclo (colegial) organizado em três séries. Este último oferecia as opções clássico ou científico (SOUZA, 2000, p. 312). A organização do ensino secundário, segundo esta legislação, voltava-se, essencialmente, para a formação de uma elite condutora, o que fora alvo de inúmeras críticas por educadores e intelectuais do período.⁵ Tais estudos demonstram um desajuste quanto às finalidades do ensino entre a escola para “bacharéis” e a escola para o povo. Quanto à organização escolar, a reforma Capanema apesar de não apresentar muita diferença em relação à normatização fixada, anteriormente pela Reforma Francisco Campos, destaca-se “a padronização dos tipos de estabelecimento de ensino secundário – o ginásio destinado a ministrar o curso de primeiro ciclo e o colégio, compreendendo, além do curso ginasial, os cursos de segundo ciclo”. (SOUZA, 2008, p.172).

⁴ Algumas medidas de abrangência nacional são instituídas no decurso da década de 1950, como: projeto da Lei de Diretrizes e Bases, leis de equivalência, Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), Lei Orgânica do Ensino Secundário, as classes experimentais, reforma do ensino industrial. (SOUZA, 2000, p. 212-213)

⁵ Como demonstração de estudos que buscam perceber como os educadores interpretaram a crise do ensino secundário brasileiro ver análise de Souza (2008, p. 204-214) sobre o relatório de Jayme Abreu, feito em 1955 para ser apresentado no Seminário Inter-Americano de Educação Secundária realizado no Chile; e artigo de Braghini e Bontempi (2012) que investiga um conjunto de artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) ao longo da década de 1950.

Além disso, diante da rápida expansão do ensino secundário no país entre 1940 e 1960, a reforma Capanema “possibilitou a consolidação de um imaginário de excelência escolar cultivado nos ginásios e colégios, especialmente nos estabelecimentos públicos, compartilhado por gerações de brasileiros tendo ou não passado pela escola secundária.” (SOUZA, 2008, p. 186)

Compreender o pensamento educacional pelo olhar, pelo testemunho que o professor Gerson Rodrigues, pudesse dar de si mesmo e daquilo que pudesse captar ou quisesse destacar com sua lente, foi uma tarefa que exigiu a percepção histórica capaz de considerar a racionalidade inventiva do sujeito, comprometido, neste caso, com as questões do ensino. Nesse sentido, “o olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação.” (CHARTIER, 1994, p. 98)

Aproximei-me desse mundo perdido, por meio do *pronunciamento* de Gerson Rodrigues, requisitando às crônicas que escrevera e publicara na década de 1950 na *Folha do Povo*. A utilização destas crônicas como fonte primária de pesquisa se justifica, por sua importância como registro que informa como uma determinada representação de ensino vai sendo articulada de modo a influenciar a opinião pública. E, no caso deste estudo, Gerson Rodrigues, cuja autoridade profissional – professor de Sociologia do Instituto Educacional Ernesto Monte –, investe-o como um intelectual, autorizado a usar o jornal como tribuna.

A análise das crônicas pautou-se pela leitura atenta juntamente com o mapeamento dos assuntos que eram tratados e depois por seu agrupamento temático. Através da sequência obtida a partir dos procedimentos anteriormente mencionados, identifiquei que alguns temas abordados se repetiam com intensidade e outros apareciam poucas vezes. Com esse instrumento pude perceber os assuntos mais frequentes e de maior relevância no

pensamento de Gerson Rodrigues; o assunto mais amplo e também seu desdobramento. O quadro (Apêndice 1) foi elaborado a partir do tratamento documental descrito. As categorias professor e aluno do ensino secundário, presentes nas crônicas, tanto numa perspectiva direta (o assunto principal da crônica) como indireta (o assunto secundário da crônica) por sua recorrência, são centrais no pensamento educacional de Gerson Rodrigues. Reconhecendo que a frequência dessas categorias poderiam fazer emergir questões chave do pensamento de Gerson Rodrigues, destaquei-as para análise mais detida.

As crônicas da seção “Educação e Escolas” permitem enxergar com lentes mais próximas o movimento mais amplo de debate e representações sobre o ensino secundário na década de 1950. Desse modo, delimitou-se o problema dessa pesquisa: considerando que as ideias de Gerson Rodrigues faziam parte de uma construção social, quais práticas de representação acerca de professores e alunos em circulação na sociedade brasileira ele, reforçava e compartilhava, através de seu pensamento e presente nas suas crônicas, junto aos leitores da *Folha do Povo*?

Esta dissertação está organizada em três partes: a primeira trata da história e trajetória de Gerson Rodrigues, onde procuro destacá-lo como um sujeito cuja produção de conhecimentos e comunicação de ideias permite ocupar uma posição de reconhecimento na vida social e intelectual, sobretudo na cidade de Bauru. A segunda abordará o pensamento educacional do professor Gerson Rodrigues, suas representações como um intelectual especialista, intérprete do seu tempo, considerado pelos seus pares, como capaz de “traduzir” para a esfera pública as questões educacionais consideradas pertinentes para serem discutidas mediante interesses e conflitos educacionais que se apresentavam na sociedade bauruense no decorrer de 1950. E a terceira propõe análise mais detida sobre a sua concepção a respeito do papel de professores e alunos do ensino secundário e como suas ideias dialogam numa

perspectivas mais ampla com os embates educacionais da época, reforçando ou diminuindo o impacto dessas representações junto ao público de leitores do jornal *Folha do Povo*.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE GERSON RODRIGUES

1.1 O caminho para chegar à fonte

O Núcleo de Pesquisa Histórica (NUPHIS), mantido pela Universidade do Sagrado Coração (USC), em Bauru, Estado de São Paulo dispõe de uma farta documentação entre recorte de jornais e trabalhos de alunas, pertencentes ao arquivo de Gerson Rodrigues. Esta documentação fora entregue como doação pela própria família do professor. As crônicas foram organizadas, estão distribuídas em nove pastas e cobrem o período de 1940 até 1969. São recortes de artigos e crônicas publicados em diversos jornais, oriundos de cidades onde Gerson Rodrigues e sua família estabeleciam residência em função do trabalho que exercia nas escolas. A partir de uma síntese dessa produção que está disponível no NUPHIS, constatei que em vinte e oito crônicas assina com o pseudônimo “Negro Guerridos”, tendo por assunto essencialmente a literatura. Nas demais os temas, de modo geral, estão ligados à educação, literatura, família, religião, política e cotidiano. Uma relação contendo data e jornal de publicação, título da crônica e localidade, num total de setecentas e dezessete crônicas, esta disponível ao final do trabalho (Apêndice 2).

Além das crônicas de jornais, o NUPHIS, também, dispõe de um acervo contendo trabalhos das alunas normalistas. Como professor no Instituto de Educação Ernesto Monte, Gerson Rodrigues, orientou diversas alunas na elaboração de trabalhos na área social sobre a cidade de Bauru. Ele demonstrava preocupação em relação à preservação da história de Bauru e depõe a favor da criação de uma Biblioteca Municipal e de um Museu para a cidade⁶.

⁶ Podemos notar essa preocupação, por exemplo, nas seguintes crônicas publicadas por Gerson Rodrigues, na imprensa local: A história de Bauru está desaparecendo (13/3/1952); A revolução em Fortaleza – Porta aberta a rebelião (23/7/1954); A revolução em Fortaleza – digladiam-se duas cidades (24/7/1954); A revolução em Fortaleza – O grito de vitória (25/7/1954); A revolução em Fortaleza: O nascituro sobrevive (27/7/1954); A

Mobiliza, desse modo, as alunas normalistas na busca de informações para elaboração dos trabalhos, assim como determinados setores sociais que colaboravam com a empreitada. Este material, no entanto, não será analisado no presente estudo.

Observei através de um breve resumo da trajetória de Gerson Rodrigues, elaborado pelos arquivistas do NUPHIS que no início da década de 1970 atuava como professor e diretor na Instituição Toledo de Ensino (ITE), em Bauru, Estado de São Paulo. Supondo que aí se dera o último contato de atuação profissional dele, pois, falecera em 1972 e, com o intuito de ampliar o repertório de fontes para compreender melhor quem foi este personagem, iniciei contato com esta instituição. Infelizmente não obtive sucesso.

Ciente do fato de que as fontes documentais encontram-se dispersas, guardadas em várias instituições de memória, não poderia desistir ao menor obstáculo. Assim, na tentativa de encontrar explicações às perguntas que tinha em mente, colocava-me diante da tarefa de busca em outros arquivos, fontes do mesmo período e local, dados sobre a sociedade que pudessem revelar outras peças do quebra-cabeça. É quase como percorrer labirintos do passado, tendo somente um único fio, que me indicasse possibilidades. Ainda, tendo como pista o breve resumo, as cidades correspondentes aos jornais onde escrevia e a procedência institucional dos trabalhos das alunas recomecei novas buscas, tentando estabelecer outros contatos. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.” (GINZBURG, 1989, p. 177)

Utilizando como recurso a internet, observei no *site* do Instituto Americano de Lins (IAL) onde Gerson Rodrigues foi professor na década de 1940, uma seção designada “Associação dos ex-alunos”, onde consta uma foto e um relato de sua fundação. Notei que

revolução em fortaleza: uma vila cresce (28/7/1954); Uma vila cresce – terras novas (29/7/1954); Os primeiros bauruenses (3/8/1954); O prof. Gerson Rodrigues responde ao nosso repórter o significado do vocábulo Bauru (1/8/1961); Bauru, Centro cultural (7/9/1965); Biografia dos que deram nomes as ruas da cidade de Bauru (5/11/1967); Professor de Sociologia aceita sugestão do C.N.: recomposição da história de Bauru (31/11/1967);; Fatos da história de Bauru (s/d);; Historiografia bauruense (s/d); Meu bairro e sua biblioteca (s/d).

entre os responsáveis por sua inauguração estava Gerson Rodrigues. Oficializei por carta, via *e-mail* à possibilidade de acesso futuro ao arquivo dessa escola. Fica aqui uma dica para pesquisadores que tiverem por interesse essa temática. O desenvolvimento desse estudo prescindiu da utilização dessa documentação, disponível no Instituto Americano, pelo encaminhamento que teve o desenvolvimento dessa pesquisa.

Gerson Rodrigues chega a Bauru no início da década de 1950 para assumir o cargo de professor na disciplina de Sociologia no Instituto de Educação Ernesto Monte. Desse modo, seria essa escola um possível espaço de memória quanto ao seu percurso profissional no magistério paulista. Depois de algumas conversas, a diretora da atual EE Ernesto Monte, propiciou meu contato com o prontuário do professor Gerson Rodrigues; um conjunto de documentos que atestam sua atuação profissional. A documentação abrange os anos 1950 e 1960 e constam de requerimentos, correspondências, *curriculum vitae*, declaração para imposto de renda, certidão parcial de tempo de serviço, ficha escolar, portaria, horário de aula, questionário, atestados de frequência, adicional por tempo de serviço, revisão, título de liquidação de tempo de serviço, quadro demonstrativo de aulas excedentes, declaração de rendimentos, atestado de antecedentes criminais, certificado de sanidade e capacidade física, contagem de tempo, atestado, atestado de frequência, guia para inspeção de saúde, instruções sobre licenças e afastamentos, declaração, orientações.

Ainda faltava algo que me aproximasse de Gerson Rodrigues sob o ponto de vista que não centrasse apenas na profissão. No prontuário obtive acesso a informações que me permitiram saber o nome de seus familiares, esposa e filhos. Imaginei que poderia encontrá-los. A busca no *google* permitiu-me encontrar um possível endereço de sua filha. Conseguir um telefone não foi difícil! E, confesso minha satisfação, afinal, depois desta procura consegui entrevistar a sua filha. A entrevista norteou-se por algumas questões previamente elaboradas, entretanto, seu curso aconteceu de modo espontâneo, respeitando as lembranças e

esquecimentos da entrevistada. A entrevista aproximou-me de Gerson Rodrigues a partir das impressões, das vivências de seus familiares. No entanto, tive o cuidado de considerar que as lembranças de sua filha, estão inseridas num contexto e assim, são permeadas por inferências. Peter Burke (2000) descreve a memória como uma reconstrução do passado – uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. não sendo, portanto, atividades ingênuas e inocentes. Além da entrevista, ela permitiu-me o acesso a vários documentos pessoais de Gerson Rodrigues que estavam muito bem guardados e conservados. Foram duas tardes inteiras de segunda-feira na companhia dessa senhora, também professora e que demonstrou imensa admiração por seu pai. Os documentos são de diversas naturezas, mas observo a prevalência daqueles que remetem a atuação de Gerson Rodrigues no âmbito escolar, seja como aluno, seja como professor. São eles: três *curriculum vitae*, vários certificados, página do Diário Oficial, certidão, atestados, declarações, ofício, páginas de jornais, relação de livros, correspondências, convite de formatura, boletim escolar, recortes de jornais, cadernos com registro de livros, cópia de ata, a tese de formatura, receita médica, aviso prévio, contrato de trabalho, quadro demonstrativo de aulas excedentes, horário das aulas, concurso de remoção, ficha de exercício, designação, certidão parcial de tempo, relação de artigos publicados no jornal “A Comarca”, tempo de efetivo exercício, designação, guia de recolhimento, recibo, credencial, diploma, provisão, título de provimento interino, atestado de saúde, exame de admissão, título de eleitor, carteira nacional de habilitação, carteira do conselho federal de técnicos de administração, carteira profissional, passaporte, carteira de identidade, carteira da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).

A *fala* do professor Gerson Rodrigues chegou até nós pelas crônicas que escreveu e publicou na imprensa, preservadas e disponibilizados por agentes da memória, neste caso, sua família e o Núcleo de Pesquisa Histórica (NUPHIS). Este último é um centro de

documentação, um núcleo significativo de pesquisas sobre a história social e política de Bauru e região, fundado em 1983.

O valor dos arquivos pessoais se dá pela possibilidade de nos aproximarmos do verdadeiro protagonista da história. Por outro lado, compreender as suas motivações e suas ações não implica, necessariamente, reconhecer que os eventos ocorreram apenas como ele via, percebia ou queria. O esforço é para entender como ele via o mundo que o cercava, e como agia a partir dessa compreensão. Segundo Le Goff (2003) o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Assim, a existência de um arquivo é parte, também, de um esforço voluntário e involuntário dos seus agentes para impor uma imagem de si próprios.

1.2 Entre o professor e o cronista

Para além das Reformas Educacionais promovidas pelos gabinetes de secretários e ministros, e das sínteses propostas por estudiosos de assuntos educacionais, para conhecer a história e a trajetória do professor Gerson Rodrigues, apoiamo-nos em Le Goff (2003), o qual afirma que, ao desenvolver o seu ofício, o historiador não deve ter por foco apenas os grandes homens e seus feitos igualmente grandiosos. Na constituição da memória coletiva deve-se considerar, também, a experiência do homem comum, inscrita em lugares e fontes não oficiais e não institucionais.

Compreender o percurso de Gerson Rodrigues significa, acima de tudo, abrir uma janela para o ambiente intelectual do qual fez parte. De acordo com a perspectiva da história cultural, “as tentativas de decifrar de outro modo as sociedades”, longe dos grandes modelos explicativos, propõe considerar “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas

representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” (CHARTIER, 1991, p. 177).

Gerson Rodrigues nasceu em Igarapava, interior paulista, em 26 de agosto de 1913. Seu pai era Antônio Rodrigues do Nascimento e sua mãe era Antônia Cândida Ferreira. Gerson Rodrigues foi o primogênito de uma família de cinco filhos. Considero que a sua infância e adolescência foram vividas num contexto de cidade pequena e, sobretudo, ligada a uma vida rural, pois, uma passagem de sua crônica publicada em 1956, revela: “Sigo caminho e os nomes populares daqueles arbustos e árvores continuam dançando na minha lembrança que se volta para minha roça, meu cerrado, ao sítio de meus avós [...]”. Iniciou o estudo primário em 1924, no Grupo Escolar de Igarapava⁷, concluído em 1927. Afasta-se da escola por quatro anos, pois, retoma o estudo no primeiro ciclo do Curso Ginásial em 1932. O segundo ciclo, correspondente ao Curso Colegial, concluiu em 1935. Coursou os dois ciclos no Instituto Granbery⁸, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Encontrei informações sobre sua participação em diversas atividades estudantis nesse Instituto: foi Vice-Presidente do Grêmio Literário “Coelho Neto”; venceu o Prêmio de Contos “Miragem” no mesmo ano, competição anual entre todos os sócios; ainda, atuou como colaborador no jornal “Granberriense”, periódico da Instituição e aberto aos alunos; atuou como monitor no curso noturno de recuperação de alunos em 1935, além de ter sido responsável por grupos de estudos de alunos internos (regente de disciplina). Esta vivência de Gerson Rodrigues no interior da escola é algo característico nas instituições escolares no começo do século XX. De acordo com Souza (2008) “a vida estudantil nos estabelecimentos de ensino secundário brasileiros era marcada pelo conagraçamento intelectual, a criação de grêmios e associações estudantis, a prática de

⁷ Grupo Escolar de Igarapava: seu projeto, datado de 1909, fez parte de um projeto, elaborado por José Van Humbeeck, para 11 escolas. Foi instalada em 1914. Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. Acesso em 10/11/2015.

⁸ Instituto Granbery: Fundado em 8 de setembro de 1889 por J. M. Lander. Disponível em: www.granbery.edu.br. Acesso em 10/11/2015.

esportes, as seções artístico-culturais e uma pulsante imprensa, veiculando criações literárias e debates políticos.” (SOUZA, 2008, p. 129)

Obteve o título de Pedagogo em 1939, depois de cursar a licenciatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento – Universidade Católica de São Paulo⁹ no período de 1936 a 1938, defendendo a tese cujo título foi “O Ensino Secundário e o Problema da Disciplina” (Anexo 3). A elaboração desse estudo ao que parece, foi feita às pressas ou “às carreiras” como diz o professor Gerson no prefácio do mesmo, justificando, assim, suas imperfeições. Confessa-nos suas dificuldades por conta da falta de tempo, “tudo que aí vai foi lido rapidamente e pensado não raro no caminho de casa ao escritório: no bonde”. Antes mesmo do parecer dos examinadores ressentia-se ao fato de que a “extensão do tema escolhido não me permitiu ser tão breve quanto me propus de início. Há pontos repetidos”, diz ele.

Este período de formação de Gerson Rodrigues é bastante conturbado e contraditório. As repercussões do movimento revolucionário da década de 1930, anos de ascensão do fascismo, da intensificação dos conflitos ideológicos, do Estado Novo. Sua carreira, sua formação estão profundamente marcadas por estes eventos.

A atuação profissional de Gerson Rodrigues, na área da Educação acontece tão logo termina a faculdade. Em Passo Fundo permanece com sua esposa de 1939 a 1941 atuando como diretor no Instituto Educacional de Passo Fundo¹⁰. Ao que parece, a atuação do

⁹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento: primeira faculdade de Filosofia do Brasil. Localiza-se no Largo de São Bento, centro de São Paulo, junto ao mosteiro de São Bento, que data de 1598. Foi fundada em 1908, agregada a Universidade de Louvain, na Bélgica. Após um período em que foi incorporada pela PUC-SP, isso em 1946, volta as suas atividades em 2002. Disponível em: <http://www.faculdadedesaobento.com.br> Acesso em 10/11/2015.

¹⁰ Instituto Educacional de Passo Fundo: Em 1919 a intendência municipal de Passo Fundo ofereceu à Igreja Metodista a antiga praça Boa Vista para a instalação de uma escola. Iniciou suas atividades em 1920. Disponível em: www.iepassofundo.educacional.net/institucional.asp Acesso em 10/11/2015.

professor Gerson foi profícua, resultando, posteriormente em motivo para um agradecimento especial dos gaúchos (Apêndice 3).

Em meados dos anos 40, casado e voltando a morar no Estado de São Paulo, qualificou-se como Bacharel em Ciências Econômicas e Finanças, depois de concluir esta faculdade no Instituto Americano¹¹ em Lins. Ainda, pelo Conselho Federal de Técnicos de Administração, tornou-se Técnico de Administração. Em Lins, nasceu sua filha. Trabalhava no Instituto Americano ao mesmo tempo em que era diretor no Ginásio Estadual de Birigui, por 10 meses. Também lecionou no Colégio Estadual de Araçatuba (SP).

Quando de sua partida para Bauru, uma aluna, publica um texto no Suplemento Estudantino do Grêmio 24 de Março da Escola Normal e Colégio Estadual de Araçatuba, lamentando pelo fato do professor Gerson deixar a escola (Apêndice 4).

É representativa no âmbito da escola, a interpretação de Boto (2005) sobre o professor primário em Portugal, em fins do século XIX e começo do século XX. A autora citada atribui uma característica que qualifica o professor primário na condição de intelectual, a questão da sua presença na memória de seus alunos.

O professor primário é intelectual das gerações jovens. Fala e é escutado por elas. Revela-lhes o mundo, a seu modo. Incomoda (ou e, tantas vezes, desprezado; o que é pior) exatamente porque faz parte do seu segredo de ofício esconder o que se passa quando fecha as portas da sala de aula. É intelectual porque irradia saberes, crenças e convicções. É intelectual pelo lugar que ocupa no tabuleiro social, como formador de um dado consenso social, necessário para que haja alguma continuidade em um mundo que teme mudanças. É intelectual porque professa. É intelectual porque tem no ensino parte imprescindível de sua existência. Mas a característica que melhor qualifica sua condição de intelectual é também aquilo que torna inesquecíveis nossos primeiros professores: a lembrança que deles guardam seus alunos, dos tempos de escola primária. (BOTO, 2005, p. 42)

¹¹ Instituto Americano de Lins: Fundado em 1928 por Clement Evans Hubbard, missionário da Igreja metodista. Disponível em: www.ial.br/escola/index.php Acesso em 10/11/2015.

Notei que tal atribuição em relação ao professor Gerson Rodrigues, apesar de não ser do segmento analisado pela autora citada, obtém reconhecimento de suas alunas normalistas (Apêndice 5 e 6).

Embora tenha conseguido estabelecer um campo de sociabilidade favorável, seja em Passo Fundo ou na região de Araçatuba, Gerson Rodrigues outra vez irá se transferir de cidade como busca de estabilidade na carreira do ensino. Dessa vez, veio parar em Bauru (SP). Ingressou como professor efetivo¹² no magistério paulista nas disciplinas de Sociologia Educacional, em 1949 e Português, em 1951. Atuou até 1968 no Instituto de Educação Ernesto Monte¹³. Nessa escola e período, também foi diretor-fundador do Centro de Estudos Sociais “Gilberto Freire”.

A sua experiência docente no ensino secundário nessa escola aconteceu tanto no primeiro como no segundo ciclos: Português de 1951 até 1968 em ambos; Sociologia Geral e da Educação de 1949 até 1968 e Educação Social e Cívica entre 1956 e 1958; Português de 1951 a 1962, no segundo ciclo. Há que considerar, ainda, sua prática anterior no primeiro ciclo por ter lecionado Português em Passo Fundo (RS), no Instituto Americano de Lins (IAL) e no Ginásio Estadual de Agudos; Matemática na escola Normal e Colégio Estadual Oficial de Araçatuba; Latim no Instituto Americano de Lins (IAL). No segundo ciclo, Filosofia no Colégio Estadual de Araçatuba e Sociologia Geral e da Educação no Instituto Americano de Lins (IAL).

¹² Conforme Souza, “os concursos para ingresso na carreira docente serviam de ‘meio de entronização ao magistério’, reconhecimento público de competência profissional, mais valorizada do que a própria formação específica. Basta lembrar que os cursos de formação de professores secundaristas iniciaram-se nos anos 30 e que boa parte do magistério não possuía licenciatura. A estabilidade e a permanência na escola em decorrência do concurso facultavam aos professores públicos a criação de vínculos com o estabelecimento de ensino e com o grupo, reforçando laços de identidade profissional e institucional.” (SOUZA, 2008, p. 191-192)

¹³ Instituto de Educação Ernesto Monte: Em 11/8/1934 é criado o Ginásio do Estado, pelo decreto nº 6.601. Em 1945 passa a ser denominado Colégio estadual e Escola Normal de Bauru. Em 26/7/1951 a escola toma o nome de Colégio Estadual e Escola Normal “Ernesto Monte” e, finalmente em 7/8/1953 torna-se Instituto de Educação “Ernesto Monte”.

A escola onde se efetivara, em Bauru, antigo Ginásio do Estado, criado em 1934, teve a instalação do Curso Normal¹⁴ em 1945, específico para formação de profissionais do Magistério de 1ª à 4ª série. Data também dessa época a criação do Curso Primário no Instituto, que serviria como local de estágio para as normalistas. Havia aula todos os dias, incluindo os sábados e o período era de 4 horas diárias.

O Instituto de Educação Ernesto Monte, estabelecimento de ensino do Estado, mantinha os cursos ginásial, colegial, normal, aperfeiçoamento, especialização pré-primária, primário e pré-primário, era o maior educandário de Bauru na década de 1950. Possuía clubes de estudos, salas próprias com aparelhamento completo para diversas matérias, uma sala ambiente com vitrola, discoteca e quadros referentes a várias escolas musicais; dois jornais, o “Meridiano” e o “Pena Livre”. Uma biblioteca com funcionamento das 7h às 18h.

Disputava ao lado dessa instituição a cena educacional em Bauru outras escolas como o Colégio Guedes de Azevedo que possuía os cursos primário, ginásial, técnico de contabilidade e uma Escola Normal Livre e fora fundado em 1925. Também, o Colégio São José dirigido pelas Irmãs Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus com cursos primário, ginásial e normal, na condição de Internato e Externato. Foi fundado em 1922 pelo Padre Francisco Van Der Maas e em 1927 é transferido para as Irmãs Missionárias. E, ainda o Liceu Noroeste, escola fundada em 1935 contava com os cursos primários, ginásial, técnico de contabilidade e Escola Normal Livre.

O Instituto Educacional Ernesto Monte, apesar de ser a única escola pública entre as demais, atendia, sobretudo, uma pequena clientela,

[...] A escola pública, principalmente, era de excelente qualidade, embora sob o ponto de vista de alguns, ela não podia ser considerada uma escola pública porque não atendia ao público em geral, mas a uma clientela pequena e era, portanto, uma escola elitista. O ginásio era tido como de boa qualidade, com seu currículo

¹⁴ Segundo Souza (2008) a partir do Decreto-lei nº 15.235 de 28/11/1945 foi intenso o desenvolvimento de cursos normais funcionando em colégios no Estado de São Paulo.

incluindo latim, francês, inglês. Havia bastante rigidez na disciplina e nas exigências em geral, inclusive com relação ao horário. Os vencimentos dos professores da rede estadual equiparavam-se aos vencimentos de um juiz de direito [...]. Os alunos também eram tidos como excelentes. E o famoso Ernesto Monte, de ótima qualidade de ensino, aliava-se à demais escolas particulares também muito boas, com professores de excelente formação. O padrão de ensino do Ernesto Monte era considerado o melhor de Bauru. (DAIBEM; CASÉRIO, 1996, p. 65)

A característica política e econômica de Bauru mais marcante sempre foi da área urbana e como consequência desta, a indústria, o comércio e o setor de serviços. Então, na década de 1950 com exceção de algumas propriedades rurais de expressão, como a Fazenda Val de Palmas, a burguesia da área do comércio, que passou a investir, também, no setor industrial, compõe-se como um grupo expressivo e de grande influência na cidade. Isso significou um impacto, por exemplo, no tipo de encaminhamento da organização das escolas: na área profissional, o SENAI foi direcionado para formar mão-de-obra para a indústria; no ensino superior a Escola de Engenharia projetada para atender a mecânica ferroviária.

A partir das considerações de Losnak (2004) é possível perceber o eufórico movimento de ideias, na década de 1950, que justificavam a busca por iniciativas capazes de alinhar a cidade de Bauru a um grande centro urbano:

[...] representação presente na imprensa, indústria instaurava progresso, que expressava modernidade na cidade, entendida como sintonia ao novo, ao belo e ao atual, correntes nos grandes centros do país e do mundo. O moderno era considerado um modo de vida superior em diversos aspectos – aumento dos produtos de consumo, encanto com a tecnologia, embelezamento urbano, classes operárias urbanas na paisagem, sentimento de igualdade em relação aos grandes centros urbanos e cosmopolitas, aumento do número de empregos, crescimento da riqueza -, capaz de tornar a cidade mais sofisticada e até produzir um eleitorado mais satisfeito. Enfim, a intenção desses personagens em enaltecer a indústria tinha como questão central a tentativa de conquistar uma fase superior da sociedade e da cidade. De qualquer modo, as intenções não estavam descoladas da necessidade de sofisticar materialmente a urbe, o que aconteceu posteriormente. Uma dúvida importante suscitada a partir dessas polêmicas é: a que grupos e classes sociais bauruenses tal processo modernizador atendiam? (LOSNAK, 2004, p. 119-120)

E nesse contexto o professor Gerson Rodrigues, portador de um saber técnico, professor de Sociologia; reconhecido na sociedade bauruense, enquanto professor no Instituto de Educação Ernesto Monte, articulou-se com este grupo por meio de sua inserção na

imprensa projetando suas concepções de ensino para além da sala de aula, ao mesmo tempo, que contribuía com uma determinada representação de escola que atendesse as demandas da elite local¹⁵. Temos aqui outra dimensão de sua inserção intelectual que seria a de um intelectual especialista, figura já bastante requisitada, segundo Herschmann e Pereira (1994) desde o advento da República, pois, com o fim do regime escravista e o início do processo de formação de uma sociedade capitalista urbano-industrial, começa a se desenvolver “um universo cognitivo modernizante.” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 12)

Em 1993, 21 anos após seu falecimento, Gerson Rodrigues é homenageado numa solenidade de inauguração da Biblioteca do Centro Estadual de Educação Supletiva Presidente Tancredo Neves (CEESUB), em que fora escolhido como seu patrono (Apêndice 7). Este fato pode demonstrar duas evidências: primeiro, o professor Gerson Rodrigues ainda permanecia na lembrança de profissionais do magistério em Bauru e, a segunda sobre a força política do grupo que na década de 1950, apostava numa representação de Bauru como “cidade de escolas”.

Não podemos desconsiderar sua atuação junto a Igreja Metodista: foi Presidente da Junta Geral de Educação ocorre no quinquênio 1966 – 1970. O vínculo com a Igreja, desde a mocidade integrou Gerson Rodrigues num grupo de relações muito estreitas. Após seu falecimento, em 1972, a Associação das Sociedades Metodista de Homens – 5ª Região Eclesiástica, pleiteou com a administração municipal de Bauru, cujo prefeito era Alcides Franciscato, para conseguir a denominação de um logradouro com seu nome. A fotografia

¹⁵ Com o intuito de tentar caracterizar como era a formação dessa elite, a argumentação de Losnak é esclarecedora: “A eleição, elaboração e divulgação do projeto de cidade moderna e atualizada aos novos tempos foram possíveis por meio de vários agentes que estavam além dos grupos dominantes. A maior parte desses atores sociais era composta de trabalhadores assalariados: memorialistas, jornalistas, editores, engenheiros, arquitetos e técnicos da área urbana, funcionários com atividades intelectuais em órgãos públicos. Embora possa ser observada a presença de profissionais liberais, eles não pertenciam aos grupos dominantes (político-econômico), mas sim a uma elite intelectual afinada com os poderosos.” (LOSNAK, 2004, p. 36)

(Anexo 6) retrata o momento da entrega do ofício por membros da Sociedade Metodista ao Presidente da Câmara Municipal de Bauru, Alonso Capoi Padilha, no dia 24 de abril de 1972.

O contato com membros da Igreja Metodista, tanto em Bauru como em outras localidades era algo que o acompanhava há tempos; constatei, ainda, no seu universo de relações, o professor Silvio de Oliveira, o professor Octávio Médici, o professor José Dimas Ribeiro, o professor Aureo Parolo, o professor Isaac Portal Roldano, o Sr. Silas Braga Reis (administrador do Hospital Aimorés), Osvaldo Gaspar, jornalista.

Já no final da carreira no magistério da escola secundarista, Gerson Rodrigues começa atuar com mais intensidade no ensino superior. Na Instituição Toledo de Ensino (ITE) ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Ciências Econômicas no período de 1968 a 1971. Ainda, como docente atua na Faculdade de Serviço Social nas disciplinas de Economia Social entre 1965-1971; Política Social de 1966-1971 e Sociologia de 1963 até 1971. Nessa mesma Instituição, agora na Faculdade de Ciências Econômicas, trabalha Sociologia de 1964 até 1971 e na Escola de Educação Física, Sociologia da Educação, em 1971. Antes de vir para Bauru, em Lins (SP), no transcorrer de 1945, leciona Economia Social ou Política na Faculdade de Ciências Econômicas e Finanças. As fontes, também, me informaram sua passagem por Jaú na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIJA) entre 1966-1971, trabalhando a disciplina de Sociologia e Antropologia.

É possível entender essa incursão de Gerson Rodrigues escrevendo em diferentes canais de informação sob a perspectiva dos “intelectuais polígrafos”, proposta por Miceli (2001), acerca de um grupo de escritores brasileiros das primeiras décadas do século XX. Considerando a especificidade histórica do período estudado por este autor e aquele onde circulava o professor Gerson, vejo que este se encaixa na análise feita por Miceli (2001) pelo fato de tratar diversos temas seja em conferências, ou livros ou jornais e, também por manter

uma autoridade junto a um público leitor através de seus impressos (MICELI, 2001, CAMPOS, 2010).

Escreveu na imprensa bauruense, Folha do Povo, Diário de Bauru, Correio da Noroeste, Jornal da Cidade, e, também foi autor de outros textos, publicados em diferentes suportes. Os artigos “O Papel do Conhecimento Sociológico na Atividade do Educador” e “Sociologia, Ciência de Crises”, em 1955; “Espaciologia Social” (Distância Social, Status e Papel Social), datado de 1969; “As Interações Sociais e sua Polaridade” e “Geração Nova e Geração Velha (Análise sociológica do seu encontro), ambos de 1970. Publicou, em 1965, O homem e a sociedade (Fundamentos de Estudos Humanos e Sociais), voltado para Escolas Normais e Vestibulares. Destinados ao ensino superior, datam de 1969, Unidades Sociológicas (Sociologia Aplicada) 3 volumes; de 1970, Tradição e Mudanças Sociais (Unidades Sociológicas IV ou V); de 1971, Introdução à Sociologia (Unidades Sociológicas I), Os agrupamentos Sociais (Unidades Sociológicas II) e Sociologia da Educação (Unidades Sociológicas).

Notei que este tipo de produção, mais espaçado no tempo, em relação à escrita dos artigos para os jornais, tem início em meados da década de 1950 e se estende até 1971. São três artigos para revistas específicas: “O Mérito” do Instituto de Educação Ernesto Monte, “Oikonomia” da Faculdade de Economia e Administração – ITE – Bauru e “Educação e Desenvolvimento” do Departamento de Ciências da Educação da FAFIJA – Jaú. Quanto às demais publicações, entendi serem livros especializados: um voltado ao ensino secundário normal e os demais destinados ao ensino superior. Suponho pelos títulos das obras que o assunto abordado, por ele, versa sobre questões sociais

Há alguns lugares de atuação ocupados por Gerson Rodrigues, ou seja, cursos de aperfeiçoamento, comissões técnicas, grupos de trabalhos, congressos e simpósios como descreverei, capazes de proporcionar sua interlocução ativa com a sociedade, articulando

valores e conhecimentos, ideias e ideais. Parece-me aí um fazer intelectual, uma mediação de produção do conhecimento que se torna cultura, no sentido de comunicar-se com o mundo, com as pessoas.

Comentando sobre a profissionalização docente em Portugal, Boto (2005) ressalta a importância dos congressos e conferências pedagógicas para a constituição do elo e da solidariedade na categoria, como nos diz:

Estruturava-se, naqueles anos, uma tomada de consciência da categoria docente, como portadora de um lugar social específico e valoroso para constituir a estrutura simbólica da sociedade. A profissionalização do ofício docente traduzia, de maneira distintiva, os sentidos inscritos no trabalho cotidiano do professor de escola primária. Os congressos e as conferências pedagógicas ocorridos entre o final do século XIX e os primeiros anos do XX compunham um “espírito de classe” e referendavam elos de solidariedade que, entrelaçando os docentes como um coletivo profissional, alteravam e fortaleciam sua interlocução ativa e crítica com a sociedade a que pertenciam. Mais do que uma carreira, estruturava-se ali, uma comunidade de sentido. (BOTO, 2005, p. 22)

Como já disse, Gerson Rodrigues participou de vários cursos relacionados às suas áreas de interesse profissional e religioso. São constantes ao longo de sua trajetória, abrangendo as décadas de 1940 a 1960. Os cursos acontecem durante todo o ano, parte dele ou no período de férias. Participou na década de 1940 ou 1950 do curso de Aproveitamento pela Rádio Nacional – Universidade do Ar nas modalidades de Orientação Educacional com Profa Isabel Junqueira Schmidt; Sociologia com Prof Alceu Amoroso Lima; Psicologia Educacional com Prof Lourenço Filho; Fundamentos Biológicos da Educação com Prof Alair Aciolli Antunes; Língua e Literatura Luso-Brasileira com Prof Clóvis Monteiro; Língua e Literatura Latina com Prof Fernando Barata. Nas férias de 1948, foi certificado em Pedagogia, Filosofia e Língua e Literatura Latina, nas férias de 1951, em Sociologia pela Universidade de São Paulo, através do Departamento de Cultura e Ação Social que promovia cursos para professores do Magistério Secundário e Normal. Em 1965 fez o curso de Recursos Audiovisuais, promovido pela Secretaria do Estado dos Negócios da Educação; de Introdução ao Jornalismo, numa colaboração entre a Folha de São Paulo e a ITE e o de Administração

Escolar na FAFIJA, em 1969. Verifiquei, também, sua participação na década de 1960 no seminário Orientação Pedagógica para Professores do Centro de Formação e Treinamento Pedagógicos, promovido pela Inspetoria Seccional do Ensino Comercial e Centro de Formação e treinamento Pedagógico do IAL e o de Previdência Social promovido pelo Instituto Nacional de Previdência e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Ainda, nos anos 60 faz vários cursos para Obreiro de Escola Dominical promovido pela Junta Geral da Educação Cristã da Igreja Metodista de Bauru; participa do projeto Rondon como Professor Universitário e Integrante da Comissão de Planejamento. Em janeiro de 1971 comparece ao Ciclo de Conferências sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento dado pela ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra¹⁶.

Atuou como palestrante a partir de meados de 1960 para um público bastante diversificado, passando pela mocidade da Igreja Metodista e demais membros da mesma instituição nas cidades de Bauru, Campinas e Piracicaba; professores primários e secundaristas do Instituto de Educação Ernesto Monte e alunos do ensino superior da FAFIL e FAFIJA. Os temas, obviamente acompanhavam a variedade dos espectadores, mantendo, entretanto, afinidade com questões sociais, como podemos observar pelos títulos: “Teoria da Comunicação” no Instituto de Educação Ernesto Monte aos professores primários e secundários inscritos, 1965; “A busca do diploma” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bauru na Semana das Vocações, 26/10/1965; “Vocação” proferida à sociedade da

¹⁶ No capítulo 3 desta dissertação a análise sobre o entendimento de Gerson Rodrigues acerca de alunos e professores remete a noção do “aluno-soldado”. Assim, considerei necessário este apontamento: “A origem da ADESG é praticamente simultânea à da ESG, e remonta à formatura de sua primeira turma de estagiários. A instituição foi fundada em 7 de dezembro de 1951, dois anos após a criação da Escola Superior de Guerra. Surgiu como uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de duração ilimitada, considerada de utilidade pública pelo Decreto 36.359, de 21 de outubro de 1954, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro. A ADESG surgiu com objetivos bem especificados: preservar e projetar os valores morais e espirituais da nacionalidade; incentivar, cada vez mais, a amizade e a solidariedade entre os seus membros; difundir conceitos doutrinários e estudos conjunturais relacionados com a Segurança e Desenvolvimento, com ênfase na Defesa Nacional, observados os métodos e pesquisas da ESG; além de desenvolver outras atividades de natureza cultural e educacional.” (SEPULVEDA, 2010, p. 202-203)

Igreja Metodista de Bauru em 23/4/1967; “Mocidade, como é e como é vista” proferida à Mocidade da Igreja Presbiteriana de Jaú, 1968; “O conflito de geração” proferida na Igreja Metodista de Campinas, 1968; “O que pensam a Nova e a Velha Geração no contexto histórico-social e religioso do Brasil” do XII Congresso das Sociedades Metodistas de Jovens em Piracicaba, 1969; “Mocidade de Hoje” na Igreja Metodista de São Bernardo (Campinas) de 17 a 18 de maio de 1969; “Um pouco de Nordeste aos olhos de um sulino” – com impressões sócio-econômicas do Planejamento da SUDENE, feita aos alunos da Faculdade de Serviço Social de Bauru, 1969. Repetida à mocidade da Igreja Metodista de Bauru; “Impressões de uma viagem aos Estados Unidos” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú aos alunos dos Cursos de Pedagogia e História, 1970; “O conceito de pessoa humana no Individualismo e no Socialismo e suas consequências” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú no Curso de Extensão Universitária “Jornada Pedagógica”, 1970; “Aspectos Sociológicos da Realidade Brasileira” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú, no Curso de Extensão Universitária “Realidade Brasileira”, 1971; “A Sociedade: Aspectos Sociológicos da Realidade Brasileira” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus no Curso de “Perspectivas Culturais do Brasil”, 1971.

Participou em comissões técnicas ou grupos de trabalhos, congressos e simpósios sempre associados com a temática social, educacional ou religiosa. Aconteciam, em sua maioria na cidade de São Paulo, e um deles foi nos Estados Unidos. O I Congresso Brasileiro de Sociologia promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia, sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Fundação da cidade de São Paulo, em 1954; a I Consulta Missionária Metodista do Nordeste em setembro de 1969, um encontro com membros da SUDENE e missionários religiosos (metodistas e outros), promovido pela Junta Geral de Educação, Junta Geral de Missões e Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista; o *The*

General Conference of the Unidet Methodiat Charch-St. Louis, em Missouri, nos Estados Unidos como Delegado leigo da Igreja Metodista do Brasil.

Consta, ainda ter disputado, em 1955, uma cadeira no legislativo pelo PTB pela vereança na cidade de Bauru. Assumiu como vereador suplente, chegando a ocupar o cargo.

Gerson Rodrigues, professor, cronista de jornal cultivava uma farta biblioteca. Pude conhecê-la um pouco através de registros do seu arquivo, várias relações das obras que dispunha em sua residência (Apêndice 8). Outras demonstram os últimos empréstimos de que fizera em bibliotecas. O acervo, após seu falecimento foi doado para instituições, conforme constatei pelas cartas de agradecimento que localizei no seu arquivo, enviadas pelas bibliotecárias responsáveis pelas instituições beneficiadas com a doação dos livros.

O professor Gerson Rodrigues aparenta ter sido um homem de probidade pessoal, dedicado a realização de objetivos que considerava de interesse público. A doação de seu arquivo pessoal, contendo os recortes de jornal com suas crônicas e trabalhos de suas alunas normalistas ao NUPHIS da USC, além de sua biblioteca pessoal para diversas instituições - a biblioteca pública de Bauru Rodrigues de Abreu, a Instituição Toledo de Ensino e a FAFIL - pode ser entendida como um gesto coerente com esse passado (Apêndice 9 e 10).

Por outro lado, a manutenção do arquivo pessoal de Gerson Rodrigues, a valorização do vestígio pode ser entendido como um processo de construção de si, de uma imagem que está se criando para a posteridade. Revela-se um desejo de se perpetuar no futuro, “ao se arquivar, o escritor manifesta o desejo de vencer o tempo, permanecendo na memória de um povo ou de um país” (MARQUES, 2003, p. 150). Portanto, pode-se concluir que há uma intencionalidade na prática desse arquivamento.

Compreender o professor Gerson Rodrigues como intelectual é aproximá-lo dos homens de seu tempo, observar sua inserção em redes de solidariedade e disputas. O fato de ser a instrução pública sua ocupação profissional, além de tema principal nas suas crônicas,

evidencia o lugar que ocupa no debate intelectual presente na cidade de Bauru, em meados do século XX. Além disso, considerando uma reflexão de Gusmão (2006), o professor Gerson pode ser visto como portador de símbolos do progresso como o domínio da cultura escrita, a assinatura de jornais e de revistas, viagens, carros e hábitos mais refinados, e assim, afirmava-se como modelo de subjetividade e de comportamento para os alunos e amigos – “alvo de uma ação regeneradora e emancipatória”. (GUSMÃO, 2006, p. 82)

CAPÍTULO 2

O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE GERSON RODRIGUES

O professor Gerson Rodrigues ocupou um lugar, um espaço de diálogo, além da sala de aula: o jornal. Posicionou-se a partir desse veículo de informação sobre várias questões de sua época. Elencou e discutiu inúmeros problemas, sobretudo aqueles relacionados ao tema da educação escolar. Atuou em várias frentes culturais da cidade de Bauru e região nas décadas de 1950 e 1960: escreveu na imprensa bauruense, publicou artigos em revistas, participou de cursos de aperfeiçoamento, comissões técnicas, grupos de trabalho, congressos, simpósios e campanhas.

Nesse período, fica evidente o posicionamento do professor Gerson Rodrigues enquanto um “intelectual especialista”, pois, mobilizava todo o seu repertório de conhecimento e formação em Sociologia para compreender as questões educacionais da época e, a partir disso, propagar ideias que fossem ao encontro dos ideais que se pautavam nos mesmos pressupostos científicos. Tais considerações resultava de sua crença na possibilidade da ciência como propulsora da “regeneração” da sociedade, e, neste caso, específico, do ensino secundário. As representações afirmadas e compartilhadas por ele, enquanto professor secundarista de Sociologia Educacional, permitiu vislumbrar seu pensamento e posicionamento educacional e, assim, vê-lo como um sujeito específico de um determinado tempo e lugar.

As crônicas que selecionei para análise pretendem oferecer uma visão do pensamento educacional do professor Gerson Rodrigues, buscando identificar seu diálogo com o contexto da época, prioritariamente a cidade de Bauru na década de 1950. Reconheço a proposição de que as ideias também são mobilizadas na sociedade através da vivência dos intelectuais que as produzem, debatem e problematizam a partir de certos lugares, como exemplo, o jornal. Segundo Capelato (2005) é preciso compreender:

[...] o universo das ideias não como um contexto no qual se situa o trabalho intelectual, mas relacionado ao mundo social e político no qual ele se insere. As ideias não são entendidas, portanto, como algo exterior a esse mundo, mas como substância mesma da tarefa dos intelectuais que se expressam, através das ideias – suas matérias-primas – sobre a realidade vivida, que eles procuram, ao mesmo tempo, traduzir e modificar. (CAPELATO, 2005, p. 349)

Ainda no início de sua carreira, em 1940, como professor na escola Metodista em Passo Fundo (RS) já escrevia Gerson Rodrigues num jornal local, o *Diário da Manhã* e, interessa para fins deste estudo, uma reflexão dele sobre a questão da opinião pública porque a sua participação quase diária na imprensa, demonstra que na mobilização de ideias e de concepções poderia atuar de algum modo na qualidade de “guia” ou “orientador” dos leitores do jornal *Folha do Povo* que o acompanhavam, mais diretamente e da sociedade bauruense num âmbito geral. Vejamos o que ele escreve:

[...] a opinião do povo é a opinião de que um indivíduo faz prevalecer coletivamente. É como uma ressonância de um pensamento particular... É preciso distinguir, mas concordar que em parte é isso mesmo. Não o é na totalidade, pois opinião pública torna-se alguma coisa autônoma da particular: acaba existindo por si mesma. É fruto do bom senso, da ponderação originada daquele famoso e histórico “grão de verdade”, de que nos falou o filósofo grego. Si a sua voz representativa parte de uma cabeça pensante inicial, o que é inevitável e necessário [...] neste mundo em que os mais ousados prevalecem sobre os demais...

Assim, o bom-senso, o senso-comum é espelho de todas as mentes e corações em que refletem as opiniões dos que ousam dizer primeiro as cousas. Si estas são projetadas sobre a superfície polida, podem ser pelos espelhos, refletidas, absorvidas ou desviadas para abismos sem encontrar aceitação. Refletidas, passaram adiante. Absorvidas podem ser assimiladas e guardadas. Abismadas, desaparecerão. É por isso que se fazem campanhas políticas, propagandas, programas, planos, comentários, etc, para fazer a opinião pública favorável! [...]. (16 jul. 1940)

O professor Gerson Rodrigues reconhece que a opinião pública não é a soma das opiniões do público em geral, é a “ressonância de um pensamento particular”. Diz ainda, que na sociedade onde se opera um campo de disputas prevalece a opinião dos “mais ousados”, daqueles que “ousam dizer primeiro as cousas” e, assim, se justifica a mobilização de inúmeros recursos como “campanhas políticas, propagandas, programas, planos, comentários” para “fazer a opinião pública favorável”.

Embora, hoje, praticamente desconhecido, Gerson Rodrigues, ao publicar suas crônicas nas páginas da *Folha do Povo*, por duas décadas, atua no campo das disputas travadas nos meios intelectuais bauruenses e na busca de reconhecimento ou autoridade junto ao público, debate ideias e se posiciona sobre as questões educacionais da época. Visto a partir dessa articulação compartilho da noção proposta por Sirinelli (1996) de intelectual como mediador cultural, em que “estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 1996, p. 242).

No uso da crônica, Gerson Rodrigues, explorou as potencialidades estratégicas deste gênero: sua linguagem simples, seus temas ímpares e, por ter o cotidiano enquanto matéria-prima, assegurou a capacidade para tratar de forma leve e humorística, ou de maneira engajada e comprometida, assuntos inusitados. Antonio Cândido (1984) comenta que na década de 1930 a crônica moderna passou a ser um gênero muito cultivado entre escritores e jornalistas brasileiros e, seu prestígio seria o processo de busca da oralidade na escrita e de que este discurso “na sua despreensão, humaniza”, afinal, “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisas sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia” (CÂNDIDO, 1984, p. 5). Assim, apropriando-se desses recursos estilísticos, Gerson Rodrigues imprime aos seus escritos um sentido, e, talvez nisso possamos vislumbrar as razões da longevidade de sua atuação como jornalista, pois, suas crônicas “não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (CÂNDIDO, 1984, p. 9).

Em 20 de maio de 1950, ocupando a terceira página do matutino *Folha do Povo*, a seção “Educação e Escolas” é inaugurada, segundo Gerson Rodrigues, com a intenção de ser um “cantinho semanal” para comentar sobre problemas relativos à educação e às escolas “tomadas as duas palavras na sua mais ampla e variada significação”. Dentre os objetivos esclarece a preocupação em contribuir com a formação da mocidade escolar, com a

aproximação de professores e pais, bem como alunos e educadores. O professor Gerson Rodrigues comenta, também, que *Educação e Escolas* será levada adiante juntamente com “estudantes que militam nas lides do Centro de estudos Sociais com a cooperação de professores e colegas de outros cursos”.

Reparei que dentre as quarenta crônicas analisadas no ano de 1950, as três primeiras, publicadas no mês de maio, não tem a identificação de autor; aquelas que estão entre 1º de junho e 19 de julho aparecem com a autoria C.E.S. (Centro de Estudos Sociais)¹⁷; as publicadas no período de 27 de julho a 11 de outubro seguem com G.R. como assinatura. Estas veem sempre ao final do texto. Na última, de 7 de novembro, aparece logo abaixo do título a identificação do autor Prof. Gerson Rodrigues. Suponho que tal recurso de autoria não esteja diretamente ligado à função de opinante dos acontecimentos, mas exerce um papel flexível, na medida em que, Gerson Rodrigues, recém chegado à cidade de Bauru procurava reconhecer seu espaço e sua liberdade de criação. A autoria, assim, não transmitia a posição de um alguém irredutível ou taxativo em seus pontos de vista, que se mostrasse de certa maneira previsível em suas colocações. Demonstra, outrossim, alguém que tivesse medos, questionamentos, incertezas, então, agiria com cautela. Afinal, podemos considerar, guardadas as devidas proporções históricas, a análise de Miceli (2001) sobre a trama que permeia o ofício de jornalista nas primeiras décadas do século XX:

O controle dos jornais constituía um dos principais móveis da luta em que estavam envolvidas as diversas facções oligárquicas. Um jornal era forçosamente o porta-voz de grupos oligárquicos, seja daqueles que estavam no poder (a “situação”), seja dos que estavam momentaneamente excluídos do poder. [...]. Os escritores engajados [...] viam-se obrigados a identificar-se com os interesses políticos do jornal para o qual trabalhavam; o êxito que alcançavam por meio de sua pena poderia lhes trazer salários melhores, sinecuras burocráticas e favores diversos. (MICELI, 2001, p. 55)

¹⁷ O Centro de Estudos Sociais (C.E.S.) organizado pelos alunos da Escola Normal Oficial sob a coordenação do professor de Sociologia, Gerson Rodrigues, no ano de 1950. Disponha de três departamentos: Sociologia Geral, Sociologia Educacional e Civilização Brasileira. O objetivo dessa iniciativa era tornar a disciplina de Sociologia menos verbalista e mais de observação, levando os alunos a procura de fontes e ao contato com livros e promoção de seminários.

A *Folha do Povo* foi fundada em 1934 e dirigida até 1960 pelo pernambucano Paulino Raphael. Este chegou à Bauru em 1927, iniciou sua vida profissional como comerciante e atuou ao longo de sua vida em diferentes instituições e organizações da cidade: Liga de São Lázaro, Aero Clube de Bauru, *Lions Club*, Irmandade a Santa Casa, Loja Maçônica, Associação Comercial e Industrial de Bauru (ACIBA). Na década de 1960 a *Folha do Povo* passou a pertencer a família Toledo, proprietária da Instituição Toledo de Ensino (ITE). Dos antigos jornais foi o que mais durou, pois, circulou durante mais de trinta anos. A redação e as oficinas situavam-se na Avenida Rodrigues Alves, no centro da cidade.

Não encontrei evidências que pudessem demonstrar as razões concretas de como e porque Gerson Rodrigues iniciou sua participação na *Folha do Povo*¹⁸. Considerando, entretanto, que sua atuação em jornais já é algo corriqueiro em sua passagem nas cidades de Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul no período de 1939 a 1941 e Araçatuba, no Estado de São Paulo em meados da década de 1940, que sua movimentação por estas e outras cidades acontece por conta da profissão de professor, e sua declarada intenção junto a um determinado público já na primeira crônica ao escrever:

Que concorra de algum modo para aproximação de nossas salas de aulas com os lares, de professores com pais, de alunos com educadores. Que possa ajudar de algum modo para a formação de um maior entendimento entre as escolas e as famílias, através dos leitores sempre atentos que manuseiam curiosos e interessados, cada manhã, as páginas deste jornal. (20 mai. 1950)

¹⁸ A seção “Educação e Escolas” ocupou espaço nas páginas da *Folha do Povo* de 1950 a 1965. Percebo, entretanto, que houve período de interrupção. E quando retornava a publicação, Gerson Rodrigues fazia considerações como estas: “Há cerca de uns oito anos, por alguns meses, mantivemos na FOLHA DO POVO (que nos abriu suas páginas com a costumeira cortesia que a caracteriza), uma seção sob a epígrafe ‘Educação e escolas’, cuja aceitação se fez notar até por outros jornais que às vezes e alhures transcreviam nossos comentários. Voltaremos gora ao nosso cantinho, pela mesma gentileza que outrora nos acolheu.” (22 nov. 1959). Em outra ocasião “Ao reiniciar ‘Educação e Escolas’, na FOLHA DO POVO tenho por objetivo tratar de problemas de ensino de alunos, de escolas, de disciplinas, etc. Erguê-los bem alto apresentando um mostruário do que existe, de fato e de interesse para a formação das novas e esperançosas gerações!” (1 set. 1965)

Pode-se vislumbrar, numa primeira instância que sua intencionalidade como novato na cidade e professor no conceituado Instituto Educacional Ernesto Monte, fosse conquistar reconhecimento junto a esse público, assim como ocupar um lugar de legitimação e prestígio social, pois, escrever nas páginas da *Folha do Povo* atingiria, não apenas leitores do seu ofício, mas um público mais amplo.

A educação escolar foi o assunto mais debatido em suas crônicas. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, Gerson Rodrigues contribuiu com a *Folha do Povo* a partir das seguintes seções: Crônica do Dia; Crônica da Semana; Instantâneos; Educação e Escolas; Feito, Fazendo e a Fazer; Carta sem Endereço; Meu Ponto de Vista; Leitura da Semana; Questões Sociais; Folha Literária e Marco Zero. O arquivo de textos jornalísticos escritos por ele e, que tive acesso, estão todos recortados da página do jornal de origem. Assim, algumas informações ficaram omitidas, dificultando, por exemplo, o reconhecimento preciso a respeito das seções que em algumas ocasiões constatamos, seja pela impressão gráfica, seja pelo registro à mão. Até mesmo, não posso afirmar se haviam e quem seriam outros colaboradores dessas seções. Entre as onze seções identificadas, “Educação e Escolas” é aquela que sinaliza uma permanência mais longa; as demais indicam menor durabilidade e, também, dividem a temática sobre educação escolar com outros assuntos considerados pelo professor.

Nesse período, a *Folha do Povo*, composta por quatro páginas, trazia o conteúdo disposto em quatro colunas verticalizadas. A primeira página era quase que totalmente preenchida por notícias internacionais, nacionais e locais, sendo que as de maior destaque traziam também fotografia. Nela ainda estavam dispostos pequenos anúncios. Na segunda página encontravam-se anúncios e editais; já na terceira, além das publicidades e comunicados, diversas seções, entre elas “Educação e Escolas”. Por fim, a quarta página era composta por notícias, com destaque para as policiais, outras seções e propagandas. O

jornalismo praticado na *Folha do Povo* buscava incorporar as novas tendências do setor¹⁹, tendo a notícia, a informação e a publicidade como focos de sua organização. O jornal, atuando como mediador do debate público interagiu com a realidade urbana que constituía o cenário de Bauru apresentando possíveis leituras sobre aquele contexto.

Em linhas gerais, as crônicas do professor Gerson Rodrigues recriam e redimensionam acontecimentos jornalísticos e se ocupam de situações em que predominam o sentido conotativo. As preocupações dele buscam diferentes questionamentos em diversas esferas: metafísica, filosófica, existencialista. Não podemos desconsiderar que o jornal, como um suporte para materialização dessa crônica é um instrumento de interesses diversos (público e privado) atua na vida social e, conseqüentemente, não fica neutro aos acontecimentos, às ideias e às concepções²⁰, ou não é alheio à realidade histórica na qual está inserido.

Desse modo, a partir das crônicas que escrevera, ao longo da década de 1950, na *Folha do Povo*, constateei três vertentes do seu pensamento, muito característico desta confluência dos três elementos – sujeito (o professor), lugar (o jornal) e contexto (Bauru-1950): o discurso que justificava o uso das ciências como possibilidade de alavancar a sociedade bauruense na perspectiva de modernidade do pós-guerra e a Sociologia como ciência chave para essa missão; a aposta no pragmatismo como principal recurso para a escola contribuir na reestruturação dessa sociedade e a elaboração da representação de Bauru como “cidade das escolas”.

¹⁹ As reformas dos anos 1950 representam um marco na história da imprensa brasileira, que assinala a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo. (RIBEIRO, 2007)

²⁰ Cabe aqui considerar à noção de “agendamento” proposto por estudos sobre o jornalismo ao reconhecerem que os assuntos selecionados pela imprensa “pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas tem [...] uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar” (COHEN, 1963, *apud* TRAQUINA, 2001, p. 18).

2.1 A ciência e a Sociologia

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a década de 1950, se inicia com mudanças no panorama internacional e dentre eles, destaca-se o retorno do liberalismo sobretudo por conta da derrota dos países totalitários na guerra, a expansão do socialismo, as propagação das ideologias reformistas de cunho liberal ou socialista. Internamente, o Brasil acompanha as mudanças seja por pressões internas e/ou externas: regime democrático, programas reformistas, política liberal.

Os movimentos pela ciência no Brasil intensificaram-se no final dos anos 1940 e se expressaram concretamente com a criação de um órgão nacional²¹ para estimular a investigação científica e tecnológica no país, nas propostas de reformulação do ensino superior, ressaltando o papel da universidade como espaço de pesquisa e no ensino fundamental com a incorporação dos fundamentos científicos ao currículo escolar e a atualização dos professores em relação as descobertas científicas.

Nessa perspectiva, podemos compreender um pouco a ênfase do professor Gerson Rodrigues sobre a relação do ensino e o desenvolvimento da ciência, entendendo que o planejamento educacional nessa direção poderia influenciar no aperfeiçoamento humano (no caso específico aqui tratado, os professores secundaristas) e assim, atuar no progresso da sociedade bauruense. Ele critica a situação de isolamento dos profissionais do magistério que trabalham no interior do Estado de São Paulo. Na sua compreensão, a educação, adaptada às exigências do saber científico deveria ser compreendida como uma agência de mudança cultural. E como forma de cultivar nos professores uma postura de interesse frente aos “meios sociais e intelectuais mais adiantados”, utiliza o espaço das crônicas para divulgar eventos que

²¹ A criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a sigla Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) cuja função de implementar programas de auxílio à formação e aperfeiçoamento de pesquisadores e técnicos.

seriam oportunidades nessa direção. Assim temos no excerto a seguir a apresentação de um congresso a ser realizado por ex-alunos da Faculdade de Filosofia de São Paulo, em Bauru. Vejamos em seu discurso os motivos para aproximar os professores do mundo “civilizado”:

[...]. Quando um grupo social, por exemplo, um grupo profissional se isola no interior, passa a ter um modo de reação e ação social diferente da de outro grupo social, da mesma natureza, mas que continua a manter constantes contactos com a civilização. É o que se dá com os professores que perdem o contacto com os meios culturais mais renovados, que deixam de entrar em comunicação com os meios sociais e intelectuais mais adiantados. Isolado no interior, qualquer profissional liberal que perder o contacto com a civilização [...] com os círculos culturais progressistas; que deixar de se pôr em dia com a evolução da ciência e do mundo, ficará como alguém parado á margem da estrada: enquanto as caravanas do progresso e da civilização passam, ele fica olhando e ... para trás! Um dos motivos que levaram os ex-alunos da Faculdade de Filosofia de São Paulo a se congregarem , num primeiro congresso, foi exatamente para pôr em dia os seus ex-alunos com a marcha dos tempos, da cultura e da ciência! [...]. (7 jul. 1950)

A crença no progresso pela educação e pela ciência aparece como a “chave-mágica” que resolveria todas as contradições no plano do discurso, que funcionaria “como dispositivo político”, que faz girar os empreendimentos e as aberturas, alternâncias de males do passado e benesses do futuro (LAHUERTA, 1997) Como demonstração de sua crença inabalável nos pressupostos da ciência, Gerson Rodrigues endossa a utilização da estatística como um controle racional para do planejamento da administração pública, como forma de reconhecer realmente o perfil social da sociedade:

O certo é que precisamos de estatísticas exatas, atualizadas e verdadeiras quanto ás informações, para que nos conheçamos no que somos e valemos. Precisamos passar do terreno dos palpites e estimativas, das aproximações, para os dados corretos, matemáticos, de valor técnico, científico. (10 jun. 1950)

No campo da educação ajudaria evidenciar características de movimentos que iniciavam no seu interior visando a possibilidade de maior organização e controle desta política educacional em questão, ou seja, a campanha de alfabetização de adultos que estava em andamento,

Entre os problemas que o censo de 1950 fotografará, o que se refere aos resultados da “campanha de alfabetização de adultos” será dos mais importantes. Qual a

porcentagem de analfabetos atualmente? Teria diminuído? No caso afirmativo, tais resultados contribuíram para um melhor aproveitamento do homem que sabe ler, para torná-lo elemento mais produtivo e integrado à vida brasileira? (10 jun. 1950)

É evidente no discurso do professor Gerson Rodrigues a subordinação da ciência à ação, ao prático, à vida, aquilo que fosse mais imediatamente necessário para garantir as exigências da sociedade. A demonstração desse posicionamento fica evidente numa crônica, tecida por ele como resultado de uma visita ao SENAI, em Bauru:

Eficiência, ciência e saúde são os três aspectos que sintetizam ao nosso ver, a obra educacional do Senai. Uma simples e ligeira visita nos convence desta realidade, quando penetramos os umbrais de uma escola do SENAI. Ali há trabalho em que as mãos se ativam, em que os sentidos humanos estão alertas, em que os olhos e dedos se conjugam para uma aprendizagem real, pelo fazer. O “*learning by doing*” dos americanos se patenteia claro e prático, vivido e experimental, com êxito e atualidade: ali se aprende fazendo. (27 jul. 1950)

Fica em destaque no discurso das crônicas do professor Gerson Rodrigues a valorização da Sociologia enquanto ciência aplicada, cuja base científica seria essencial para a organização do ensino, como meio de sustentá-lo, considerando a realidade social e não apenas pressupostos teóricos ou de ideais. Podemos notar como indício desse discurso quando o professor Gerson relata sobre a Semana Euclidiana, um evento típico da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, localizada 95 Km de Bauru, onde se mobilizava a comunidade escolar em “sessões de inter-classes” numa discussão acalorada sobre a formação étnica brasileira a partir de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, bem como a iniciativa do Centro de Estudos Sociais (C.E.S.), vinculado ao Instituto Educacional Ernesto Monte de Bauru ao promover “um estudo *in loco*” de suas alunas normalistas na Escola Prática de Agricultura Gustavo Capanema.

O Centro de Estudos Sociais “Gilberto Freire” não quis deixar “passar em branca nuvem” a Semana Euclidiana, que é uma das comemorações mais importantes levada a efeito na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, que bem poderia chamar-se “Euclidopolis”. Através do seu Departamento de Civilização Brasileira, realizando uma sessão inter-classes de estudos normais, o propósito de “Os Sertões”, ventilando principalmente os tipos sub-raciais ali descritos com precisão pelo grande antropólogo brasileiro, os alunos pré-normalistas desenvolveram comentários e críticas que muito contribuíram para o esclarecimento de nossa formação étnica.

Planeja também o Departamento de Sociologia do C.E.S. realizar um estudo, “in loco”, de natureza sociológica e também ligado à cadeira de Higiene escolar e Educação rural, junto à Escola Prática de Agricultura “Gustavo Capanema”, na semana corrente a fim de incentivar o gosto pela observação e pesquisas sociais. (22 ago. 1950)

A ciência operava num mundo que se transformava para o moderno e a sociologia ensinaria os jovens secundaristas a “como pensar” as situações sociais complexas que os rodeavam com um método rigorosamente científico. Não ignorou, por outro lado, o caráter multidisciplinar da educação, que deveria ser observada por outros campos do saber científico a “Biologia, a Psicologia e a Sociologia constituem as bases científicas da educação, e, portanto, de todas as profissões ligadas ao magistério”. Revela, também, a partir desse caráter de sustentação a intenção de elevá-las à condição de ciências com reconhecimento social.

Entretanto, no seu discurso, o impacto da Sociologia no currículo do secundário, seria contribuir com os jovens para que desenvolvessem elementos intelectuais de uma cidadania consciente. Citando como referência o pensador educacional, Fernando de Azevedo, ele afirma:

Entre as disciplinas que constituem o currículo das escolas normais, a Sociologia se destaca como uma das ciências básicas na formação do magistério primário. O conhecimento da sociedade, escreve Fernando Azevedo, e, portanto dos grupos sociais da estrutura material e social e das atividades dos grupos humanos e da sua evolução, é da maior importância e utilidade para os que se destinam ao magistério. (25 jun. 1950)

Considera importante, a orientação da educação pelas ciências, em termos de base para o currículo das escolas normais. Considerando-se o papel da educação na sociedade moderna a “ciência seria portadora de civismo” e fica transparente em suas crônicas que a Sociologia ocuparia posição privilegiada. Coaduna com proposta de Fernando de Azevedo que aponta a sala de aula como espaço do “fazer ciência”, não pela “ciência feita” (BISPO, 2003, p. 108 *apud* SARANDY, 2011, p. 12)²². A crítica ao ensino da “ciência feita” por

²² SARANDY, F.M.S. O ensino de sociologia na escola média: as lutas políticas em torno de sua obrigatoriedade e as apropriações simbólicas da disciplina. In: *4º Seminário de pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 1-19.

Fernando de Azevedo pretendia atingir, principalmente, a educação “enciclopédica” e marcar uma diferença fundamental quanto à Sociologia no ensino secundário, que deveria privilegiar a aprendizagem, por parte dos alunos, dos métodos e modos de pensar da investigação científica.

É interessante ressaltar que a institucionalização das ciências sociais no Brasil encontrou guarida, em sua primeira fase, no ensino secundário antes que na academia. Aconteceu pelo curso normal e pelo curso secundário, a partir da década de 1930, através do esforço de intelectuais ao sistematizar o conhecimento sociológico ou traduzir obras de estrangeiros e publicá-los (SARANDY, 2011).

E o professor Gerson Rodrigues resenha em suas crônicas, com certa frequência, obras, cujo impacto aos estudos sociológicos não poderia ser ignorado, segundo ele. Como exemplo, o livro, *Princípios de Criminologia* de Edwin H. Sutherland da Biblioteca de Ciências Sociais dirigida por Donald Pierson:

Não se pode entre nós estudar sociologia sem conhecer as obras que Donald Pierson tem difundido, como originais ou de divulgação cultural, nos meios educacionais do país. O ilustre professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo tem realizado uma notável contribuição à cultura sociológica, traduzindo livros e artigos, redigindo e pronunciado conferências que tem alcançado repercussão nos meios universitários nacionais e, de modo particular, entre os professores secundários e os profissionais da classe liberal.
Livro de valor incalculável, dirige são os “Princípios de Criminologia” de Edwin H. Sutherland [...]. (20 ago. 1950)

O ensino de Sociologia às alunas normalistas comportava uma intenção de mobilizar para a realidade com um fim determinado. Podemos ver isso diante da instalação do Conselho Técnico realizado pela diretoria da Escola Normal e no dizer do professor Gerson numa crônica de agosto: “Tem agora as escolas normais um caminho novo a seguir e uma nova oportunidade de melhor se entrosarem dentro da vida social em que mourejam seus alunos e mestres”. Transmite-nos a impressão de que se inaugura uma dinâmica no Instituto Educacional Ernesto Monte resultante de inúmeras iniciativas, assim relatadas por ele:

Podem oferecer cursos, palestras, conferências que revelem algo de seu trabalho diário na formação de professores de que tanto o país ainda precisa. [...]. Tais cursos que versarão sobre temas de psicologia, puericultura, sociologia, higiene, orientação educacional, educação cívica, economia doméstica, literatura brasileira e problemas da atualidade nacional, congregarão elementos de nossa cultura e contribuirão para um melhor maior entendimento entre as duas mais importantes agências de educação: a escola e a família!

Creemos, pois, que está de parabéns a diretoria do Colégio Estadual e Escola Normal com a instalação do seu Conselho Técnico, que muito há de fazer pela cultura melhor difundida na cidade! (18 ago. 1950)

Tal iniciativa pressupõe que a apropriação do conhecimento científico por meio dos eventos que ocorreriam nesse Centro Técnico, poderia trazer contribuições para a sociedade bauruense. E, ao finalizar a crônica, parabeniza a iniciativa da diretoria do Colégio Estadual e Escola Normal numa demonstração do prestígio que esta instituição desempenhava para um segmento social da cidade de Bauru.

Uma possível conclusão é da importância que o professor Gerson Rodrigues dava à educação, mas não somente de um modo abstrato e geral: dotava de grande relevância as questões práticas de ensino e o alcance e repercussão na sociedade local. É na articulação entre educação e ciência – com a sociologia à frente – que se manifesta a intenção educacional e política do seu pensamento. O professor Gerson Rodrigues creditava à disciplina de Sociologia a condição de ciência fundamental, capacitada para o conhecimento da realidade social e fornecedora de instrumentos de intervenção que contribuíssem para o desenvolvimento da sociedade, além de um caráter missionário...

2.2 Pragmatismo e escola

Ao contrário daqueles que pudessem ver na ciência um meio para atender apenas aos reclames da razão, uma mera resposta às curiosidades individuais, o professor Gerson Rodrigues, creditava a esta um valor pragmático que consistia na aplicação e integração cada vez mais ampla da ciência à vida. Comenta, numa de suas crônicas o seguinte:

Um dos maiores males, que se notam, é do ensino verbalista, de perguntas e respostas, transmitindo conhecimentos sem um ponto de partida que seja a experiência do aluno... O ensino pelo sistema de “pontos”, de perguntas-respostas, suprime o ensino de coisas [...].

Não é possível ensinar geografia sem mapas, com uma terminologia científica lógica e rigorosa, sem visitas locais [...]. Não é possível ensinar usando uma linguagem analítica apenas, fazendo história sem gravuras e sem museus ou definindo realidades que o aluno jamais viu nos domínios da ciência [...]. (3 jun. 1950)

E a escola, nesse sentido, para o professor Gerson Rodrigues teria uma finalidade para além de “ler, escrever e contar” e que fosse capaz de “fazer também a orientação dos alunos, descobrir e despertar aptidões adormecidas; cabe-lhe ser orientadora”, pois, dizia ele ser a cultura sem aplicação, um simples ornamento.

E quanto ao trabalho docente, nessa escola, defendida por Gerson Rodrigues “não é só transmitir o que sabe” como uma resposta de memorização e reprodução de textos de compêndios. Afirma que para “ser professor cumpre saber não só o que se vai ensinar, mas “como” fazer o ensino. Destaca, após visita realizada nas dependências do SENAI, em Bauru, ser esta uma escola onde “nas classes, a teoria, a orientação do professor procura completar e explicar o porque, o como e a evolução dos conhecimentos, dando-lhes um sentido”.

Por outro lado, apesar de concordar com a importância estratégica da escola rural Gustavo Capanema, situada em Bauru, em virtude das características econômicas, não só do país, mas da própria região do município, comenta sobre o reduzido número de alunos interessados. Indica como um possível entrave ao interesse pela escola prática de agricultura o preconceito ao trabalho manual, incutido na cultura brasileira e ao equívoco de pensar “que a vida agrícola, o trabalho da lavoura não precisa muitos conhecimentos e cultura intelectual para ser desempenhado”. Em relação a essa preferência dos alunos pelo ensino secundário em detrimento da formação profissional, Souza (2008) destaca que esse “aspecto ganhava projeção entre os educadores no momento em que se intensificavam as preocupações com a formação de trabalhadores para as diversas ocupações da sociedade urbano-industrial em que

emergia a problemática das relações entre educação e desenvolvimento.” (SOUZA, 2008, p. 206)

Gerson Rodrigues argumentava a favor de uma escola de nível secundário capaz de atender a formação completa dos jovens, como podemos atestar no trecho a seguir:

[...]. Hoje, vemos ginásios que só cuidam do lado intelectual, esquecendo-se do preparo de corpos sadios num espírito são [...] sem campo de esportes, sem pistas de corrida, sem quadras para jogos, sem área livre extensa para treinamentos, sem ambiente propício para que se possa completar a educação da juventude [...].
Hoje, como sempre, as escolas de nível secundário principalmente, devem ser um ambiente de formação completa das gerações jovens. (19 jul. 1950)

Ciente de que o “trabalho do professor” deveria acompanhar a “auto-atividade do aluno”, percebe uma incoerência, ou como nomeia “um grave defeito” do magistério o fato de não transferir para a “prática, diuturna dos princípios e normas, das diretrizes e noções que os professores recebem em suas aulas, quando ainda alunos-mestres” a aprendizagem que se sustenta com os preceitos da “escola nova”. E como alternativa para esse problema, cita as inúmeras excursões promovidas pela Escola Normal a fim de ser um “incentivo aos alunos normalistas para que futuramente não se esqueçam de também realizá-las com seus alunos” e não sejam “esquecidas, por serem trabalhosos ou parecerem inúteis”.

Ao defender a educação formal como um meio de adaptação e uma possibilidade de recriação das relações sociais numa sociedade de condições indefinidas, Gerson Rodrigues retomou a contribuição de Spencer, ressignificando-o como precursor do pragmatismo,

Num pequeno parênteses, dizíamos em nossa última crônica que há um valor atual na obra de Spencer – “Educação” – a qual devia ainda estar em mãos dos professorandos de hoje. [...]. Só uma volta às fontes originais poderá reabilitar o autor e dar-lhe o verdadeiro valor que tem na história da pedagogia! [...]
Propõe então Spencer sua teoria da educação científica tomando como base ou critério a “medida de aplicação” o “para que serve” cada conhecimento. É assim um precursor do pragmatismo em educação, pois a utilidade imediata ou mediata de um conhecimento serve de medida para sua avaliação. Cria assim uma teoria que no seu tempo foi revolucionária...
Não concorda realmente Spencer que a educação seja mais um cuidado social do que uma utilidade para a vida humana, para a vida ativa e procura abolir da escola os conhecimentos que só visem as aparências, cujo maior valor ornamental é visar os aplausos, as honras, a influência, a posição social. Procura interpretar o valor dos conhecimentos em termos práticos de utilidade, sendo um precursor neste ponto de

pragmatismo... Ma concluir-se daí que ele não considerou ou não atribuiu á educação um efeito social, um processo também social é forçar um salto a grande distância. E Durkheim, se muito esforço, parece ter feito este salto! (7 nov. 1950)

O pensamento educacional do professor Gerson Rodrigues, em consonância e aliado ao impulso da época, considerava desnecessária a estrutura enciclopédica dos programas escolares e a seriação das disciplinas. Para ele o sentido da educação escolar não seria apenas a transmissão da cultura, mas entendia que o ensino secundário tinha por finalidade a formação dos jovens em benefício dos interesses da coletividade, e o contrário implicava na falência do mesmo,

Não precisamos insistir na afirmativa de que o ensino secundário, evoluiu, nem sempre para melhor, e que, portanto, parece decadente em muitos aspectos em nossos dias. Uma das falhas mais notáveis do currículo escolar ginásial decorre da própria realização ou desempenho dos seus extensos programas seriados. Numa disciplina qualquer, não concluindo o professor todos os itens que compõem o programa de um ano escolar, ao reiniciarem-se as aulas do ano seguinte, com ponto novo e nem sempre seqüência ao do ano anterior, deixa-se um hiato, um “vale” no encadeamento, na “seriação” da matéria...

[...] a falta de ensino globalizado, de uma aprendizagem total, contribuindo para a formação de compartimentos de matérias [...]

Os dois problemas apontados, não são, porém, os únicos que causam um desajustamento do ensino e aprendizagem do ensino secundário. (24 ago. 1950)

O ensino nas escolas de ensino secundário, conforme Gerson Rodrigues seria como um instrumento de mudança social e a Sociologia participaria desse jogo como o símbolo de racionalidade, ou produzindo respostas aos problemas sociais presentes na sociedade ou servindo a partir de novas técnicas ao controle social.

2.3 A “vocaçãõ” de Bauru como centro educacional

De acordo com Sirinelli (1996), o intelectual na sociedade contemporânea é sempre um ator político. Enquanto representante de uma ação direta nesse campo ou de um pensamento de uma época. No entanto, por ser um ator social, a sua produção esta ligada a grupos que lutam por diversos interesses e estabelecem relações de cooperação, oposição e

rivalidade, levando ao desenvolvimento de estratégias que vão imprimir uma marca na produção.

Logo na quarta crônica, publicada em 28 de maio de 1950, Gerson Rodrigues destaca Bauru como a “cidade das escolas”²³ nos diferentes níveis de ensino. Identifica as realizações e as expectativas educativas de 1950 como um divisor de águas entre a “cidade do sertão” e aquela que “transformando-se com certa rapidez em metrópole industrial e culta” passou a congregar “cursos e escolas que vêm colocá-la numa posição de destaque entre outras do nosso Estado”. Como contribuições da cidade para tal empreitada, cita a “sua posição geográfica, sua situação de cidade chave no entroncamento de três grandes ferrovias, seu desenvolvimento demográfico auspicioso, suas vilas e bairros crescentes, e acima de tudo sua grande população em idade escolar”.

Para justificar a campanha educacional na qual os bauruenses não deveriam medir esforços em se empenhar, o professor Gerson Rodrigues, considerando um tradicional caminho de desenvolvimento das cidades – influências naturais e sociais –, lança mão do aspecto natural negativo da cidade de Bauru, a fragilidade das “terras silicosas e um tanto ácidas, onde a erosão é uma calamidade”, como podemos conferir:

A comunidade bauruense se tem desenvolvido como todas as cidades, graças a ação entrelaçada e interdependente destes dois elementos: influências telúricas e sociais. Cremos, no entanto, que como um caso regional nosso futuro está na dependência do fator cultural mais que do geográfico. Região de terras silicosas e um tanto ácidas, onde a erosão é uma calamidade que leva de roldão, em pouco tempo, o mais fértil da camada superficial de uma terra dizimada por queimadas, por derrubadas e roçados feitos à maneira das coivaras indígenas, tem sido como que desprotegida pela sorte natural. O homem há de fazer maiores esforços, que em outras zonas, para compensar a desdita para a qual ele mesmo contribuiu insipientemente [...] para fazer o desenvolvimento municipal e urbano sem permitir que um retrocesso ou parada de evolução se verifique! (14 jun. 1950)

²³ Em 2015 foi lançado em Bauru o projeto Educação & Vocação cujo suporte material foi uma publicação feita pelo Jornal da Cidade – suplemento com 50 mil exemplares – que teve por intuito destacar o município de Bauru como um dos maiores centros de ensino do país. Poderíamos ver nessa iniciativa uma permanência da ideia sobre Bauru como “cidade de escolas” que remonta os anos 1950?

Assim, como prenúncio de um novo slogan²⁴ para Bauru, apontava o investimento educacional como possibilidade promissora aos bauruenses. De acordo com o professor:

E um dos meios de que deve lançar mão, é a criação de escolas, de centros industriais, de entrepostos, de fábricas e uma política de urbanização sadia e bem elaborada tornando nossa urbes uma metrópole que, além do nome significativo de “capital da terra branca”, tenha um outro, que simbolize também o outro fator de progresso. Além dos recursos, os cursos; além do apelido lembrado a terra, um outro que lembre o elemento humano criador!

Bauru há de ser maior cidade quando puder ser chamada a ‘cidade das escolas’. Este deve ser um dos sentidos de uma ‘política’ dinâmica e construtiva da grandeza de nossa comunidade!” (14 jun. 1950)

Em nova crônica aparece, outra vez, a tônica do destino de Bauru como promissora “cidade de escolas” e, Gerson Rodrigues ainda arrisca um alargamento atrelado a esta pretensão inicial, qual seria: “cidade de ciência, eficiência e saúde”. Destaca o SENAI, a escola Prática de Agricultura Gustavo Capanema, pois, como já vimos anteriormente, são escolas chave no pensamento do professor por representarem uma formação pragmática.

“[...] a Escola Senai de nossa cidade [...]. Ali se ensinam hábitos profissionais fundamentais à vida industrial, não com os ‘pregões políticos e promessas nirvanicas’, nem com as receitas de técnicas simplórias, mas com trabalho eficiente e bem orientado. Faz-se aprendizagem de fato! Ao lado da Escola de Agricultura e das escolas secundárias e superiores, já em andamento de realização, Bauru caminha assim para destinos que lhe darão nova significação no cenário nacional. Será uma ‘cidade de escolas’, não tenhamos dúvida! Será uma cidade de ciência, eficiência e saúde. E serão suas escolas que contribuirão em maior dose para a conquista destes três altos ideais da formação do brasileiro representado nas gerações que surgem para a vida vitoriosa!” (27 jul. 1950)

Diante dessa perspectiva que se vislumbrava para a cidade: a sua vocação como “cidade das escolas”, o professor Gerson Rodrigues se empenha em suas crônicas diárias na elaboração e consolidação dessa representação. Para isso, inicia uma verdadeira campanha apontando empreendimentos e situações que já contribuía com a empreitada, denunciando

²⁴ Nesse perspectiva de pensar a cidade de Bauru a partir de slogans é interessante a consideração feita por Losnak sobre o estudo de Sant’Agostinho: “A semiótica de Sant’Agostinho mapeou e demarcou [...] cinco slogans na história da cidade e seus períodos correspondentes: ‘Arraial da Boca do Sertão’, do período 1880-1890; ‘Sentinela Avançada do sertão’, referente aos anos 1900-1910; ‘Metrópole Noroestina’, abrangendo os anos 1906-1925; ‘Capital da Terra Branca’, fase entre 1925 e 1940; ‘Cidade Sem limites’, predominando de 1940 a 1980.” (LOSNAK, 2004, p.54)

aspectos e fatos que pudessem travar o processo e reivindicando ações e posicionamentos que seriam decisivos para o sucesso desse ideal. Numa Bauru de escolas seria imprescindível uma biblioteca pública que pudesse atender as demandas dos estudantes e estudiosos em geral, assim, comenta enfaticamente numa crônica a possibilidade dessa conquista:

“Consta-nos que no momento o Centro Cultural de Bauru está empenhado de corpo e alma na instalação da Biblioteca Pública da cidade. [...] [...] Não só os colegiais mas todos os estudiosos, leitores e estudantes saberão aplaudir e aproveitar tão elevada realização educativa.” (24 jun. 1950)

Por outro lado, demonstra ressentimento pelo descaso do governo estadual em atender a necessidade de criação de um ginásio noturno em Bauru. Em contrapartida enaltece o movimento de um “grupo de educadores e amigos da instrução”, empenhados na organização de um estabelecimento ginásial para atender tal demanda, como podemos constatar:

“Perdida quase a esperança de o Estado criar aqui um ginásio noturno, dadas as dificuldades e precedentes que acarreta, consta-nos que um grupo de educadores e de amigos da instrução está considerando com vagar a possibilidade de fundar para o ano entrante um novo estabelecimento de ensino ginásial que funcionará à noite. A iniciativa deste grupo de professores e pais merece todo o apoio e aceitação. Não mede apenas os problemas materiais e técnicos, financeiros e administrativos que pesam a balança, mas mede como superiores e mais valiosos os benefícios que surgirão para a grande população jovem, sem oportunidade de educar-se num país que caminha para o estágio e estatura de uma verdadeira democracia, a exigir de seu povo alto nível de formação moral e mental!

Consultando aqui e ali, de modo particular, o interesse e apreciação com que muitos louvam tal iniciativa, que registramos, de antemão sentimos que será coroada de êxito, graças ao espírito de compreensão e real apreço com que vem sendo cercada. Mais uma vez verificamos que as realizações particulares se deverão as grandes conquistas e o progressivo adiantamento de Bauru.” (2 jul. 1950)

A tônica do discurso do professor Gerson Rodrigues ao tratar da “vocaçãõ” de Bauru como “cidade de escolas”, tem sempre o tom de campanha como se por intermédio dela pudesse conchamar a população e construir uma opinião de consenso sobre o assunto. Na ocasião de comemoração do aniversário da cidade em 1º de agosto de 1950, comenta que apesar de certa desmotivação geral, no campo educacional havia o entusiasmo pelas promessas que existiam, mesmo que fosse uma “reabertura” (Escola de Agricultura); uma

provável, mas “não concreta inauguração” (posto de Puericultura) e o lançamento de um “plano monumental” da Universidade de Bauru, como segue:

“No terreno educacional, principalmente, é que se notam algumas programações mais determinadas. Reabrir-se-ão as aulas regulares da Escola de Agricultura e lançar-se-á a pedra fundamental das obras que marcarão o início da realização do monumental plano da ‘Universidade de Bauru’. Talvez seja inaugurado o posto de Puericultura, instituição de há muito necessário e reclamada como obra de assistência às crianças e também aos genitores. [...]. Com o lançamento da pedra fundamental de algumas faculdades de ensino superior, a data de 1º de Agosto lhes marca o lançamento de pedras fundamentais no destino de nossa comunidade.” (29 jul. 1950)

A reincidência dessa campanha em circulação no jornal *Folha do Povo*, através das crônicas do professor Gerson Rodrigues é intensa. No trecho reproduzido abaixo, um pouco longo, mas que demonstra muito bem o foco pretendido, o ensino nos seus diferentes segmentos, entrelaçado a argumentos concretos ora ligados a questões de prestígio, a localização geográfica de Bauru como “ponto geográfico estratégico”, ora de carência, como o problema da “formação de professores”. Nas palavras de Gerson:

“Não podemos, pois, deixar de salientar os méritos da campanha e das medidas que se fazem para a criação em Bauru de uma Faculdade de Filosofia. Ela vem de encontro a nossas necessidades, pois Bauru merece uma faculdade de filosofia que seja o centro de formação de professores, de ambos os sexos, requeridos já em toda a região. já por todo o Estado. Localizada em um ponto geográfico estratégico, servindo a grande zona onde as populações cada vez mais vão perdendo seu nomadismo e se fixando em propriedades [...]. Sendo um centro de pesquisas [...]. Quanto mais se vê S. Paulo mais se percebe que o interior é o campo mais indicado para se localizar novo tipo de vida fabril e educacional. E Bauru, centro de convergência de escoamento fácil, é um destes centros indicados para se localizarem escolas superiores. Cidade de confluência afluência forçada de gente; cidade ainda de passagem, é um cadinho de experiências bem sucedidas [...] passos gigantes para solucionar um dos maiores problemas brasileiros – o da formação de professores.” (1 ago. 1950)

É como se para os fins se justificassem os meios e, assim, fortalecia-se uma representação de ensino utilitário que avalizava as pretensões de determinados grupos locais.

Losnak (2011) comentando estudo de Wallace (2005) ressalta que ao analisar a inserção dos jornais nas cidades, “[...] é possível identificá-los como agentes de mudança na construção da manutenção dessas comunidades e indutor importante de políticas [...]”

(LOSNAK, 2011, p. 3). Em outro momento, o mesmo autor, apoiando-se nas considerações de Cruz (2000) reconhece validade na abordagem que considera a produção impressa como prática social e componente do tecido urbano.

CAPÍTULO 3

PROFESSORES E ALUNOS NAS CRÔNICAS DE GERSON RODRIGUES

As crônicas do professor Gerson Rodrigues, publicadas ao longo da década de 1950, nas páginas do matutino, *Folha do Povo*, constituíram-se como fonte privilegiada para a análise das representações compartilhadas por ele sobre professores e alunos do ensino secundário. Analisei as crônicas da seção Educação e Escolas publicadas no decorrer da década de 1950.

A intenção dessa pesquisa é propor uma análise que estabeleça relação entre História Intelectual e História da Educação. Assim, compreender como esse professor secundarista ocupou, enquanto homem público, um determinado lugar na sociedade bauruense, articulando a docência e o jornalismo, evidencia uma amplitude ao pensar o espaço educativo e, desse modo, remeto a compreensão de Campos (2009) sobre educação:

[...] uma das maneiras de se compreender a educação é observá-la como a tentativa, deliberada ou não, de fazer *o outro* crer num determinado universo, de moralizá-lo segundo a ética hegemônica num dado período, de formá-lo e socializá-lo, enfim. Por isso, a educação das pessoas está longe de ser monopólio do espaço escolar, já que esse espaço é também atravessado pela cultura que circula na sociedade. (CAMPOS, 2009, p. 20)

Os textos produzidos pelos jornais são objeto de conhecimento. A imprensa, desde a segunda metade do século XIX, difundiu-se pelo país e se constituiu num importante órgão de comunicação de massa para anunciar remédios, chapéus, licores, roupas entre outros produtos, endereços de renomados médicos e cientistas, assim como veiculava o que era considerado notícia, fossem as desavenças pessoais e políticas, ou o que era considerado “estranho” e não civilizado. Trabalhavam com valores e representações, tanto locais como mais amplas constituindo-se como veículos de educação da população.

Desse modo, os jornais como fontes de representações, são uma referência para entender a educação de uma determinada época. Na interpretação de Schwarcz (1987), os jornais podem ser vistos como produto social, reconhecido e onde se observam expectativas e posturas específicas.

Para abordar as representações de professores e alunos nas crônicas de Gerson Rodrigues utilizar-se-á da noção de representação apresentada por Roger Chartier (1991) que considera “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” (CHARTIER, 1991, p.177).

Sobre o universo escolar elencou e discutiu inúmeros problemas: desunião dos professores, alunos que não faziam deveres escolares, família que não se preocupava em acompanhar os filhos na escola, reformas educacionais, necessidade de currículo que fosse voltado à realidade, menos enciclopedismo, desarticulação entre segmentos de ensino, importância do diploma, “cola”, caderno, festas e campeonatos escolares, enfim. O seu discurso remete as tensões que estavam em jogo e definiam o cenário do ensino secundário em Bauru, considerando o que se passava no âmbito paulista. A presente análise intenta tratar das imagens de professores e alunos presentes no discurso das crônicas e suas representações no cenário educacional, sua importância e papel.

Este estudo ao examinar estas imagens pretende considerar o argumento de Certeau (1982) sobre a possibilidade de que “atendo-se ao *discurso* e à sua fabricação, se apreenda melhor a natureza das relações que ele mantém com o seu *outro*, real”. (CERTEAU, 1982, p. 33). Um esforço como esse implica em buscar compreender como o professor Gerson Rodrigues percebeu a sua própria profissão.

3.1 O professor “missionário” e “modelador”

Trabalhar com as imagens públicas dos professores e da profissão docente “implica discutir os mecanismos pelos quais determinadas imagens são forjadas, difundidas e acabam por consolidar-se como forma de identificar socialmente a categoria”. (VICENTINI, 2006, p. 513)

A investigação de Nadai (1991) sobre as representações e imagens de professores que atuaram em escolas oficiais secundárias entre as décadas de 1930 e 1970 remete a ideia de “educação como apostolado”. A consciência da elevada “missão” do professorado parecia criar um código de conduta, incentivar a dedicação e o esforço de orientar aqueles que se dedicavam a docência (NADAI, 1991 *apud* SOUZA, 2008, p. 189)²⁵.

Ao longo de sua produção, enquanto cronista, Gerson Rodrigues não se desvencilha desta representação e inúmeras vezes, enfatiza o caráter missionário e de sacerdócio dos professores que estariam acima dos limites colocados pelas condições de trabalho. O professor deveria desdobrar-se e ultrapassar todas as barreiras que pudessem comprometer o exercício profissional em sua plenitude:

Para desempenhar sua missão, o professor se desdobra em atividades múltiplas. Seu sacerdócio requer altas virtudes, fortaleza, coragem invulgar, ciência e tenacidade. [...] também é tremenda pelas responsabilidades que o mestre aceita e se impõe e por toda uma série de lutas, de desvelos, de renúncias que se exigem daquele que assumiu como bússola da vida a carreira de professor! (13 out. 1950)

O apreço pela imagem pública e o esforço de personificar a imagem/mito do “bom professor”, organizado, competente, capaz de descrever os extensos conteúdos, tornando-se um exemplo aos alunos a ponto de dispensar um tratamento em que deveriam “[...] esquecer de si mesmos, abertos em renúncias, a pensarem nos outros, nos alunos que precisam crescer e aparecer. São uns *joões batistas* esses professores!” (20 jul. 1956), escreve Gerson

²⁵ Souza, R.F de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 189.

Rodrigues, numa afirmação desse imaginário de sacrifício cristão sobre o papel a ser desempenhado pelo professor.

Gusmão (2006), referindo-se a década de 1950 como a “fase de ouro” da escola pública, comenta que os professores secundaristas das escolas oficiais, apesar de serem assalariados, procuravam manter certo distanciamento em relação ao restante da classe trabalhadora, além do respeito pela ordem – recusavam as greves, as orientações pedagógicas que os desapropriariam de seu saber-fazer ou a noção de que trabalhavam em função do salário. Nessa direção, o parecer discursivo de Gerson Rodrigues reafirmou numa de suas crônicas que o compromisso com os alunos se sobrepunha às questões financeiras:

A maior esperança, porém, dos professores não é a recompensa um salário, nem a glória vaidosa de uma posição social. É sim a esperança fundada de que seus alunos aprendam a viver: nisto é que reside sua a maior glória e sonho, seu fanal e roteiro, seu ideal e recompensa. (15 out. 1950)

Pautado na ideia de que haveria um “lugar social” ao profissional do magistério, independente de possíveis dilemas individuais, o professor, segundo Gerson Rodrigues, assumia uma imagem social que representava papel decisivo tanto para o desempenho profissional, quanto para sua satisfação pessoal:

É grandiosa e tremenda a missão do professor, quando ele a procura desempenhar de corpo e alma, instruindo e educando as gerações moças! Grandiosa pela nobreza de que se reveste, pela significação social e moral que dela resulta, pelo objeto de trabalho sobre que recai – os alunos, e pelo cuidado que deve ter ao deixar atrás de si [...] criaturas [...] que plantou [...]. (13 out. 1950)

Estudos importantes que buscam problematizar as representações sobre a “boa escola secundária” brasileira no período entre 1930 e 1960 afirmam que o “bom professor” “impunha respeito, aparentava seriedade e competência, era cumpridor de seus deveres e exibia conduta exemplar”. O próprio traje usado pelos docentes era um sinal da austeridade e dignidade da profissão. “Homens trajavam ternos, camisa de colarinho, gravata e sapatos

engraxados. Mulheres usavam vestidos, saias e blusas sem decotes exagerados [...], unhas cortadas e limpas, cabelos arrumados, roupas bem passadas, sapatos e bolsas combinando”. Conforme as pesquisas sobre o tema, o “professorado cultuava uma auto-imagem de profissional intelectual valorizado, cuja autoridade era socialmente reconhecida e os salários eram razoáveis” (NADAI, 1991 *apud* SOUZA, 2008, p. 189-190)²⁶.

Por outro lado, Gerson Rodrigues reconhece que no “sacrifício pela obra”, feito pelo professor reflete sua competência enquanto aquele que dominava conteúdos, atuava com rigor e responsabilidade no exercício de sua profissão, sendo por isso, admirado como portador de “cultura” e “civilização”, e repercute essa concepção em suas crônicas:

O mestre precisa ser dotado de todo o espírito de sacrifício, pois, sua obra é de desbravamento e cultura, de sacerdócio e civilização, de formação de personalidades perfeitas, de que o Brasil, de que o mundo, de que a hora presente necessitam... (17 [-] 1956)

É perceptível no seu discurso a “compreensão de homem e cidadão” ideal a serem construídos pela escola, objetivando determinados interesses políticos e sociais numa nova demonstração de que “a escola foi colocada a serviço da construção da identidade nacional e da sustentação do regime político” (SOUZA, 2008, p. 176). Gerson Rodrigues concorda e dissemina a ideia de educação como um instrumento imprescindível para a promoção do progresso e da civilização dos povos e, por conseguinte, o professor como agente responsável por promovê-los. Demonstra em suas crônicas com certa intensidade, a valorização simbólica da profissão docente reconhecidamente em profissionais felizes, valorizados e recompensados, em que a recusa do econômico compensava-se pelo postulado da confiança e da dádiva, reforçando o aspecto missionário de ser professor.

²⁶ Ibid., p. 189-190.

E concomitante a este caráter missionário do professor, Gerson Rodrigues, compartilhava, também, a noção de que o mestre seria um guia seguro, identificando aí uma possível valorização e reconhecimento do seu poder de influência como agente social. Escreve inúmeras vezes em suas crônicas que o professor, mesmo precisando reconhecer as “personalidades nascentes” em seus alunos, não deveria abrir mão de atuar como um “professor-modelador” dos mesmos. Recorre às metáforas de “oleiro” e “joalheiro”, por exemplo, para reforçar sua ideia, como podemos constatar:

A todo o trabalho do professor deve acompanhar a auto-atividade do aluno. Só assim, mais do que um simples oleiro a plasmar seu barro inerte, posto o mestre moldar caracteres ativos, sem quebrar a iniciativa e sem espesinhar personalidades nascentes!

[...]

Si há pedras sem jaça, desde a origem, há também algumas amorfas e mal cristalizadas e outras tantas cuja qualidade o mestre deve, com amor, carinho, sabedoria, salientar e formar, revelando o valor de muitas jóias raras e caras, que constituirão a riqueza, e o orgulho no escrínio da pátria, a vaidade e valor dos próprios discípulos! (15 out. 1950)

Neste caso é possível observar que Gerson Rodrigues percebia na ação docente a “pretensão de informar” e “dar forma” a juventude estudantil. Caberia, aqui, dizer que esta visão “modeladora” corroborava com a compreensão de que a função do professor estaria relacionada com a “regeneração” daqueles que estivessem sob sua orientação. Numa crônica que circulou na *Folha do Povo* por ocasião do Dia do Professor, noções de civismo e disciplina aparecem como ingredientes do fazer pedagógico. Escreve enfaticamente:

Árdua e nobre é a missão do professor! Ensinar o que é pátria, família, sociedade; temperar os ânimos para as lutas maiores; incutir a coragem cívica; estabelecer as normas salutaras do trabalho e da disciplina [...]. Na escola, como nos lares, realiza-se a modelagem definitiva das almas: dá-se o pão do espírito, tão necessário quanto o pão do corpo! (13 out 1950)

Vale lembrar que o interesse por uma educação pautada na ideia de *regeneração moral* “suruiu historicamente com os positivistas que fizeram a proclamação da República, mas [...] permaneceu mesmo quando esses agentes sociais se retiraram do poder”

(SEPULVEDA, 2010, p. 25). Em sua pesquisa de doutorado sobre a aproximação do campo militar sobre o campo educacional²⁷, Sepulveda (2010) reconhece na Liga de Defesa Nacional²⁸ uma das primeiras formas de materialização deste movimento, cuja ideia de cidadão-soldado seria o elemento de fusão entre os dois campos. Segundo este pesquisador, em termos práticos “essa era também a efetivação da proposta positivista de sociedade” que dependeria de uma “sociedade moderna, industrializada, cuja educação fosse a principal forma de alcançá-la”. (SEPULVEDA, 2010, p. 70).

Ainda, segundo este autor, a “essência da moral era justamente essa elasticidade, pois, o conceito se adaptava sempre àquilo que tendia preservar a ordem, a segurança, portanto tudo o que conservava os valores presumidos da sociedade brasileira”. (SEPULVEDA, 2010, p. 230) resultando a sua recorrência em diferentes momentos da história brasileira. E a partir da análise das crônicas de Gerson Rodrigues, publicadas na *Folha do Povo* na década de 1950, notei esta permanência, numa demonstração de que estava presente em seu pensamento resquícios de uma visão moralizadora sobre o papel do professor, no sentido de ajustar os alunos a determinados anseios sociais. Com seu trabalho quase artesanal de “lapidário”, o professor ia preparando a juventude para atender às exigências de seu tempo²⁹.

²⁷ A partir de 1969, com a criação da Comissão Nacional de Moral e Civismo, se estruturou todo o mecanismo de projeção direta da ESG sobre o campo educacional. Todavia, o aparato de projeção passou por um longo processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento, cujo ponto de partida foi a Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). (SEPULVEDA, 2010, p. 202)

²⁸ “Associação civil fundada em 7 de setembro de 1916 no Rio de Janeiro por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Álvaro Alberto, entre outros. Seu objetivo central, de acordo com os estatutos de 1916, era ‘congregar os sentimento patrióticos dos brasileiros de todas as classes’, difundindo ‘a educação cívica, o amor à justiça e o culto ao patriotismo’”. Foi considerada de utilidade pública pelo Decreto nº 67.576, de 16 de novembro de 1970 e em 1995 teve sua diretoria transferida do Rio de Janeiro para Brasília”. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20DA%20DEFESA%20NACIONAL>. Acesso em ago. 2016.

²⁹ “Havia diferentes forças políticas lutando pela construção de uma nova sociedade brasileira, como era o caso, por exemplo, do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Tal instituição possuía proposta bem diferente da construída pela ESG, o que demonstra o quanto o campo educacional foi disputado no período pré-golpe.

3.2 Entre o conformismo e a indignação

Concomitante a imagem de um professor que era reconhecido por seu poder social, valorizado devido ao papel importante na escola, por ser responsável direto pela formação dos alunos, seja pela transmissão de conhecimento, através das disciplinas lecionadas, ou pela formação moral do educando, percebo no discurso de Gerson Rodrigues uma ideia em contraposição a anterior, ou seja, evidencia outra imagem de professor que não se sobrepõe ou elimina a anterior, mas sinalizava uma dimensão diferente acerca da profissão docente que estava relacionada às contradições educacionais do momento³⁰. Numa de suas crônicas, percebendo que havia alguma transformação em curso, comenta sobre o desgaste na imagem da carreira do professor, enquanto um sacerdócio:

[...]. um certo declínio de interesse profissional de mestres que já não tomam sua carreira como um sacerdócio, devido a uma série de fatores em jogo; o alheamento dos responsáveis pelos filhos em acompanhar-lhes a marcha dos trabalhos em casa e conhecer sua vida escolar por contacto direto com a direção dos estabelecimentos de ensino... tudo vem contribuindo, de modo desastroso, para uma notável queda dos estudos! (17 fev. 1952)

Não podemos esquecer o contexto histórico no qual Gerson Rodrigues estava inserido. Apesar de viver na cidade de Bauru, interior paulista, enfrentava os impactos do período designado por “anos dourados”.

Essas disputas se davam tanto nos espaços de embate social não militar: jornais, revistas, academias, universidades etc, quanto no ambiente legislativo. A maior prova disso foi a disputa acirrada entre os diferentes agentes políticos dentro da tramitação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).” (SEPULVEDA, 2010, p. 206-207)

³⁰ A interpretação de Nunes é bastante esclarecedora nesse sentido: “[...]. Em nossa perspectiva, a expansão do ensino secundário era fruto das contradições da política populista e o atraso e a evasão dos alunos revelava a grave situação econômica de suas famílias. [...].

A escola que representava a oportunidade de ascensão social era o ginásio secundário, procurado não como uma escolha “irrealista” das classes populares como os estudos clássicos insistiam, mas como alternativa lógica, diante de suas expectativas na estimativa que faziam das vantagens relativas aos diferentes tipos de educação. Elas também queriam “o melhor” para os seus filhos, mas não havia escolas suficientes e o ensino secundário foi forçado a expandir-se com o objetivo de conter as tensões sociais geradas por sua incipiente oferta [...]. A expansão do ensino secundário agravou os seus problemas e, ao invés de conter as tensões, estimulou-as por nem sempre cumprir a exigência postulada de obtenção de um emprego prestigiado e uma boa remuneração profissional”. (NUNES, 2000, p. 48)

O Brasil passava por transformações e por um crescimento que vinha se encaminhando desde 1930. O crescimento econômico apoiado na intervenção do Estado e nos interesses da classe dominante possibilitou investimento em infra-estrutura e em outros setores importantes que resultaram na crença de que a “modernização” em marcha no país superaria o Brasil periférico e arcaico. No vocabulário da época, as palavras de ordem eram: urbanização, industrialização e tecnologia,

Entre 1945 e 1964, vivemos momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado. (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 565)

Sintonizado com o seu tempo e transportando para a questão educacional a “euforia” do momento, Gerson Rodrigues, apresenta em seu discurso um ar de preocupação com o descaso de professores que não se inteiravam com as novidades da profissão. Ele defendia que profissão e cultura não poderiam estar dissociadas, pois se acontecesse “existir o divórcio entre as duas ambas sofrem graves prejuízos: a profissão vem a cair na rotina, por lhe faltar com o tempo a base intelectual renovadora; a cultura se atrofia, por não ter aplicação prática”. Assim, ressentindo-se pela falta de interesse às novas exigências da época e da profissão, fato que condenava o professorado à “clausura de suas especificidades”, Gerson Rodrigues, sinaliza para um tipo de professor que tendia ao conformismo.

No excerto disponível a seguir, é possível perceber dois motivos que caracterizavam essa postura do professorado frente às condições reais de sua profissão. Em primeiro lugar: o apego a “cultura tradicionalista”, cuja rotina de trabalho encerrava os professores numa prática repetitiva e de reprodução da sociedade tradicional, mas que dava a sensação de segurança no desempenho da profissão, mesmo que não atendesse mais as novas demandas que se colocavam para o ensino e, conseqüentemente ao professor. Segundo e,

concomitante ao anterior, o “descontentamento” desses profissionais com a profissão, como podemos ver:

[...] Em primeiro lugar, os mestres são uns enclausurados em seus conhecimentos específicos, nas suas atividades diárias, que deles exigem mais de oito horas de labor produtivo, durante o período de ensino. Metidos nos casulos de suas preocupações funcionais, pouco se renovam ao contato com a sociedade para serem delas transportadores de novidades sociais. Nas férias, procuram descanso e se metem nos seus chinelos, num recanto qualquer diferente daquele de suas escolas.

Em segundo lugar, os mestres são exemplos de cultura tradicionalista mais do que, ocasional ou casualmente, da progressivista. Refletem a tradição, os fundamentos da sociedade, na sua estratificação, na sua organização já feita, na sua cultura multiseular. Não ficam isolados do presente, do que existe em redor mudando ou sendo transformado paulatinamente. Mas, por índole ou função, acabam como mós a moer o seu fubá na mesma rotina de girar e girar em torno de si mesmos, da sua ciência... (20 jul. 1956)

Em sua análise sobre o estudo feito por Jayme Abreu em relação ao ensino secundário, em 1955, Souza (2008) assinala que este autor verificou a “indiferença” dos professores do ensino secundário frente às renovações metodológicas, bastando às suas práticas a “exposição” e a “recitação”. Mantinham-se presos aos compêndios e ditados de pontos e procuravam manter a disciplina dos alunos, desconsiderando as diferenças individuais dos mesmos (SOUZA, 2008, p. 209). Segundo a sua percepção de um professorado apático, Gerson Rodrigues comenta, em outra crônica, o distanciamento entre o idealismo, presente entre as normalistas no processo de formação, enquanto alunas e, a prática docente após alguns anos de trabalho, reduzida a “rotina” e pautada na “lei do mínimo esforço”, como podemos constatar:

[...]. Mais do que nunca se percebe, como verdade experimental, que o professor muitas vezes manifesta duas atitudes diferentes, uma enquanto recém-formado e outra, após, quando posto diante de uma classe e de um programa que tem para cumprir! Enquanto recém-egresso da escola normal, um conjunto de normas e preceitos ideais, inovadores revoam em sua mente, animam seu coração entusiasta, alentam seu cérebro moço. Após algum tempo, seu sangue novo é como que absorvido por velhos sangues: cai na rotina, entoxica-se de preconceitos, segue a lei do mínimo esforço e do interesse mais imediato, não do aluno, mas de si mesmo, ou de ordem administrativa ou de natureza extra-escolar... (3 jun. 1950)

Mais adiante e num tom sarcástico, Gerson Rodrigues, confessa numa crônica que diante das “aperturas” enfrentadas pelos professores, a saída seria tornarem-se “professores bonzinhos”, pois, o novo cenário escolar estava mais para um lugar de entretenimento, um verdadeiro “circo”, e não havia mais razão para o ensino exagerado de conteúdos, como podemos constatar no trecho:

[...]. Consulto um dicionário etimológico e a informação se confirma: “skholê é descanso, o que se faz na hora de descanso, estudo”. [...]
 Entre os latinos chama-se também à escola “ludí”, brinquedo ou lugar de brincar. [...]
 A mudança de fisionomia interna da escola se deve muito ao escolaticismo, exagerado pelo professor ao ensino de conteúdo nas suas aulas, por um método que torna a escola um lugar sério demais.[...]
 Creio que os professores devem pensar numa reviravolta ao passado: fazer da escola um lugar de recreio, de brinquedos e passa-tempos. [...] Para que tantas aperturas com os alunos, se eles gostam de professores bonzinhos?[...]. Já que os mestres não têm pão, pelo menos que tenham um circo na sua escola! [...]. (1 mai 1956)

Reconheço que o discurso do professor Gerson Rodrigues sobre a sua própria profissão e sobre a organização dos saberes considerados fundamentais para o seu trabalho (programas escolares) constitui-se como um ataque, um descontentamento. Entendo como a demonstração de um posicionamento que revelava ora o desconforto diante das eventuais incertezas provocadas pelo desmoronamento de um modelo de ensino secundário que se estruturara no Brasil e, há décadas, atendia aos interesses de uma elite, ora o entusiasmo frente as possibilidades que a ciência e as técnicas modernas poderiam trazer para a edificação de uma nova proposta de ensino secundário.

Ele afirma em determinado momento que a escola “não pode ficar somente na transmissão tipo papel-carbono da cultura herdada através dos tempos. Deve ser conservadora e também progressista, equilibrada e dinâmica [...] ou se atualizam em seu conteúdo ou se tornam museus que se visitam para ver! A fossilização das escolas é um dos seus maiores defeitos, em todos seus ramos e níveis...”. É nesse cenário, dualista (conservador e

progressista) que se processa a desestabilização da figura do professor na visão de Gerson Rodrigues.

Na intenção de tentar compreender como o seu pensamento se articula num conjunto mais amplo de ideias que estavam circulando na sociedade brasileira no percurso da década de 1950, como parte de uma construção social de representações que ele, de certa forma, reforçava e compartilhava através das crônicas publicadas na *Folha do Povo*, recorro às considerações de Souza (2008) a respeito do debate quanto à modernização do ensino secundário no Brasil, em meados do século XX e, especificamente sobre o tema da *batalha pelo humanismo*³¹, levada adiante pelo educador Fernando de Azevedo e as implicações desse no seu modo de entender a finalidade do ensino secundário, nesse momento, no país, que seria “fornecer às gerações jovens uma sólida cultura geral” e “retardar o máximo possível qualquer especialização” (SOUZA, 2008. p. 216).

Entre 1947 e 1951, Fernando de Azevedo proferiu palestras pelo país argumentando a favor de um novo humanismo. Na interpretação de Souza (2008) sua concepção partia de um sentido antropológico que compreendia a valorização idealizada de homem, numa perspectiva universalizada de cultura, recusando qualquer tipo de “estudos puramente científicos ou essencialmente literários” (SOUZA, 2008, p. 215). Assim, o que estava em jogo no debate entre um humanismo “renovador” e o humanismo “conservador” era a tomada de posição frente aos impactos às transformações que afetavam a sociedade. Estas mudanças acabaram por consubstanciar uma concepção de cultura que

³¹ Em análise minuciosa a autora nos coloca a par da questão: “Não por acaso, a questão do humanismo esteve no cerne dos debates culturais e educacionais dos anos 40 e 50 do século XX. A catástrofe humana representada pela Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e as transformações econômicas e sociais em curso no Ocidente punham em questão os princípios gerais sobre os quais estavam alicerçadas as sociedades de então. O humanismo foi retomado por diferentes grupos intelectuais e compôs as práticas discursivas de diversas tendências na busca de interpretação do presente.

O pensamento católico se via como herdeiro natural e direto do humanismo e seu mais dileto defensor. Mas não era o único. Para muitos intelectuais de tendência liberal tratava-se de alargar a compreensão do humanismo adequando-o aos desafios da sociedade moderna. Alguns textos produzidos nessa época denotam bem as representações em luta.” (SOUZA, 2009, p. 83)

[...] colocava a ciência e a técnica no “clima espiritual do mundo”. Mas o reconhecimento do lugar primordial da ciência na sociedade moderna não significava aderir ao utilitarismo imediatista. Significava, outrossim, compreender a ciência como o eixo integrador da cultura. (SOUZA, 2008, p. 216)

E das implicações disso no âmbito educacional, sobretudo na renovação do ensino secundário no Brasil em meados do século XX, emergiu, por exemplo, duas forças opostas: de um lado a reação contra o avanço incontrolável do secularismo, da Ciência, da Técnica e da especialização defendido pelo humanismo católico e, de outro lado, a proposição de reformulação desse ensino com base em um novo humanismo alicerçado na cultura científica vista como expressão do mundo moderno (SOUZA, 2009).

Na sequência de suas considerações sobre o pensamento de Fernando Azevedo, Souza (2008), comenta a percepção desse educador para uma crise mais ampla, onde “a decadência do ensino secundário brasileiro não se devia ao deslocamento das letras para as ciências, mas especialmente, ao crescimento numérico das escolas secundárias sem o acompanhamento das condições necessárias para garantir a qualidade de ensino” (SOUZA, 2008 p. 216). O pano de fundo, portanto, desse debate era o impacto da expansão de ensino secundário, na década de 1950, no Brasil, ou seja, no “horizonte desse debate estava em questão a democratização do ensino secundário e sua renovação incluindo a formação técnico-profissional” (SOUZA, 2009, p. 85).

Nesse cenário de intenso debate sobre os princípios educacionais, Gerson Rodrigues, enquanto professor secundarista no Instituto Educacional Ernesto Monte, em Bauru, cidade do interior paulista, interage com estas representações que são resultado de construções sociais da época e define seu posicionamento a partir do lugar que ocupa na sociedade bauruense. E ao escrever e publicar suas crônicas na *Folha do Povo* compartilhava essas representações com os leitores, fazendo do jornal uma tribuna.

É possível reconhecer esta relação a partir do discurso presente nas crônicas, mas é preciso considerar, também, que esta *fala* de Gerson Rodrigues expressa muito o enfrentamento mais imediato com a realidade cotidiana, seja numa perspectiva pessoal, seja como porta-voz dos grupos sociais com os quais estabelecia vínculos. Nos dois excertos, a seguir, é perceptível como Gerson Rodrigues leva para o jornal o debate entre o “humanismo renovado” e “humanismo conservador”, a partir de situações concretas que estão relacionadas diretamente com professores e alunos bauruenses em sua vida cotidiana nas escolas.

No primeiro, utiliza o termo “coação” referindo-se ao modo como o Estado estava lidando com a acumulação de cargo dos professores, numa tentativa de desqualificar no ensino secundário o seu currículo voltado para a “cultura geral”, previsto pela própria lei orgânica do ensino secundário (Decreto n. 4.244 de 9/4/1942), impactando automaticamente os professores no exercício de sua profissão. Vejamos o que ele nos diz:

I

[...].

Coação sobre os mestres do ensino secundário é dizer que eles precisam saber só sua matéria, uma única matéria, como incapazes e ignorantes de qualquer outra. Coação sobre os mestres é não lhes reconhecer méritos em outros domínios que não o seu [...]. Coação sobre os mestres é não ver correlação nas disciplinas do currículo secundário, que é ensino de humanidades, de conteúdos não estanques ou de gavetinhas separadas dizendo-lhes que são incapazes de dar cultura geral num curso que é de cultura geral. Subvertem os fundamentos da lei orgânica do ensino secundário as interpretações sobre matérias correlatas que a comissão de acumulação vem dando [...]. (1 abr 1956)

Já no segundo, traz o dilema sobre o ensino profissionalizante, alertando para a incoerência da administração pública³² ao lidar com a organização dessa modalidade de ensino, levando a desestruturação do ensino secundário, bem como do primário e, no seu

³² Nesse período o Plano de Metas de JK é exemplar para observarmos o descaso com a educação presente na política desenvolvimentista: “[...] O célebre Programa de Metas do Presidente JK foi, prioritariamente um projeto de dotação de infra-estrutura básica para o país, ou seja, industrialização. A última meta do programa, que falava da educação, fazia o problema do ensino dependente das necessidades de institucionalização de uma educação para o desenvolvimento, ou seja, o incentivo ao ensino técnico-profissionalizante. Para JK, não só o ensino médio deveria cuidar da profissionalização, mas até o primário teria de se obrigar a educar para o trabalho. (GHIRALDELLI, 2009, p. 102-103)

lugar não ofertando a população jovem da cidade de Bauru uma escola profissionalizante, com a qualidade de ensino ofertado pelo SENAI - o modelo adequado para esse tipo de ensino, conforme dizia:

II

[...].

Não negamos que o nosso sistema de ensino tem seus erros pavorosos. Mas não é virando o outro lado da medalha e fazendo da escola primária e secundária uma filial da indústria, em concorrência com o SENAI, que é uma excelente organização educacional, que vai o atual Ministro consertar os desmandos de muitos anos [...] (19 jun. 1956)

A expansão do ensino secundário no país sem as condições apropriadas para garantia da qualidade de ensino em todas as escolas evidenciou com mais intensidade a construção social de outra imagem a respeito do professor³³ como resultado de “trajetória de vida marcada por lutas, desilusões, resistências, sofrimentos, mas que ainda assim se acreditava prestigiado pela alta missão que desempenhava” (NADAI, 1991 *apud* CATANI, 2011, p. 590)³⁴. Segundo análise que desenvolvi a partir do pensamento de Gerson Rodrigues, notei a existência dessa concepção, coexistentes e em confronto, na década de 1950. Ao lado do professor “lapidário”, capacitado, exigente, dotado de prestígio e reconhecimento na sociedade, agindo com um esforço missionário, outra figura dava sinais das dificuldades no exercício da profissão docente. E se manifestava sob duas formas: a primeira, já comentada anteriormente, identificada naquele professor “enclausurado”, acenando uma postura imobilista diante das intempéries da profissão. E outra, reagia às contradições impostas pelas condições concretas do ensino secundário da época, denunciando as mazelas do trabalho

³³ As condições precárias de trabalho no magistério e a existência de profissionais insatisfeitos aparecem desde as primeiras décadas do século XX. No estudo de Catani (2011) podemos verificar alguns, dentre eles a denúncia “romanceada” de Violeta Leme no livro *O calvário de uma professora*, de 1927.

³⁴ CATANI, “História da Profissão Docente: questões e estudos”. In: FARIA FILHO, L.M. de et al (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Minas Gerais: Autêntica, 2011, p. 590.

docente. Para abordar as questões que sinalizam a precariedade das condições do trabalho docente, identifiquei e analisei as considerações de Gerson Rodrigues em relação à formação de professores e a remuneração salarial.

Já fora comentado, neste trabalho, a participação de Gerson Rodrigues na “campanha” por uma “Bauru: cidade de escolas”, na década de 1950, intensamente veiculada em suas crônicas. Reconhecendo que este projeto faria parte de necessidades e intenções mais amplas de determinados grupos da sociedade bauruense da época, é preciso observar aí, também, um discurso sinalizando, por outro lado, um problema grave da estrutura educacional do ensino secundário quanto à formação de profissionais para atuar na área. Numa das crônicas escreve:

É inegável a necessidade de um maior e melhor número de professores secundários no Brasil. Não temos em quantidade, nem em qualidades suficientes.
O crescente aumento de escolas secundárias em nosso Estado, por outro lado, está complicando o problema, pois quanto mais ginásios e escolas normais forem criadas tanto mais se agravará o problema! (1 ago. 1950)

Considerando novamente a análise de Souza (2008) sobre o relatório de Jayme Abreu, quanto a questão da formação de professores para o ensino secundário no Brasil, este afirmava que a expansão acelerada desse segmento do ensino criara um “magistério de emergência”. Considerado como uma saída para resolução do problema, Souza (2008) afirma que apesar da “criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, no início dos anos 30 do século XX [ter sido] um passo decisivo na profissionalização do magistério secundarista demarcando saberes e competências específicas para a atuação profissional [...], o número de professores licenciados continuou pequeno em relação ao número total de docentes em exercício nos ginásios e colégios do país.” (SOUZA, 2008, p. 211-212)

Ainda, quanto à condição do trabalho docente, Gerson Rodrigues denuncia a sua instabilidade condicionada pelo que chama de “nomadismo do magistério”, ou seja, a rotatividade dos professores a cada ano letivo:

O mal da mobilidade do mestre é notório. Com raras exceções o professor que se transfere, que deixa sua escola para buscar outra, não está beneficiando o ensino, o que vale dizer, seus alunos. A falta de continuidade de trabalho, o que é mal nacional até na administração pública, traz ao ensino lacunas, hiatos e desintegrações no currículo e na formação dos discentes. [...]. O nomadismo do magistério é pernicioso ao professor e às escolas. [...]. Frequentemente, quando seu ideal último de remoção é atingido, está o professor já gasto, cansado, envelhecido e desiludido dos seus ideais. [...]. Não fez muitas e solidas amizades e se tornou arredo, semi-social, vivendo mais para o lar do que para a comunidade onde devia ser um elemento de elite e levedação de ideais. (03 jan. 1953)

Enquanto a Lei de Diretrizes e Bases tramitava no Congresso, “o governo federal encarregou-se de reformulações parciais com vistas a minimizar os problemas do ensino secundário e profissional” (SOUZA, 2008, p. 213). Assim, tendo por objetivo o aperfeiçoamento de professores e pessoal técnico, em 1953, foi instituída a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). E entre 1954 e 1957 esteve em discussão uma nova Lei Orgânica do Ensino Secundário sobre a inclusão e/ou exclusão de disciplinas no currículo. (SOUZA, 2008, p. 213). Também, como tentativa de resposta aos problemas com a formação de professores, foram criadas tendo como base dispositivos administrativos como a Reforma do Regimento da Diretoria de Ensino Secundário, “as Inspetorias Seccionais, com base no artigo 94 da Lei Orgânica, que previa um serviço de inspeção concebida como orientação pedagógica” (NUNES, 2000, p. 49)

Quanto aos salários dos professores, Gerson Rodrigues, em tom satírico, argumenta sobre a triste realidade dos professores que “teimam poeticamente a filosofar por um mundo melhor” enquanto “no fogão de seus lares há dificuldades: falta o feijão e a carne que andam pelo preço da morte”. Em outra crônica, com o intuito de argumentar contra a incoerência na relação entre “tempo dedicado ao serviço” e “valor recebido pelo serviço” o

que acabava por desqualificar os professores em relação a outras categorias profissionais, Gerson Rodrigues, conclui que “medir com o cronógrafo sua obra é usar critério material para uma realidade espiritual”.

Quero tomar o caso do professor para exemplo. Se se medir o valor do serviço do mestre pelo tempo gasto burocraticamente, entre a assinatura do “ponto” e a saída da escola, certamente ele vale pouco. Enquanto alguns trabalhadores (e o mestre é um trabalhador sujeito a horários, a “pontos” e tarefas programadas...) fazem o dia de serviço em oito horas, o mestre o faz em metade e até menos. “Por isso vale menos, dizem alguns!

Acontece, primeiro, que a escola não é o único lugar em que o professor exerce sua carreira, em que presta serviço ao aluno, à sua família e, diretamente à sociedade. Acontece, segundo, que medir com o cronógrafo sua obra é usar critério material para uma realidade espiritual. Educação e ensino não se pesam a quilo, nem se aferem a metro ou a hora marcada em relógios! (27 abr. 1956)

Em relação aos rendimentos dos professores serem comparados ao Judiciário, não significa que ganhavam tanto, “pois os salários dos juizes se distanciaram dos pagos aos demais funcionários públicos a partir da década de 1980” (NADAI, 1991 *apud* GUSMÃO, 2004, p.40)³⁵. Todavia, a questão da remuneração não deixa de ser controversa, pois, dependendo da categoria a que pertencesse, a situação poderia melhorar um pouco, pois:

A situação econômica do professorado secundário [...] era diferenciada em se tratando de professorado público (da União, Estado e Municípios) e os do magistério particular. Os primeiros, na avaliação do educador, recebiam salários condignos e gozavam de uma série de vantagens. A remuneração estava ao nível das mais prestigiosas profissões liberais. Além disso, recebiam gratificações adicionais (quinquênios) podiam acumular dois cargos ou funções públicas, gozavam de três meses e meio de férias remuneradas anuais e tinham assegurada a aposentadoria aos 30 anos de serviço público com ordenados e vantagens integrais.” (SOUZA, 2008, p. 211)

A questão dos exames escolares é um assunto recorrente nas crônicas do professor Gerson Rodrigues. É possível notar a tamanha repercussão que ocupava, deixando por um

³⁵ GUSMÃO, E. M. *Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004, p. 40.

lado os professores extremamente atarefados com a correção das “sabatinas”. Numa de suas crônicas, compara o professor a um “cargueiro” diante do volume de provas que tinha para corrigir:

O professor saíu ontem, como um cargueiro, com dois pacotes de sabatinas, feitas conforme o horário determinado pela direção. Em nossa casa pouco pôde fazer para corrigi-las. Metade de uma turma lhe tomou o resto do dia. Precisava descansar também. Viver. Respirar. Recrear à noite. Procurar uma fuga ao trabalho... Foi o que fez. (31 mai. 1956)

“Para os professores, os exames validavam os conhecimentos transmitidos, reforçavam a autoridade docente e o prestígio do curso secundário, ao mesmo que garantiam a disciplina e a emulação dos estudantes.” (SOUZA, 2008, p. 195)

3.3 Os alunos como sinal de novos tempos

O professor Gerson Rodrigues reconhece no que ele chama de “classe estudantina”, sendo esta um conjunto de estudantes que se “congregam em torno de propósitos comuns”, um elemento com “poder social de grande influência nas mutações sociais”, não importando o nível de ensino ao qual pertencessem. Ainda sobre o movimento secundarista, em Bauru, na década de 1950 o estudo de Daibem e Casério (1996) sobre a educação no município, construído a partir do depoimento de pessoas que tiveram a experiência de viver esse período, contribui nesse entendimento:

“O movimento secundarista era uma coisa fantástica. Se dizia que o movimento secundarista era mais forte que os outros, porque você tinha maior número de escolas secundárias que universitárias. Para você ter uma idéia, até 64 a proporção das universidades entre escola pública e privada era de 75%. O movimento estudantil secundário penetra mais e a política estudantil pelas escolas vai ser muito forte” - João Francisco Tidei Lima. (DAIBEM; CASÉRIO, 1996, p. 72)

Por outro lado, apesar de vislumbrar a possibilidade de organização e representatividade social desse grupo, Gerson Rodrigues reconhece um certo “fracasso” da instituição escolar, na época, ao atribuir-lhe a caracterização de um local que fosse para “encontro social”, um “passa-tempo”. Seu descontentamento em relação aos desígnios da instituição escolar na compreensão da juventude como um “trampolim” para os alunos conseguirem um “diploma” insurge em diversas crônicas que aparecem ao longo da década de 1950. A escola perdera, segundo Gerson Rodrigues a condição de ser um “centro de estudos sérios e profícuos” na formação de seus alunos, para onde iam sem vontade própria, apenas para fugir de afazeres domésticos, conforme o excerto:

Hoje, [...], a escola é algo que os alunos olham com certa repulsa e que freqüentam como se fossem condenados a cumprir tarefas diárias forçadamente... [...]
 [...] Servem, sim para que sejam buscadas como um trampolim para a conquista de um diploma; servem sim para que certos ‘alunos’ fujam de serviços caseiros, encontrando nas aulas um lugar de novas amizades e relações sociais; servem, sim para passa-tempo de outros, que no ir e vir da casa à escola e nas desculpas que dão quanto aos deveres escolares, encontram motivos sobejos para não assumirem obrigações domésticas... Não servem mais para repasto do espírito, nas suas bibliotecas e laboratórios; não servem muito mais para se tornarem um centro de formação de hábitos novos e sadios; não servem mais para se tornarem centros de estudos sérios e profícuos. (01 mar. 1952)

Souza (2008) ao analisar minuciosamente o relatório feito por Jayme Abreu, em 1955, como resultado de um estudo que este apresentara no Seminário Inter-Americano de Educação Secundária, realizado em Santiago (Chile), ressalta que este educador “assinalava o conservadorismo predominante nas instituições escolares brasileiras e o flagrante desajuste entre os princípios de escola para a classe dominante, imperante no país, e a gradual democratização em curso.” (SOUZA, 2008, p. 204)

Em Bauru, nas décadas de 1940 e 1950, o êxodo rural se acentuou. Decorrentes da urbanização e das transformações econômicas, a expansão demográfica aumentou as regiões periféricas da cidade. As populações que compunham essas regiões eram constituídas por

trabalhadores sem posses e que não possuíam qualificação para o mercado de trabalho urbano. (PRIMOLAN, 2011). Dados do censo de 1950 comprovam a expansão urbana da cidade composta por 72.972 habitantes, sendo 59.126 habitantes na cidade e 13.846 habitantes na zona rural. Ainda de acordo com esse censo, a cidade de Bauru encontrava-se, no quesito urbanização, em 32º lugar entre as cidades brasileiras e em 7º lugar entre as 369 cidades do Estado de São Paulo. Os jovens pertencentes a famílias sem intimidade com a linguagem escrita e a cultura escolar encontravam dificuldades para inserir-se num modelo de escola que tinha sido projetado para a classe média e alta (PRIMOLAN, 2011).

Quanto ao posicionamento das famílias frente à formação escolar dos jovens, Gerson Rodrigues considera que diante de “um certo desleixo por parte de pais, sempre amorosos mais nem sempre alerta, vai a mocidade amolecendo o interesse pelos estudos sérios da sua escola”. Aliada a essa situação enumera outros problemas que, segundo ele, agravavam o desenvolvimento escolar dos jovens:

Do outro lado, os alunos representam influências de família e meios diversos. Procuram reproduzir na escola atitudes, gestos, maneiras e fatos que viram ou realizaram fora da aula, na rua, nas festas, nos clubes, nas piscinas, no cinema, no futebol, enfim, em todos os grupos de que fazem direta ou indiretamente parte ativa. [...]. (20 jul. 1956)

O fato é que na década de 1950 tornava-se crítico o desencontro entre os ideais dos alunos e suas famílias, oriundos de meios mais populares e a escola que preparava as “individualidades condutoras”, provenientes de grupos privilegiados. Bontempi e Braghini (2012) demonstram num estudo sobre o ensino secundário brasileiro, desse período, a partir da análise de publicações feitas na Revista Brasileira de Ensino Pedagógico essa situação e atestam que os colaboradores desse periódico concordavam que “era necessária uma reforma de costumes para que o prestígio dado a este nível de ensino alterasse sua finalidade, de formação das elites condutoras para uma formação média” (BRAGHINI; BONTEMPI, 2012, p. 245)

Eis aqui mais uma das noções de “desajuste” da escola secundária apresentada pela RBEP. A escola tradicional não abria chance para que houvesse o amadurecimento da classe média que pressionava pelo ensino secundário, por compreendê-lo como um veículo de crescimento econômico, indicativo maior de desenvolvimento. Assim, recaía sobre a escola secundária para “bacharéis” mais uma culpa: a de ser inibidora do processo de enriquecimento dessa classe que, pelos discursos da RBEP, tornou-se um termômetro da riqueza nacional. Estratificada nos moldes do ensino preparatório, a escola secundária teria criado um grande “desajuste” na educação brasileira, porque o padrão de preparação das “individualidades condutoras”, via prestigiosa de acesso à ascensão social, já não combinava com os interesses e necessidades da população discente naquele momento histórico. (BRAGHINI e BONTEMPI, 2012, p. 255)

E comentando Anísio Teixeira, um dos colaboradores dessa revista, ressaltam que no ensino secundário a “regra de ouro” da nova escola seria “ensinar pouco e bem”. O estudante dependeria da “inteligência compreensiva”, seria “autodidata”, “aprenderia por si” sem ser “adestrado”, porque, no fim da jornada, cada aluno viveria segundo “o que cada um adquiriu na sua luta livre pela educação” (BRAGHINI; BONTEMPI, 2012, p. 253)

Diante desse contexto onde o desencontro de expectativa entre alunos e escola começa a ser mais acentuado é interessante notar como o sistema de avaliações, enquanto um instrumento tradicional e presente na escola secundária, contribuía para instituir alguma disciplina entre os alunos. Para estes, “submetidos a dez provas mensais, em média, além das sabatinas e dos trabalhos escolares, todo o ensino girava em torno da nota tomada como estímulo, temor e a maior preocupação dos estudos.” (SOUZA, 2008, p. 195). É interessante reparar, entretanto, através do discurso de Gerson Rodrigues, como esse sistema vai sendo burlado com intensidade e criatividade pelos alunos. O professor, nesse ponto escreve:

Tristão de Ataíde, ilustre pensador brasileiro, há tempos publicou na revista “Sul América” um artigo sobre a juventude no qual declara seu otimismo, “como pai ou professor” quanto à mocidade de hoje. [...].
 [...] creio que elabora em excessivo otimismo [...]. Principalmente nos estudos, a juventude de hoje não pode ser superior á do passado. E os exemplos o provam.
 [...] cadetes brasileiros em Agulhas Negras, revoltaram-se, em greve e ameaças de indisciplina, porque se lhes exigia melhor grau de aproveitamento nos estudos. A greve chegou a exigir a presença da polícia [...].
 Por outro lado, em todas as escolas os processos “modernos” de cola são cada vez mais aperfeiçoados e superfinos, variados e sutis. [...]
 Diz o autor citado que os “estudantes se preocupam com a eficiência do ensino”... Não creio. O que se percebe é o interesse pelo diploma, a todo o custo e não a eficiência da aprendizagem. Passar, - eis o fim. [...]. (13 mai. 1955)

A “cola” passa a ser um instrumento utilizado pelos alunos para tentar amenizar os resultados do fracasso escolar diante do volume de avaliações presentes na organização do ensino secundário³⁶. A engenharia do processo de exames, com datas pré-determinadas, “questões sorteadas”, conteúdos extensos para serem memorizados, estimulava uma prática alternativa àqueles alunos que teriam dificuldades para manter boas notas. Assim, muito característico no ambiente escolar, uma situação descrita pelo professor Gerson Rodrigues representa o cenário de “tortura” promovido na época de exames:

Estão em provas os alunos. As questões sorteadas já estão na lousa. [...]. Todos se debruçam sobre o papel na carteira e escrevem por momentos seguidos. Mas... [...] um aluno [...] resmunga qualquer coisa. Quem sabe pede “borracha”, quem sabe pede “auxílio”?
 [...]. O professor ergue a voz e diz apenas:
 - Há um aluno usando armas ilegais para ganhar o prélio da sabatina. É preciso combater com igualdade de condições. [...]
 O aluno entende. O silêncio se faz de novo. [...] (3 jun. 1956)

Não por acaso, a prática disseminada da “cola” tornou-se uma estratégia usual utilizada pelos alunos para lidarem com esse regime de avaliação permanente” (SOUZA, 2008, p. 196). Esta atitude dos estudantes secundaristas, numa perspectiva onde o “aprendizado é um esforço, e a tendência geral é para o mínimo”, exposta e comentada, inúmeras vezes por Gerson Rodrigues nas folhas do jornal, somavam-se outras: a preocupação

³⁶ A Reforma Capanema “buscou tornar o sistema de avaliação mais rígido e aprimorado. Foram criados dois tipos de exames – os de suficiência e os de licença. Os primeiros tinham por finalidade habilitar o aluno de qualquer série para a promoção à série imediata e habilitar o aluno da última série para a prestação dos exames de licença. Os exames de suficiência de cada disciplina compreendiam duas provas parciais – uma realizada em junho e a outra em outubro, versando sobre toda a matéria ensinada antes da prova – e uma prova final prestada perante banca examinadora. A aprovação em cada disciplina resultava da média ponderada de quatro avaliações: a nota anual de exercícios realizados diariamente em classe e somados mensalmente, as notas da primeira e segunda prova parcial e a nota da prova final. A esses elementos seriam atribuídos, respectivamente, os pesos dois, dois, quatro e dois.

Os exames de licença seriam prestados na conclusão dos estudos de primeiro e segundo ciclo versando sobre todas as matérias estudadas em cada ciclo e a nota corresponderia à média aritmética das notas de todas as disciplinas.” (SOUZA, 2008, p. 173)

apenas na aquisição do diploma, sem que de fato este representasse dedicação e responsabilidade na busca do conhecimento e as notas baixas:

Nem sempre é cor do céu a nota que dá a tonalidade à vida estudantil. Há também os coloridos do lápis vermelho com que o mestre lhes corrige os erros. Há o preto tarjando de luto os seus boletins... (10 mai. 1956)

A concepção de Gerson Rodrigues sobre professores e alunos do ensino secundário, diante do debate educacional da década de 1950, indica a noção de distanciamento entre esses dois pólos, que ele considera essencial, mas que já não conseguiam estabelecer um diálogo. E ele entendia que a questão da qualidade de ensino da escola secundária passava necessariamente pela retomada dessa comunicação. O seu discurso, diante desse impasse, que ele conhece tanto na prática do exercício profissional como pelo debate educacional - num nível local e num âmbito mais amplo, ao qual está sintonizado -, busca reconhecer e validar determinadas ideias sobre o papel de professores e alunos, diante das novas demandas ocasionadas pela expansão do ensino secundário, numa perspectiva “conciliatória” como meio de garantir a transição que estava em curso. Desse modo, é recorrente nas suas crônicas o aspecto contraditório, pois, em face de uma escola secundária que apresenta sinais de desmoronamento torna-se mais difícil definir o contorno preciso da figura de seus personagens centrais: professores e alunos. Mesmo assim, contribuiu com a afirmação da imagem de um professor capaz de “regenerar” a juventude estudantil, tendo a ciência, sobretudo a Sociologia como instrumento para moldar os alunos que como “cera mole” seriam ajustados. Em relação aos alunos, apresenta seu maior espanto, e acaba por reforçar as noções de descuido com o estudo sério, presença de hábitos inadequados como a “cola”, a falta de leitura, enfim alunos nada comprometidos e sem a cobrança por parte de suas famílias.

CONCLUSÃO

Em suas crônicas, publicadas na *Folha do Povo*, Gerson Rodrigues coloca o ensino secundário em destaque. Nessa tribuna, professores e alunos ocupam um espaço praticamente diário, inclusive nas férias escolares, pois, como cronista, este professor que escreve sobre inúmeros assuntos, insiste no tema educação. Ele apostava na ideia de que informar os leitores do matutino sobre o debate educacional da época, década de 1950, seria também, uma forma de convencer a opinião pública para determinados propósitos.

Legitima seu discurso através de sua vivência como profissional do magistério: torna-se professor titular de Sociologia Educacional e Português no Instituto Educacional Ernesto Monte, em Bauru e, trazia já um longo percurso de experiência profissional na área como docente e diretor de escola pelos lugares onde passou; além disso, tanto sua formação inicial, que é em Pedagogia como os investimentos profissionais posteriores continuam com foco na educação.

O discurso de suas crônicas, bem como sua inserção nos grupos locais revelam seu compromisso com uma concepção política na qual a educação – pensada como instrução pública – adequaria a população às formas de organização da sociedade que emergiam no momento.

O ensino secundário na visão de Gerson Rodrigues deveria ter reconhecido o seu caráter democrático. Conferir oportunidades iguais a todos, no entanto, significava compreender e atender as demandas que a sociedade bauruense, da década de 1950, colocava. Daí sua preocupação com as diversas frentes: ensino noturno, ensino normal, ensino profissionalizante. Segundo ele, era preciso conferir oportunidade de acesso a esse nível de ensino ao maior número de pessoas, numa lógica de lapidar e integrar os indivíduos na sociedade, aproximando-os num ponto comum de formação, onde humanismo científico,

progresso da ciência e técnica dariam o tom nesse processo educativo. Ele destacava o ensino secundário como prioridade. Considerava a importância desta modalidade de ensino muito além de mero instrumento para preparação ao ensino superior, valorizava sua função educativa.

Compreendendo a educação como um princípio civilizador e propulsor da modernidade, Gerson Rodrigues, usava o jornal para discutir os problemas do ensino secundário a partir de um ponto de vista específico. No contexto de 1950, o modelo de ensino secundário estava sendo insistentemente questionado por diversas instâncias – institucional, legislativa, periódicos especializados, jornais – e Gerson Rodrigues se posicionou frente o mesmo, enquanto um intelectual que se articulava e manifestava seu engajamento.

Partindo da perspectiva desse professor, pelos temas e discussões que ele propunha a respeito das demandas do ensino secundário, na década de 1950, sobretudo em relação ao papel de professores e alunos, foi possível perceber que a escola não se constitui como uma instituição homogênea, mas que possui disputas internas acerca de sua organização, concepções e modelos. E, além disso, olhar para a escola através do jornal permitiu uma análise mais atenta sobre as contradições da sociedade da época e o entendimento da educação como um instrumento para reforçar e/ou ocultar representações. Tal percepção foi possível ao se compreender a educação num sentido mais amplo que o escolar, aquela vivenciada nos mais diferentes espaços, como nas páginas de um jornal de uma cidade do interior do país.

REFERÊNCIAS

FONTES

1. Crônicas da seção Educação e Escolas (Arquivo do NUPHIS-USC-Bauru)

Educação e Escolas, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 A família e a escola, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O triângulo vicioso, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Bauru, cidade das escolas!, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 As classes sociais, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Ensino e verbalismo... , *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O que e quanto somos, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Cursos e recursos, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Uma monografia de Bauru, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 A luta e o acordo, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Leitura e biblioteca, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Diretrizes da Sociologia, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Boas férias! , *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Um ginásio noturno, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O culto da palavra, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 A caça ao diploma, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Isolamento e cultura, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Fazendo como menino, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Alunos e estudantes... , *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Profissão e cultura, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Profissão e preconceitos, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Idealismo e ação, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Ginásio sem *gymnasium*, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Eficiência, saúde e ciência, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Aptidão e vocação, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O destino da filosofia, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Filósofos e filosofantes, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Escolas Normais, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O Centro de Estudos Sociais , *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Um parque infantil, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Estudos Sociais, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Semana Euclidiana, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Excursão de estudos rurais, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O ensino secundário, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Semana da criança, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 1º de Agosto, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 A formação dos professores, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 O dia do professor, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Esperanças do professor... , *Folha do Povo*, Bauru, 1950

Excursões, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Educação, um processo social, *Folha do Povo*, Bauru
 A educação segundo Spencer, *Folha do Povo*, Bauru, 1950
 Cartaz para eleição, *Folha do Povo*, Bauru, 1951
 Adiar não é resolver, *Folha do Povo*, Bauru, 1951
 Mais aulas de vernáculo, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Língua e a Sociologia, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Coação sobre os professores, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 “O sonho e o Feijão”, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 O valor se mede pelo tempo gasto, *Folha do Povo*, 1956
 A escola e o ócio, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Bauru literária, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 O elogio ao analfabeto, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Sobre as costas do professor, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Escolas para técnicos! *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Cada vez mais do menos, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 A sociedade penetra as escolas, *Folha do Povo*, Bauru, 1956
 Associação de professores, *Folha do Povo*, Bauru, 1959

2. Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues contendo 185 documentos.
3. Prontuário escolar de Gerson Rodrigues contendo 72 documentos (EE Ernesto Monte).
4. Entrevista com a Sr. Gerlena Rodrigues Fontana realizada em dezembro de 2015.
5. Bauru Estudantino, Órgão Oficial da Federação Bauruense Estudantina, 1957.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, M. *História Cultural da Imprensa: Brasil- 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BRAGHINI, K. Z. e BONTEMPI JR, B. As reformas necessárias ao ensino secundário brasileiro nos anos 1950, segundo a Revista Brasileira de *Estudos Pedagógicos*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n. 03, set. 2012, p. 241-261. Disponível em: www.scielo.br/pdf/edur/v28n3/a12v28n03.pdf Acesso em dez. 2015.

BOBBIO, N. et al. *Dicionário de Política*. v.2, 13ª ed., Brasília: UnB, 2009, p. 842.

BONTEMPI Jr, B. *A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BOTO, C. O professor primário português como intelectual: ‘Eu ensino, logo existo’. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 6, n.1, 2005, p. 1- 45.
 Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1249> Acesso em dez. 2015.

BURKE, P. História como memória social. In: _____. *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPOS, R. D. de. *Mulheres e crianças na imprensa paulista, 1920-1940: educação e história*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. Um educador viajante: Floriano Lemos no interior paulista (1926-1930). *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Raquel%20Discini%20de%20Campos.pdf> Acesso em jun. 2016

_____. Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, supl., nov. 2013, p. 1333-1352. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013000400013> Acesso em jun. 2016.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ed. Ática, 1981-1984, p. 4-13.

CAPELATO, M. H. R. *Cuadernos Hispanoamericanos* – Ideias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v.21, n.34, 2005, p. 344-370.

CATANI, D. B. Informação, disciplina e celebração: os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo. *Revista da Faculdade de Educação da USP*. v. 21, nº 2, jul/dez 1995, p.9-30.

_____. "História da Profissão Docente: questões e estudos". In: FARIA FILHO, L. M. de et al (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Minas Gerais: Autêntica, 2011.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). *Educação em Revista: A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, M. de. Fazer história. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 31-119.

GHIRALDELLI JR, P. Luta em torno da primeira LDBN e movimentos populares em educação. In: *História da educação brasileira*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 87-106.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11(5), 1991, p. 173-191.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 13, v. 7, 1994, p. 97-113.

DAIBEM, I.; CASÉRIO, V. M. R. (orgs.). *Um olhar sobre a educação municipal de Bauru*. Bauru: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, s/d.

DALLABRIDA, N.; SOUZA, R. F. “O todo-poderoso império do meio”: transformações no ensino secundário entre a Reforma Francisco Campos e a primeira LDBEN. In: DALLABRIDA, N.; SOUZA, R. F. (orgs.). *Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)*. Uberlândia, EDUFU, 2014, p. 11-29.

DARNTON, R. O beijo de Lamourette. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo; Cia das Letras, 1955, p. 23-26.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 143-180.

GOMES, A. de C. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUSMÃO, E. M. *Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. O professor não é mais aquele... In: *Revista Nossa História*. N. 28. Santa Catarina: UFSC, 2006, p. 80-82. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/830512/mod_resource/content/1/Revista%20Nossa%20Hist%C3%B3ria%20-%20N.%2028%20-%20Fevereiro-2006.pdf Acesso em ago. 2016.

HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. O imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, E. A era de ouro. In: *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223-363.

KARVAT, E. C.; MACHADO, V. F. História Intelectual e História de Intelectuais: reflexões, perspectivas, problemas. In: *XIV Encontro Regional de História*. Disponível em: <http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/426.pdf> Acesso em dez. 2015.

LAHUERTA, M. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. da (Orgs.). *A década de 20 e o Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

LE GOFF, J. *História e Memória*; tradução Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 419-476.

LOSNAK, C. J. Políticas da Imprensa. In: *Polifonia urbana: imagens e representações – Bauru 1950-1960*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. Jornalismo e política na cidade. In: *V Congresso Nacional de História da Mídia*. São Paulo. Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). mai/jun, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Jornalismo%20e%20Politica%20na%20Cidade.pdf> Acesso em jul. 2016.

_____. O jornalismo e a cidade. In: *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife. Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). set., 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2481-1.pdf> Acesso em jul. 2016.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005, p. 111-153.

LUCA, T. R. de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-175.

MACHADO, V. F.; KARVAT, E. C. Intelectuais e história: experiências, gerações e mediações. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*. 2015, Florianópolis. p. 1-9. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434320628_ARQUIVO_ErivanValeriaanpuh2015.pdf Acesso em dez. 2015

MARQUES, R. *O arquivamento do escritor*. In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.141-156.

MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, v. 4.

MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NÓVOA, A. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: (Org.) CATANI, D. *Educação em Revista - A Imprensa Periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 31.

NUNES, C. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 4, mai/jun/jul/ago, 2000, p. 35-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a04> Acesso em ago. 2016.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. de. Historiografia da Educação e Fontes. In: GONDRA, J. G. (org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP7A, 2005, p. 17-62.

PANIZZOLO, C. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. *Ponto e vírgula: revista do programa de estudos pós-graduados em ciências sociais da PUC-SP*, São Paulo, 10, 2011, p. 74-88. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/13901/10225> Acesso em nov. 2015.

PERIOTTO, M. R. O papel da imprensa no processo de construção da nação: a “vocação pedagógica” do Correio Brasiliense. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n. 16, p. 61-83, 2004. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis16/art5_16.pdf. Acesso em jul. 2016.

PRIMOLAN, E. D. Expansão da escola católica na cidade de Bauru-SP na década de 1950: do centro para a periferia. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. V. 3, n. 9, Maringá. jan/2011, p. 1-13. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm>. Acesso em mai. 2016.

PROST, A. Os fatos e a crítica histórica; as questões dos historiadores. In: *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: autêntica, 2008, p. 53-91.

RIBEIRO, A.P.G. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.

SARANDY, F. M. S. O ensino de sociologia na escola média: as lutas políticas em torno se sua obrigatoriedade e as apropriações simbólicas da disciplina. In: *4º Seminário de pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 1-19. Disponível em: <http://www.uff.br/ivspesr/images/Artigos/ST12/ST12.5%20Flavio%20Marcos%20Silva%20Sarandy.pdf> Acesso em jun. 2016.

SEPULVEDA, J. A. M. *O papel da Escola Superior de Guerra na projeção do campo militar sobre o campo educacional*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses/tese_jose_antonio_miranda_sepulveda.pdf Acesso em jul. 2016.

SCHWARCZ, L. M. *Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadão em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. IN: RÉMOND, R. (org). *Por uma história política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p.231-269.

SOUZA, R. F. de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. v.1, 2ed., Florianópolis: Insular, 2005, p. 18.

VICENTINI, P. P. Imagens públicas da profissão docente: uma análise sobre as formas de distinção da categoria. BARBOSA, Raquel Lazzari (org.). *Formação de educadores: artes e técnica – ciências e políticas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006, p. 513-530.

VIEIRA, C. E. Intelligentsia e intelectuais – sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista 16*, 2008, p. 64-85.

<www.crmariocovas.sp.gov.br> Acesso em nov. 2015.

<www.granbery.edu.br> Acesso em nov. 2015.

<www.ial.br/escola/index.php> Acesso em nov. 2015.

<www.iepassofundo.educacional.net/institucional.asp> Acesso em nov. 2015.

<www.faculdadedesaobento.com.br> Acesso em nov. 2015.

<www.cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20DA%20DEFESA%20NACIONAL> Acesso em ago. 2016.

APÊNDICES

Apêndice 1. Quadro temático elaborado a partir do tratamento documental com as crônicas de Gerson Rodrigues

1. Aluno / Estudante
 - 1.1. Bolsista
 - 1.2. Diversidade
 - 1.3. Deveres escolares
 - 1.4. Posturas sociais
 - 1.5. Perspectivas
 - 1.6. Interesse pelas aulas
2. Professor
 - 2.1. Confraternização
 - 2.2. Remoção
 - 2.3. Insatisfação
 - 2.4. Concurso
 - 2.5. Titulação e salário
 - 2.6. Funcionário público
 - 2.7. Associações
 - 2.8. Aprofundamento
 - 2.9. Experiência em sala de aula
 - 2.10. Formação sociológica
3. Escola
 - 3.1. Rural
 - 3.2. Urbana
 - 3.3. Industrial
 - 3.4. Origem da palavra escola
 - 3.5. Orientação religiosa
 - 3.6. Instituto
 - 3.7. Ernesto Monte
4. Prática / recursos / cotidiano escolar
 - 4.1. Provas e exames
 - 4.1.1. Ingresso
 - 4.1.2. Final
 - 4.1.3. Vestibular
 - 4.2. Formatura
 - 4.3. Férias escolares
 - 4.4. Volta às aulas
 - 4.5. Semana da criança
 - 4.6. Redações dos alunos
 - 4.7. Abandono dos estudos / evasão escolar
 - 4.8. Clube de sociologia
 - 4.9. Recursos audiovisuais
 - 4.10. Diploma
 - 4.11. Trabalhos escolares
 - 4.12. Campeonato escolar
 - 4.13. Vagas

- 4.14. Comportamento
- 4.15. *Cola*
- 4.16. Dia do professor
- 4.17. Semana da criança
- 4.18. Caderno escolar
- 4.19. Uniforme
- 4.20. Visitas excursões
- 4.21. Aniversário da escola
- 4.22. Palestra
- 4.23. Centro de Estudos Sociais
- 4.24. Festividades
- 4.25. Dia do pan-americano
- 4.26. Reforma no prédio escolar
- 5. Ensino / Curso
 - 5.1. Jardim da infância
 - 5.2. Primário
 - 5.3. Secundário
 - 5.3.1. Internato
 - 5.3.2. Orientação vocacional
 - 5.3.3. Noturno
 - 5.3.4. Significado
 - 5.3.5. Falta de professores
 - 5.4. Médio
 - 5.5. Técnico
 - 5.6. Adultos
 - 5.6.1. Alfabetização
 - 5.7. Magistério
 - 5.8. Noturno
 - 5.9. Particular
 - 5.10. Superior
 - 5.10.1. Engenharia, Farmácia, Odontologia e Filosofia
 - 5.11. Orientação educacional
- 6. Currículo / Programa
 - 6.1. Folclore
 - 6.2. História em quadrinhos
 - 6.3. Conexão entre as matérias do ensino médio
 - 6.4. Mudanças no ginásio
- 7. Legislação
 - 7.1. Reforma
 - 7.2. LDB
 - 7.3. Ministério da Educação
- 8. Teoria e prática pedagógica
 - 8.1. Escola tradicional e escola nova
- 9. Disciplinas escolares
 - 9.1. Educação Física

- 9.2. História
- 9.3. Filosofia
- 9.4. Educação Moral e Cívica
- 9.5. Língua Portuguesa
 - 9.5.1. Ortografia
- 10. Livros
 - 10.1. Importância
 - 10.2. Conteúdo das décadas de 30 e 40
 - 10.3. Aquisição
 - 10.4. Didáticos
- 11. Literatura
 - 11.1. Autores
 - 11.1.1. Monteiro Lobato
 - 11.1.2. Silvio Romero
 - 11.1.3. John Dewey
 - 11.2. Iniciação literária dos alunos
- 12. Leitura / escrita
 - 12.1. Importância
- 13. Educação
 - 13.1. Laicismo
 - 13.2. Ensino e Política
 - 13.3. Criança
 - 13.4. Política e Filosofia
 - 13.5. Escola e família
 - 13.6. Preparação para a vida
 - 13.7. Problemas
 - 13.8. Falta de escolas
 - 13.9. Falta de lazer nas escolas
 - 13.10. Educação e democracia
 - 13.11. Objetivos da educação
 - 13.12. Utopia
 - 13.13. Educar e instruir
 - 13.14. Considerações do prof. Washington Vita
 - 13.15. Ensino no Estado de São Paulo
 - 13.16. Desigualdade educacional no Brasil
 - 13.17. Técnicos europeus
 - 13.18. Educação do Ocidente e do Oriente
 - 13.19. Letras e educação
 - 13.20. Formação e informação
 - 13.21. Educação política dos homens
 - 13.22. Educação em Bauru
 - 13.23. Obra educacional do SINAI
 - 13.24. Spencer
 - 13.25. Crescimento de escolas
 - 13.26. Baixa qualidade do ensino
- 14. Profissões

- 14.1. Bacharel e doutor
- 14.2. Filósofo
- 14.3. Professor
- 15. Conhecimento e cultura

Apêndice 2. Crônicas produzidas por Gerson Rodrigues relacionadas à Educação.

Nº	Data	Jornal	Localidade	Título
1	16/07/1940	Diário da Manhã	Passo Fundo	Opinião Pública
2	19/07/1940	Diário da Manhã	Passo Fundo	Psicologia das Coletividades
3	20/07/1940	Diário da Manhã	Passo Fundo	A mística do diploma
4	01/06/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Escola Nova
5	04/06/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Educação em Família
6	11/06/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	O futurismo na Literatura
7	12/06/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Propaganda e Política
8	25/06/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Professores Particulares
9	02/07/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Bases e Diretrizes da Educação Nacional
10		Diário da Manhã	Passo Fundo	Escola Leiga
11	23/07/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Fins da Educação Secundária
12	25/07/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	“A Formação Nacional”
13	29/07/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	A Defesa da Saúde
14		Diário da Manhã	Passo Fundo	Adaptação Social
15	15/08/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Preparo para o Trabalho
16	17/08/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Formação Integral
17		Diário da Manhã	Passo Fundo	
18	24/08/1941	*	*	Fim da Educação Secundária – um escopo dos colégios cristãos
19	11/09/1941	*	*	Técnicos para o Brasil
20	12/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Trabalhadores Especializados
21	19/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Ensino Técnico para o Brasil
22	24/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Problemas de Educação “Permanência Escolar”
23	25/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Internatos Rurais
24	26/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Diferenciação Curricular
25	28/09/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	O Professor Rural
26	18/12/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Prof. Gerson Rodrigues
27	09/10/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Organização escolar
28	10/10/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	O Currículo Elementar
29	12/10/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	O Currículo Secundário
30	15/10/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Confraternização de professores
31	14/10/1941	Diário da Manhã	Passo Fundo	Ginásio Elementar e Secundário
32	09/01/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Leitores
33	12/01/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Férias
34	23/01/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – As crianças diferem-se

35	26/01/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Espigas de seara alheia
36	30/01/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Plataformas e ensino
37	02/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Os partidos e os Problemas Educacionais
38	06/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Antes da idade escolar
39	09/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Brinquedos
40	12/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Educação e Democracia
41	16/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Fins da Educação
42	20/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Abrem-se as portas das escolas
43	23/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Atividades infantis
44	27/02/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Filosofar é do homem
45	02/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Os Programas Escolares
46	06/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Meios e fins
47	09/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Orientação Educacional
48	13/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Não somos racionais
49	20/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Liberdade contra temor
50	16/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Liberdade contra a intolerância
51	23/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – A quinta liberdade
52	27/03/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Feriados e facultativos
53	03/04/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Mais escolas
54	06/04/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Estudantes e alunos
55	04/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Esforço inútil
56	04/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – História, fermento de discórdia
57	22/04/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Um mercado municipal
58	04/05/1947	“A comarca” de	Araçatuba	Vida e Educação –

		Araçatuba		Liberdade de palavras e expressão
59	08/05/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Uma raça marginal
60	15/08/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Instruir e educar
61	18/05/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Divisão do trabalho e vocação
62	08/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Necessidade do ensino
63	12/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – As mãos se educam
64	15/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – A iniciativa
65	19/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – O ensino primário
66	22/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – É preciso educar
67	26/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Kindergarten
68	20/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Não pereça a instrução
69	29/06/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – A escolha da profissão
70	03/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Boas férias
71	06/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – A família e a Educação
72	10/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Alfabeto e bibliotecas
73	13/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Acheugas a Constituição
74	17/07/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Assistência educacional
75	21/08/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Colunas da civilização
76	24/08/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – curiosas definições
77	14/09/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Vida e Educação – Meu ponto de vista
78	18/09/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Trabalho para o menor
79	21/09/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Profissões nobres
80	28/09/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Se eu fosse
81	02/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A dicotomia dos homens
82	05/10/1947	“A comarca” de	Araçatuba	Meu ponto de vista – Artes e

		Araçatuba		ofícios
83	09/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Observemos mais
84	12/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O extremos da vida
85	16/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O dia do professor
86	19/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Grêmios literários
87	23/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Rotary e a infância
88	26/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Política e Filosofia
89	30/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Verdades relativas
90	09/10/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Ideal de compreensão humana
91	13/11/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – ideal de compreensão humana
92	16/11/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A mesa está posta
93	20/11/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Cola e ex-cola
94	23/11/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A lição das urnas
95	30/11/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Fontes do conhecimento
96	04/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Pais e professores
97	07/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Compêndios escolares
98	14/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Utopias
99	18/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Férias recreadoras
100	21/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Formação da personalidade
101	25/12/1947	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A personalidade
102	04/01/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Elementos da personalidade
103	08/01/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Fim e começo do ano
104	11/01/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O valor cultural da história
105	15/01/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A História e a paz
106	25/01/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A filosofia da História

107	21/03/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Para que educar?
108	25/03/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Três fatores da cultura
109	01/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Liberdade e autoridade
110	04/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Boa vontade
111	08/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O uso e o abuso
112	11/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Três ou quatro verbos
113	15/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O mal da filosofia
114	18/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A luta pela expressão
115	22/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O nó górdio
116	25/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O passado é um entulho
117	29/04/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Crises
118	02/02/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Informação e formação
119	16/05/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Duas filosofias
120	20/05/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Torne-te quem és
121	24/06/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Formas de conhecimento
122	13/07/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Os menores abandonados
123	15/07/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Ordem e Progresso
124	08/08/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Os menores e sua literatura
125	15/08/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Dualismo ou polaridade?
126	26/08/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Instintos humanos
127	19/09/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – O nominalismo dos nossos dias
128	02/09/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Para que um clube de sociologia
129	23/09/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – A curiosidade
130	29/09/1948	“A comarca” de Araçatuba	Araçatuba	Meu ponto de vista – Os reflexos e aprendizagem
131	14/10/1948	“A comarca” de	Araçatuba	Meu ponto de vista – O

		Araçatuba		professor
132	08/01/1950	*	*	Educação e Escolas – A Formação dos professores
133		*	*	Educação e Escolas – A Formação dos professores
134	02/05/1950	*	*	Encerram-se sexta-feira as inscrições para a 2ª exposição regional de animais em Bauru
135	20/05/1950	*	*	Educação e Escolas
136	21/05/1950	*	*	A família e a Escola
137	24/05/1950	*	*	Educação e Escolas – O triângulo vicioso...
138	27/05/1950	*	*	Adversário de uma grande escola
139	28/05/1950	*	*	Educação e Escolas – Bauru, cidade das escolas!
140	01/06/1950	*	*	Educação e Escolas – As classes sociais
141	02/06/1950	*	*	A “Casa do Garoto”
142		*	*	A data de 13 de maio nas escolas
143	03/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Ensino e verbalismo...
144	10/06/1950	*	*	Educação e Escolas – O que e quanto somos
145	14/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Cursos e Recursos
146	18/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Uma monografia de Bauru
147	22/06/1950	*	*	Educação e Escolas – A luta e o acordo
148	24/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Leitura e Biblioteca
149	25/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Diretrizes da Sociologia
150	27/06/1950	*	*	Educação e Escolas – Boas Férias
151	02/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Um ginásio noturno
152	05/07/1950	*	*	Educação e Escolas – O Culto da palavra
153	06/07/1950	*	*	Educação e Escolas – a caça ao doutorado
154	07/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Isolamento e Cultura
155	08/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Fazendo como menino
156	09/07/1950	*	*	Educação e Escolas –

				Alunos e estudantes
157	12/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Profissão e Cultura
158	12/07/1950	*	*	Meu ponto de vista
159		*	*	A “Casa do Garoto” vista pelos meios educacionais
160	13/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Profissão e preconceitos
161	18/07/1950	*	*	Educação e Escolas – idealismo e Ação
162	19/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Ginásio sem Ginasium
163	27/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Eficiência, saúde e ciência
164	28/07/1950	*	*	Educação e Escolas – Aptidão e vocação
165	29/07/1950	*	*	Educação e Escolas – 1º de Agosto
166	29/07/1950	*	*	Meu ponto de vista – A filosofia no colégio
167	06/08/1950	*	*	Educação e Escolas – Filósofos e Filosofantes
168	08/08/1950	*	*	Educação e Escolas – O destino da filosofia
169	11/08/1950	*	*	Meu ponto de vista – reeducação política
170	12/08/1950	*	*	Educação e Escolas
171	17/08/1950	*	*	Educação e Escolas – Ensino e Ecno
172	18/08/1950	*	*	Educação e Escolas – Escolas normais
173	18/08/1950	*	*	Meu ponto de vista – Filosofia e Política
174	19/08/1950	*	*	Educação e Escolas – O Centro de Estudos Sociais
175	22/08/1950	*	*	Educação e Escolas – Semana Euclidiana
176	24/08/1950	*	*	Educação e Escolas – O Ensino Secundário
177	11/10/1950	*	*	Educação e Escolas – Semana da Criança
178	13/10/1950	*	*	Educação e Escolas – O dia do professor
179	15/10/1950	*	*	Educação e Escolas – Esperanças do professor
180	19/10/1950	*	*	Homenagem ao professor e a criança
181	26/10/1950	*	*	Os alunos da Escola Normal Oficial em excursão de

				observação no Asilo Aimorés
182	31/10/1950	*	*	Visita a fábrica de “Coca-Cola”
183	31/10/1950	*	*	Educação e Escolas – Excursões
184	06/11/1950	*	*	Educação e Escolas – Educação, um processo social
185	07/11/1950	*	*	Educação e Escolas – a educação segundo Spencer
186	10/11/1950	*	*	Um trem corre para o Oeste
187	14/11/1950	*	*	Comunicação e êxodo rural
188	17/11/1950	*	*	Uma bonita iniciativa: a festa Chave da Escola Normal
189	19/11/1950	*	*	Os concursos
190	03/12/1950	*	*	O professor é uma carta
191	17/12/1950	*	*	Exame de admissão único
192	*	*	*	Fundado o Centro de Estudos Sociais do Colégio Estadual – desenvolvido programa cívico-literário coro – ou o acontecimento
193	22/12/1950	*	*	Bauruense há um ano
194	06/01/1951	*	*	Que é o homem mortal?
195	08/04/1951	*	*	Educação e Escolas – Cartaz para eleição
196	10/04/1950 ou 51	*	*	Educação e Escolas – Adiar não é resolver
197	18/04/1951	*	*	O dia Pan-americano no Colégio estadual e escola Normal
198	31/04/1951	*	*	Silvio Romero
199	15/05/1951	*	*	Excursão do professorado dos Colégios Estaduais
200	*	*	*	Excursão de estudos ao Asilo Aimorés – os alunos da Escola Normal fazem observações
201	26/06/1951	*	*	Conselho Evangélico visita Folha do Povo
202	12/07/1951	*	*	Frequência escolar
203	13/07/1951	*	*	Frequência evasão escolar
204	22/07/1951	*	*	Internatos rurais
205	24/07/1951	*	*	Ainda a evasão escolar
206	04/08/1951	*	*	A Escola Normal Rural
207	05/08/1951	*	*	Deus é mais poderoso
208	12/08/1951	*	*	A inq de Deus

209	17/08/1951	*	*	Jardins da infância
210	18/08/1951	*	*	Histórias e figurinhas
211	23/08/1951	Folha do Povo	Bauru	A Palavra de Deus
212	26/08/1951	*	*	Ainda que a terra se mude
213	02/09/1951	*	*	Identidade de um cidadão
214	09/09/1951	*	*	Religião de montanhas
215	16/09/1951	*	*	A escola dominical
216	06/10/1951	*	*	Lâmpadas e caminhos
217	07/10/1951	*	*	Um mundo só
218	21/10/1951	*	*	O pensamento e o homem
219	17/11/1951	*	*	O cenáculo espiritual da cidade
220	18/11/1951	*	*	Retas e curvas
221	25/11/1951	*	*	Os pardais e os fiéis
222	*	*	*	A festa das luzes
223	*	*	*	O Natal de Jesus
224	*	*	*	Os pastores do Natal
225	*	*	*	Pensamento sobre o Natal
226	25/12/1951	*	*	Chaves
227	28/12/1951	Folha do Povo	Bauru	Discursos de paraninfos e paraninfados
228	01/01/1952	Folha do Povo	Bauru	Comece com o pé direito
229	03/01/1952	*	*	Palavrinhas, palavras e palavrões
230	11/01/1952	*	*	Sem escolas primárias
231	17/01/1952	*	*	Senhor sem escravos
232	22/01/1952	*	*	Luta de consciência
233	29/01/1952	*	*	A poesia na Bíblia
234	*	*	*	Dia do Farmacêutico
235	*	*	*	Provas e Re provas
236	31/01/1952	*	*	Os Programas Escolares
237	01/02/1952	*	*	A quem temerei
238	02/02/1952	*	*	Ortografias e Aprendizagens
239	14/02/1952	*	*	A força do sexo fraco
240	17/02/1952	*	*	As aulas, crianças!
241	18/02/1952	*	*	Menores sem lar e amparo
242	21/02/1952	*	*	Que dizem os homens de mim?
243	24/02/1952	*	*	O carnaval soltou a fera
244	28/02/1952	*	*	Quarta-feira de cinza
245	01/03/1952	*	*	A escola risonha e franca
246	07/03/1952	Folha do Povo	Bauru	As crianças precisam brincar
247	08/03/1952	*	*	A mesa está posta
248	09/03/1952	*	*	Existir não é despir-se
249	13/03/1952	*	*	A História de Bauru está desaparecendo
250	18/03/1952	*	*	A festa dos animais

251	19/03/1952	*	*	Uma classe poderosa
252	20/03/1952	*	*	A mensagem do governador
253	21/03/1952	*	*	Castro Alves e a poesia social
254	27/03/1952	*	*	A capital da Noroeste
255	28/03/1952	*	*	A escola é culpada!
256	*	*	*	Uma classe poderosa
257	29/03/1952	*	*	Modas e uniformes
258	01/04/1952	*	*	O processo social da educação
259	03/04/1952	*	*	Um Instituto de educação para bauru
260	04/04/1952	*	*	Educação exige um longo esforço
261	05/04/1952	*	*	Centro de Estudos Sociais “Gilberto Freira” – eleição e posse de sua nova diretoria – o dia do Pan-americano
262	06/04/1952	*	*	Centro de estudos Sociais “Gilberto Freire” – eleição e posse da sua nova diretoria
263	13/04/1952	*	*	Comemoração do dia Pan-americano pelo Centro de Estudos Sociais
264	13/04/1952	*	*	O dia do Pan-americano
265	15/04/1952	*	*	Feira de animais
266	18/04/1952	*	*	Uma desilusão se torna a maior esperança
267	23/04/1952	*	*	Crônica do dia – abril, 19: dia do índio
268	*	*	*	A escola e a sociedade
269	04/05/1952	*	*	Proveitosa excursão a Fazenda Val de Palmas
270	13/05/1952	*	*	A influência africana na música brasileira – este é o tema da palestra de hoje do Centro de Estudos Sociais
271	18/05/1952	*	*	Salve-se pelo menos o magistério
272	21/05/1952	*	*	O poder da imprensa e a escola
273	25/05/1952	*	*	As letras e a educação
274	30/05/1952	*	*	Instantâneos
275	08/06/1952	*	*	Dewey, um grande filósofo
276	06/1952	*	*	A gaivota – erros que se perpetuam
277	*	*	*	Dois lembranças e um agradecimento
278	*	*	*	“Tudo é notícia”

279	*	*	*	As letras e a educação
280	26/08/1952	*	*	As folhinhas marcam os dias
281	29/08/1952	*	*	Excursão de Normalista bauruense a Agudos
282	02/09/1952	*	*	Aniversário de fundação do Colégio Estadual Normal “Ernesto Monte”
283	30/09/1952	Folha do Povo	Bauru	Excursão de intercâmbio – Visitas de estudantes bauruenses a Agudos
284	16/10/1952	*	*	Excursão de estudos ao Asilo Aimorés – pelos sócios no centro de Estudos Sociais
285	08/11/1952	*	*	Energia atômica e filosofia
286	10/11/1952	*	*	Três fatores de cultura pessoal
287	21/12/1952	*	*	Ele foi professor ...
288	01/01/1953	Folha do Povo	Bauru	A caridade não é sectária
289	03/01/1953	Folha do Povo	Bauru	Mobilidade do professor
290	09/01/1953	Folha do Povo	Bauru	Cabras e roseiras
291	11/01/1953	Folha do Povo	Bauru	Duas torres
292	22/01/1953	*	*	Atualizar-se com as ciências
293	27/01/1953	Folha do Povo	Bauru	Árvores mortas
294	28/01/1953	*	*	Importância do folclore
295	22/01/1953	*	*	Atualizar-se com as ciências
296	27/01/1953	Folha do Povo	Bauru	Árvores mortas
297	28/01/1953	*	*	Importância do folclore
298	24/03/1954	*	*	Em defesa do mês de agosto
299	11/04/1953	*	*	A rua da minha casa
300	10/04/1953	*	*	Navalha do barbeiro
301	19/04/1953	*	*	Um raio sobre a desonestidade
302	21/04/1953	*	*	O livro e o caderno
303	07/06/1953	*	*	Nepotismo
304	09/06/1953	*	*	Medida necessária e justa
305	20/06/1953	Folha do Povo	Bauru	Monteiro Lobato, educador sob forma de escritor
306	*	*	*	Que valem as Congregações
307	28/06/1953	*	*	Coleguismo e esportividade
308	08/07/1953	*	*	No concerto das Nações
309	12/07/1953	*	*	A linguagem do professor e o nariz do boticário
310	18/07/1953	*	*	O primeiro romance da seca
311	19/07/1953	*	*	O Folclore a escola
312	21/07/1953	*	*	Semeadores de estrelas
313	22/07/1953	*	*	Nomes que se escrevem
314	25/07/1953	*	*	Os brotos não se tornam balzaquianos

315	08/08/1953	*	*	Um retrato político romanceado
316	27/08/1953	*	*	Seis alunos em fila
317	28/11/1953	*	*	“Mão e Memória”
318	*	*	*	Até quando?
319	25/08/1954	*	*	O sangue regou a semente – nova fonte de lutas
320	27/08/1954	*	*	O sangue regou a semente
321	*	*	*	O sangue regou a semente – Hermistas e civilistas em ação
322	*	*	*	O sangue regou a semente – nasceu a comarca
323	*	*	*	A heresia do progresso
324	06/09/1954	*	*	Epidemias, endemas e doenças – como nasce a Santa Casa
325	07/09/1954	*	*	O cinquentenário da N.O.B. – a marcha para oeste
326	08/09/1954	*	*	O cinquentenário da N.O.B. – criadora do progresso
327	09/09/1954	*	*	O cinquentenário da N.O.B. – de penetradora a transportadora
328	10/09/1954	*	*	Cinquentenário da N.O.B – três fatores
329		*	*	Bauru
340	14/09/1954	*	*	Cafezais e pastagens
341	23/07/1954	*	*	A revolução em Fortaleza – Degladiam-se duas cidades
342	25/07/1954	*	*	A revolução em Fortaleza – o grito de vitória
343	27/07/1954	*	*	A revolução em Fortaleza – o nascituro sobrevive
344	29/07/1954	*	*	Uma vila cresce – Terras novas
345	31/07/1954	*	*	Menores maiores
346	03/08/1954	*	*	Os primeiros bauruenses
347	11/08/1954	*	*	Um trem corre para o oeste – um grande líder
348	12/08/1954	*	*	Um trem corre para o oeste – nuvens de descrença
349	19/09/1954	*	*	O sangue regou a semente – um criminoso famigerado
350	19/09/1954	*	*	O sangue regou a semente – vingança de índios e brancos
351	10/10/1954	*	*	O pistolão e os bancos escolares
352	10/11/1954	*	*	Livros a mãos cheias

353	10/11/1954	*	*	Decadência da leitura
354	06/11/1954	*	*	Exames nos cursos adultos
355	13/11/1954	*	*	Anfitrião é que paga a festa
356	*	*	*	Poemas modernos
357	01/12/1954	*	*	Ainda que o remédio seja amargo
358	03/12/1954	*	*	Maneiras de vingar
359	04/12/1954	*	*	Fala-se mal do Brasil
360	12/1954	*	*	Dinamizando a escola
361	07/12/1954	*	*	Porque eu gosto da escola
362	25/01/1955	*	*	Lacerda – O sansão político
363	*	*	*	Semana da criança
364	*	*	*	O seu voto lhe dá direitos
365	22/02/1955	*	*	Mais aulas de vernáculo
366	23/04/1955	*	*	A rua onde moro
367	28/04/1955	*	*	Tome nota
368	30/04/1955	*	*	A fazenda de Azarias Leite
369	06/05/1955	*	*	Os tempos não são de festas
370	07/05/1955	*	*	Cópias de segunda categoria
371	11/05/1955	*	*	Tele...fone
372	12/05/1955	*	*	Uma velha e desastrosa lei
373	12/05/1955	*	*	Os professores associados
374	13/05/1955	*	*	Hora certa em certa hora
375	13/05/1955	*	*	Juventude problema
376	14/05/1955	*	*	Comportamento e aplicação
377	14/05/1955	*	*	As classes sociais se transportam
378	*	*	*	Igualdade de oportunidade
379	15/05/1955	*	*	Fila de pé
380	15/05/1955	*	*	A força do sexo fraco
381	18/05/1955	*	*	A participação da mulher no mercado profissional
382	21/05/1955	*	*	É proibido trabalhar
383	21/05/1955	*	*	Escola ou presídio
384	24/05/1955	*	*	Água! Água!
385	26/05/1955	*	*	Uma guarda noturna alerta
386	28/05/1955	*	*	O difícil ensino da língua
387	31/05/1955	*	*	A sociologia na vida do professor
388	01/06/1955	*	*	Deixe as águas rolarem
389	07/06/1955	*	*	O mal é bom
390	08/06/1955	*	*	Os cegos não veem
391	19/06/1955	*	*	Mensagem a Garcia
392	19/06/1955	*	*	“Se eu fosse prefeito...”
393	22/06/1955	*	*	Razões de um voto
394	22/06/1955	*	*	Cores das bandeiras em aros de luz
395	23/06/1955	*	*	Testes aos candidatos

396	25/06/1955	*	*	Nem presídio nem escola
397	29/06/1955	*	*	Dois conclaves religiosos
398	*	*	*	Diante disso ... e depois disso
399	*	*	*	14 anos depois
400	03/07/1955	*	*	Técnicos para o Brasil
401	05/07/1955	*	*	A filha enjeitada
402	06/07/1955	Folha do Povo	Bauru	O cesto sem fundos
403	06/07/1955	*	*	Minha primeira escola
404	07/07/1955	*	*	A seleção das elites
405	07/07/1955	*	*	Política e Slogans
406	08/07/1955	*	*	Política e egoísmo
407	08/07/1955	*	*	A seleção das elites
408	*	*	*	Passos no meu caminho – cidade de espanto
409	*	*	*	Passos no meu caminho – um passarinho desconfiado
410	09/07/1955	*	*	Mais igualdade educacional
411	10/07/1955	*	*	A vida burguesa e outras
412	24/07/1955	*	*	Daqui de longe ... (notas de viagem)
413	28/07/1955	*	*	Jornais desabusados (notas de viagem)
414	03/08/1955	*	*	Perguntas e respostas
415	04/08/1955	*	*	Perguntas e respostas II
416	30/08/1955	*	*	O peneiramento escolar
417	19/10/1955	*	*	A melhor frase sobre o professor
418	20/10/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer
419		*	*	Feito, Fazendo e a Fazer
420	21/10/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer
421	22/10/1955	*	*	Um ônibus passou na minha rua
422	23/10/1955	*	*	Histórias em quadrinhos
423	26/10/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – Nossa escola vem ou não?
424	27/10/1955	*	*	A primavera floriu a avenida
425	30/10/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – Mais escolas primárias também
426	10/1955	*	*	A Noroeste do Brasil
427	*	*	*	Pondo a casa em ordem
428	01/11/1955	*	*	Estiagem e geada ou protestos
429	04/11/1955	*	*	O perímetro postal urbano
430	04/11/1955	*	*	A grande experiência
431	06/11/1955	*	*	O intimismo de Rodrigues de Abreu

432	08/11/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – A
433	09/11/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – Ensino e Educação
434	10/11/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – O ensino pedagógico em São Paulo
435	10/11/1955	*	*	Uma pedra no sapato do prefeito
436	25/11/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – A linha está ocupada
437	29/11/1955	*	*	Professores e professores
438	11/1955	*	*	Escola e urbanismo
439	01/12/1955	*	*	O natal do professores
440	03/12/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – parem por aí, senhores
441	03/12/1955	*	*	“E mando o povo pensar”
442	09/12/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – Cidade sem Limites
443	14/12/1955	*	*	Feito, Fazendo e a Fazer – As relações públicas
444	22/12/1955	*	*	Bauruense há um ano
445	01/01/1956	*	*	Palavras que não proferi
446	16/02/1956	*	*	A questão ortográfica
447	*	*	*	Achegas para uma plataforma
448	19/02/1956	*	*	Escola para técnicos
449	26/02/1956	*	*	A língua e a sociologia
450	06/03/1956	*	*	Sociologia e a Língua Portuguesa
451	14/03/1956	*	*	Livros didáticos
452	23/03/1956	*	*	Tomada de consciência
453	29/03/1956	*	*	Leitura da semana – Um novo aspecto da educação
454	01/04/1956	*	*	Coação sobre os professores
455	04/04/1956	*	*	O professor é folgado
456	14/04/1956	*	*	A Presença da raça em nossas letras
457	25/04/1956	*	*	Educação e Escolas – “O sonho e o feijão”
458	27/04/1956	*	*	Educação e Escolas – O valor se mede pelo tempo gasto
459	28/04/1956	*	*	A Lenda no Litoral Paulista
460	01/05/1956	*	*	Educação e Escolas – A escola e o ócio
461	03/05/1956	*	*	Uma escola normal rural
462	04/05/1956	*	*	Leitura da semana – “Doutrina de Estética Literária”

463	05/05/1956	*	*	A Literatura e a Civilização Brasileira
464	12/05/1956	*	*	O defeito das mães
465	12/05/1956	*	*	A mãe do Grande Filho
466	13/05/1956	*	*	A presença dos africanos nas letras
467	16/05/1956	*	*	Bauru literário
468	17/05/1956	*	*	O elogio ao analfabeto
469	20/05/1956	*	*	Instantâneos
470	22/05/1956	*	*	Jânio vem aí
471	23/05/1956	*	*	Instantâneos
472	24/05/1956	*	*	Instantâneos
473	25/05/1956	*	*	Instantâneos
474	25/05/1956	*	*	A Velhice da poesia moderna
475	25/05/1956	*	*	O magistério é um bico
476	27/05/1956	*	*	Instantâneos
477	29/05/1956	*	*	Instantâneos
478	30/05/1956 (2)	*	*	Instantâneos
479	31/05/1956	*	*	Instantâneos
480	05/1956	*	*	A mãe brasileira esquecida
481	03/06/1956	*	*	Instantâneos
482	06/06/1956	*	*	Instantâneos
483	07/06/1956	*	*	Instantâneos
484	08/06/1956	*	*	Instantâneos
485	09/06/1956	*	*	Instantâneos
486	09/06/1956	*	*	Raul de Leon
487	10/06/1956	*	*	Instantâneos
488	12/06/1956 (7)	*	*	Instantâneos
489	17/06/1956	*	*	Educação e escolas – Sobre as costas do professor
490	20/06/1956	*	*	Instantâneos
491	22/06/1956	*	*	Instantâneos
492	23/06/1956	*	*	Instantâneos
493	23/06/1956	*	*	A Linguagem figurada
494	24/06/1956	*	*	Nos tempos dos puxões de orelha
495	27/06/1956	*	*	Tradição e renovação
496	01/07/1956	*	*	Instantâneos
497	29/06/1956	*	*	Instantâneos
498	04/07/1956	*	*	Instantâneos
499	05/07/1956	*	*	Instantâneos
500	06/07/1956	*	*	Instantâneos
501	07/07/1956	*	*	Com que roupa eu vou?
502	08/07/1956	*	*	Instantâneos
503	10/07/1956	*	*	Ônibus, o meu automóvel

504	11/07/1956	*	*	A grande cidade seduz
505	11/07/1956	*	*	Instantâneos
506	12/07/1956	*	*	Instantâneos
507	13/07/1956	*	*	Questões sociais – também Bauru é isto e muito mais
508	14/07/1956	*	*	Questões sociais – mais um ano noturno
509	14/07/1956	*	*	O Barato sai caro
510	15/07/1956	*	*	Cada vez mais do menos
512	15/07/1956	*	*	Questões sociais – só a religião pode salvar
513	17/07/1956	*	*	Instantâneos
514	17/07/1956	*	*	Vá plantar batatas!
515	18/07/1956	*	*	Instantâneos
516	18/07/1956	*	*	Questões sociais e os conselhos de bairros?
517	20/07/1956	*	*	Educação e escolas – A sociedade penetra as escolas
518	21/07/1956	*	*	A crônica oficial de Bauru
519	21/07/1956	*	*	Um Heleno e dois bárbaros
520	22/07/1956	*	*	Evolução de Bauru
521	22/07/1956	*	*	A crônica oficial de Bauru II
522	24/07/1956	*	*	A família, para choque partido
523	*	*	*	Ecos da Câmara Municipal
524	25/07/1956	*	*	Sociologia da educação
525	28/07/1956	*	*	Reformas e remendas
526	28/07/1956	*	*	O Café, tema literário
527	01/08/1956	*	*	Imagens que pintam Bauru
528	04/08/1956	*	*	Histórias em quadrinhos
529	05/08/1956	*	*	Empinando papagaios
530	19/08/1956	*	*	A semana “Rodrigues de Abreu”
531	*	*	*	Vestibulares
532	*	*	*	Luzes na cidade
533	20/02/1957	*	*	As cartas levam meses
534	21/02/1957	*	*	Não há vagas
535	05/03/1957	*	*	Vive-se com ruínas
536	16/03/1957	*	*	Definição pela ausência
537	21/08/1957	*	*	Evolução da poesia de Rodrigues de Abreu
538	22/08/1957	*	*	Evolução da poesia de Rodrigues de Abreu II
539	24/08/1957	*	*	Evolução da poesia de Rodrigues de Abreu III
540	25/08/1957	*	*	Evolução da poesia de Rodrigues de Abreu IV
541	*	*	*	Semana Rodrigues de Abreu

				– os astros na poesia
542	31/08/1957	*	*	Passos no meu caminho – a praça dorme
543	01/09/1957	*	*	Passos no meu caminho – o pé de manacá
544	24/09/1957	*	*	Semana Rodrigues de Abreu – poesia de vida
545	25/09/1957	*	*	Semana Rodrigues de Abreu – poesia bíblica
546	*	*	*	Semana Rodrigues de Abreu – poesia de fé
547	*	*	*	Semana Rodrigues de Abreu – a doença e a literatura
548	*	*	*	Leitura da semana – os últimos poemas de Rodrigues de Abreu
549	20/10/1957	*	*	A rua dos esquecidos
550	20/10/1957	*	*	Passos no meu caminho – Uma rua que vive
551	03/11/1957	*	*	Passos no meu caminho – finados e vida
552	10/11/1957	*	*	Passos no meu caminho – cidade de espanto
553	17/11/1957	*	*	Passos no meu caminho – os relógios
554	24/11/1957	*	*	Em foco – A corrida científica
555	01/12/1957	*	*	Passo no meu caminho – A sombra das figueiras
556	12/12/1957	*	*	Nasceu menino
557	15/12/1957	*	*	Passo no meu caminho – adeus silêncio
558	18/12/1957	*	*	Aprendizagem encadernada
559	*	*	*	Direitos e deveres do munícipe
560	22/12/1957	*	*	Passos no meu caminho – um lugarzinho para Deus
561	01/01/1958	*	*	Bauru – “Cesto de frutas” para uns, para outros “rio de água parada”
562	*	*	*	Bauru em marcha
563	*	*	*	Bauru não parou no passado
564	11/01/1958	*	*	Defeitos nacionais
565	14/01/1958	*	*	O sossego público
566	17/01/1958	*	*	Leitura e cultura
567	18/01/1958	*	*	Como ??
568	21/01/1958	*	*	Sinal de ?
569	23/01/1958	*	*	O progresso e o bem estar

570	28/01/1958	*	*	Os dois Brasis
571	10/08/1958	*	*	O cancionero de Bauru
572	04/08/1959	*	*	Meu ponto de vista – Menores abandonados
573	*	*	*	Meu ponto de vista – Educação Física
574	16/10/1959	*	*	Boa política
575	*	*	*	E vai subir mais ...
576	27/10/1959	*	*	Os dois brasis
577	31/10/1959	*	*	Carta aos senhores vereadores
578	*	*	*	O feijão é o sonho
579	22/11/1959	*	*	Educação e Escolas – Associação dos Professores
580	*	*	*	Educação e Escolas – A carta continua
581	*	*	*	Eleita a diretoria provisória do Núcleo da A.B.D.E. de Bauru
582	*	*	*	Um núcleo de Associação brasileira dos Escritores
583	05/12/1959	*	*	Fim de ano letivo
584	10/02/1960	Correio da Noroeste	Bauru	Meu ponto de vista – mais um mundo dividido
585	12/02/1960	*	*	Meu ponto de vista – o lado humano de Brasília
586	15/02/1960	*	*	Meu ponto de vista – bases e Diretrizes pouco nacional
587	*	*	*	Meu ponto de vista – “não é serviço para você”
588	*	*	*	Meu ponto de vista – “bolsas e anuidades escolares”
589	18/02/1960	*	*	Meu ponto de vista – começou a vida escolar
590	22/02/1960	*	*	Meu ponto de vista – antenas e boa vizinhança
591	26/02/1960	*	*	Meu ponto de vista – sobram e faltam palavras
592	*	*	*	Meu ponto de vista – mercado de livros
593	02/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – eu não o mataria
594	03/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – oito ou oitenta
595	09/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – municipalismo e ensino
596	10/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – três fatos e você
597	15/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – Escola

				industrial para que?
598	24/03/1960	*	*	Meu ponto de vista – um criado custa caro
599	08/04/1960	*	*	Meu ponto de vista – solidário e bom
600	11/04/1960	*	*	Meu ponto de vista – olhos e olhares
601	17/09/1960	*	*	Carta sem endereço – o dia do Rádio
602	19/09/1960	*	*	Carta sem endereço – a dona primavera chegou
603	21/09/1960	*	*	Carta sem endereço – a cidade de Rodrigues de Abreu
604	24/09/1960	*	*	Precisa-se de uma empregada
605	27/09/1960	*	*	Carta sem endereço – custa mas chega
606	28/09/1960	*	*	Carta sem endereço – os dois grupos humanos
607	29/09/1960	*	*	Carta sem endereço – coma pouco
608	30/09/1960	*	*	Carta sem endereço – Diretrizes e Bases
609	01/10/1960	*	*	Carta sem endereço – é meu voto
610	05/10/1960	*	*	Carta sem endereço – E agora, José
611	10/11/1960	*	*	Bauru, cidade aberta
612	12/11/1960	*	*	Vitória nos exames
613	14/11/1960	*	*	Uma eleição surpresa
614	16/11/1960	*	*	Estímulos e aprendizagem
615	18/11/1960	*	*	Bauru, cidade integradora
616	18/11/1960	*	*	Fatores que dividem os homens
617	19/11/1960	*	*	Experimentos no ensino
618	*	*	*	Ambivalência, o mal dos grupos
619	*	*	*	Ideias primitivas
620	27/11/1960	*	*	Museus e bibliotecas
621	29/11/1960	*	*	O bem estar alheio
622	02/12/1960	*	*	Pais e mestres
623	02/12/1960	*	*	As relações humanas nas escolas
624	*	*	*	Onde encontrar!
625	*	*	*	Passos no meu caminho – uma rua que vivi
626	06/12/1960	*	*	O comunismo ganha o mundo

627	07/12/1960	*	*	Amizade recíproca
628	11/12/1960	*	*	O melhor de cada curso
629	*	*	*	O dia da Imprensa
630	12/12/1960	*	*	Pai do povo
631	*	*	*	O cidadão universal
632	*	*	*	Amparar o menor, preparar o maior
633	13/12/1960	*	*	Vem chegando o Natal
634	16/12/1960	*	*	Diálogo ou monólogo
635	20/12/1960	*	*	O prestígio da escola
636	*	*	*	Meu bairro e sua biblioteca
637	*	*	*	Historiografia Bauruense
638	21/12/1960	*	*	Esqueçamos as diferenças
639	23/12/1960	*	*	Marco Zero – ingresso com provas no primário
640	24/12/1960	*	*	Conseguimos um diploma
641	25/12/1960	*	*	O Homem e a Terra
642	*	*	*	A Pátria e Deus
643	*	*	*	Trabalho escolar esquecido
644	*	*	*	Problemas dos jovens
645	26/12/1960	*	*	Marco Zero – Um presidente insuperável
646	*	*	*	A vida burguesa e outras
647	27/12/1960	*	*	1960 – Ano das visitas
648	04/01/1961	*	*	Sonhamos com jardins
649	14/01/1961	*	*	Em busca da verdade
650	17/01/1961	*	*	Nordestinos na Alemanha
651	*	*	*	O homem e a natureza
652	*	*	*	O homem e a natureza (2)
653	*	*	*	Os outros e Eu...
654	*	*	*	Reis Magos Cubanos
655	18/01/1961	*	*	Amizade continental
656	19/01/1961	*	*	O nariz do boticário
657	20/01/1961	*	*	A família e suas tarefas
658	21/01/1961	*	*	Três nacionalismos
659	23/01/1961	*	*	As penas escolares o divórcio
660	24/01/1961	*	*	O trabalho não especializado
661	25/01/1961	*	*	Escola versus trabalho
662	27/01/1961	*	*	Falar mal dos outros
663	*	*	*	Boa nova – um dos gigantes da alma
664	01/02/1961	*	*	Os menores trabalham
665	02/02/1961	Folha do Povo	Bauru	História de Bauru, um trabalho que necessitará a colaboração de todos
666	02/02/1961	*	*	Igualdade social
667	04/02/1961	*	*	Harmonias dos contrários

668	17/02/1961	*	*	Dentro do ônibus
669	18/12/1961	*	*	Vocacionais ou técnicos
670	20/02/1961	*	*	O jogo para misericórdia
671	01/08/1961	Folha do Povo	Bauru	O professor Gerson responde ao nosso repórter o significado do vocábulo Bauru
672	*	*	*	Fatos da história de Bauru
673	10/10/1961	*	*	Educação, mais educação
674	18/11/1961	*	*	Reconstrução em Filosofia
675	26/01/1962	*	*	Um povo consciente
676	25/07/1962	*	*	O comunismo vem aí
677	01/09/1962	*	*	O mundo em revolução
678	*	*	*	Fraternidade, amanhã
679	*	*	*	Seu Pacheco, o mestre
680	*	*	*	Qual é sua vocação?
681	*	*	*	Livros e leitura
682	13/09/1962	*	*	Por nossa pátria oramos
683	30/09/1962	*	*	A preocupação é o cinema
684	*	*	*	Campanha que une
685	03/1963	*	*	Educação e Escolas – O livro didático caro
686	03/1963	*	*	Educação e Escolas – Cursos de Extensão Cultural
687	1963	*	*	Palestra sobre a escravatura no Centro de Estudos Sociais
688	07/1964	*	*	A revolução cristã
689	*	*	*	O trabalho e as novas gerações
690	16/02/1965	*	*	Educação e Escolas – Volta às aulas
691	01/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Sociologia e Língua Portuguesa: adversárias
692	07/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Bauru, centro cultural
693	10/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Formação audiovisual
694	17/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Orientação vocacional
695	26/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Um curso do conagraçamento de professores
696	29/09/1965	*	*	Educação e Escolas – Povo que desperdiça
697	03/10/1965	*	*	Educação e Escolas – O desafio da hora presente

698	09/10/1965	*	*	Educação e Escolas – Dimensões Sociais do Homem
699	13/10/1965	*	*	Educação e Escolas – O Tempo Social
700	20/10/1965	*	*	Educação e Escolas – Hiper e Hipodesenvolvimento.
701	14/12/1965	*	*	Educação e Escolas – A. F. S.
702	31/12/1965	*	*	Jograis serviço da cultura
703	27/07/1966	*	*	O Conhecido Sociólogo Gerson Rodrigues esclarece ao C.N. porque Bauru precisa de uma Escola de Engenharia: as razões
704	1966	*	*	Ambas: Engenharia e Industrial
705	12/10/1967	Correio da Noroeste	Bauru	Estudantes lutam para conseguir dados sobre Bauru
706	14/10/1967	Correio da Noroeste	Bauru	CIAS
707	18/10/1967	Correio da Noroeste	Bauru	Vivendo a cidade
708	*	*	*	Alunos do Instituto de Educação concluindo trabalhos sobre a denominação das nossas ruas
709	05/11/1967	Diário de Bauru	Bauru	Biografia dos que deram nomes as ruas da cidade de Bauru
710	31/11/1967	*	*	Professor de Sociologia aceita sugestão do C.N. recomposição da história de Bauru
711	01/05/1968	*	*	Com a palavra ...
712	*	*	*	O carvão que se fez diamante
713	19/05/1968	Jornal da Cidade	Bauru	Eleita a Diretoria da Faculdade de Ciências Econômicas da ITE
714	07/1968	*	*	Até que ponto é cristã – A Filosofia “Hippie”
715	1968	*	*	Professor Gerson é diretor
716	24/09/1968	*	*	Integração da empresa e da escola
717	17/12/1969	*	*	Administradores escolares

* Não foi possível identificar com precisão a data e/ou o jornal e/ou a localidade.

Apêndice 3. Carta do Instituto Ginásial de Passo Fundo (RS) endereçada ao Gerson Rodrigues

Passo Fundo, 8 de Dezembro de 1941.

Exmo. Snr. Dr. Gerson Rodrigues sua Exma.

Espôsa d^a Helena Bastos Rodrigues

Nesta.

Saudações Cristãs:

Cumpro o dever de comunicar-vos que, em reunião hoje realizada, o Conselho Superior do Instituto Ginásial de Passo Fundo resolveu, unanimemente, consignar em ata um voto de louvor e agradecimento pelos vossos trabalhos desempenhados entre nós, como Diretor do Curso Fundamental e da Escola de Comercio, e como Secretária-Contadora de nossa instituição educandária.

Decidido que foi pelo mesmo Conselho Superior dar-vos esforço desta resolução, cumpro-a com a máxima satisfação, aproveitando-me do ensejo para apresentar-vos os melhores votos de saúde e felicidades.

José Pedro Pinheiro
Secretario do Conselho Superior do
Instituto Ginásial de Passo Fundo

Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 4. Texto publicado no Suplemento Estudantino da Escola Normal e Colégio Estadual de Araçatuba.

Ao professor Gerson Rodrigues
O APELO DO COLÉGIO

por GILVIA BORGES

Há bem pouco tempo iniciamos o estudo de Filosofia. Esperávamos com impaciência e com temor esse dia. Com impaciência porque estávamos dominados pela curiosidade. Nada nos fazia parar, tudo determinava que trouxéssemos aquela ciência do seu mistério à luz de sua verdade. Com temor porque sabíamos quão árduo e difícil seria o caminho a percorrer. Quantos obstáculos à transpor, quantos enigmas à decifrar porém quantas belezas à desvendar.

Chegou o momento esperado. Entramos em contato a tão falada ciência. Achamos-nos diante de uma pessoa que trazia em seu intelecto todo o esclarecimento à nossa curiosidade e para nos suportar toda a bondade de seu coração. Principiamos o estudo. Professor e ciência foram tomando forma em nosso espírito: foram nos dominando afetando nossa sensibilidade de tal maneira que decidimos julgá-los.

A Filosofia sendo o centro donde se irradiam as outras ciências, é de importância capital ao perfeito conhecimento do homem. Compreendemos a ciência. Os poucos conhecimentos já nos permitem interpretar, dentro de um outro prisma, os variados fenômenos em busca da origem penetrando nas suas profundezas, procurando, investigando, os seus porquês relacionando-os às suas múltiplas e amplas manifestações. E aprendemos gostar de Filosofia. Esta foi se tornando nossa amiga íntima abrindo-nos seus braços acolhedores, ofertando-nos a sombra protetora. Através sua ampla sabedoria nos levou ao encontro da verdade pura e simples, fazendo-nos vibrar perante a criação divina e a admirar mais de perto sua obra.

A quem devemos todos esses conhecimentos que nos elevam perante aos fatos, nos favorecendo uma vida bela e feliz? Devemos ao professor Gerson. Muitos dos araçatubenses desconhecendo-o perguntam: donde vem tão ilustre mestre? Vem de longe, de região distante todas as semanas, viajando, prejudicando-se, cansando-se a fim de saciar nosso espírito curioso. É exemplo para a sociedade. Exemplo do mais vivo esforço, de um esforço inconstante de trabalhar pró desenvolvimento de sua Pátria, formando o caráter de jovens, amoldando-os, adaptando-os, aperfeiçoando-os para que não entrem em desarmonia dentro do conjunto social.

Admiramos nosso professor. Respeitamo-lo e não admitimos a hipótese de que haja professor melhor. Entretanto, soubemos há dias tristes notícias. Ele precisa nos deixar. È justamente isto o que nos move aqui vir apelar às autoridades competentes que tudo façam para que não se dê tamanha perda. O lugar é insubstituível. Sabemos a priori que nenhum outro conseguirá o que ele conseguiu: a perfeita harmonia entre professor e os alunos e principalmente com a ciência.

Nosso coração ante tal lacuna bate fortemente pressentindo o efeito recorre à Filosofia e interroga insistentemente: Porque?

Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 5. Carta das alunas do 2º Normal A do Instituto de Educação “Ernesto Monte” ao Professor Gerson Rodrigues.

Caro professor

Se foi permitido à planta agradecer as dádivas do sol, com o perfume e a beleza da rosa; se foi permitido à obscuridade do fundo de um mar presentear à claridade com a pureza da pérola. E muito mais, se foi permitido que do lodo de nossos corações, fosse aceso o divino candeeiro da “boa nova”, antes que as trevas da noite nos surpreendesse.

Tanto mais, mestre, será permitido a viandantes como nós, sedentos de ensinamentos para a longa jornada, agradecer hoje e sempre a fonte amiga que emana as águas santas do saber, e pedir em prece ao Senhor, o seu mais breve regresso.

Do seu
2º normal A

Marilda Salvalagio, Aparecida Iraci Cavalini, Youko Kanata, Maria Edith Barroso, Alice Fernandes Pereira, Maria Angélica Rabêllo, Elucécia Maria manfio, Ana Maria Pereira Santos, Mariza Léa M. de Oliveira, Maria Tereza Riccó, Silvia Isabel Bartalotti, Vera Beatriz Msmaniotto, Ivete M. Venturini, Eurenice Alves Moreira, Neide Cavassani, Celina Maria de Arêdes, Márcia L. Vialôgo, Mariko Sakata, Eloisa Aparecida Fontes, Maria Alice Xavier de Mendonça, Anice Pícole Cardador, Maria Aparecida Mendes, Leonor Ortega Martins, Zélia de C. Ferreira, Antonia Terêsa Varalta, Marcia Penna, Regina Campagnani
Ferreira, Magnólia.

Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 6. Paródia de música feita, provavelmente por uma aluna do professor Gerson Rodrigues

Êle é o bom, é o bom, é o bom
Sr. Gerson é legal
Não usa gritos prá nos espantar
Camisa engomada
Não usa gíria prá não descambar
Dá muito trabalho
Jamais quebra o galho
Deixa a gente se virar
Se você quiser
Experimentar
É no normal entrar

Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 7. Ofício do CEESUB endereçado à D. Helena, convidando-a para a inauguração da biblioteca.

Bauru, 19 de outubro de 1993.

Ofício CEESUB nº 102/93
Assunto: Inauguração da Biblioteca

Prezada Senhora

O Centro Estadual de Educação Supletiva “Presidente Tancredo Neves” fará realizar a solenidade de inauguração oficial de sua biblioteca no dia 21/10/93 às 19 horas e 30 minutos e para tanto tem a honra de convidar V. S^a e família, uma vez que será em homenagem ao Professor Gerson Rodrigues, escolhido como seu patrono.

Certos de podermos contar com sua presença, antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente
Maria dos Anjos F.
RG. 6.199.325
Diretora

À Senhora
Helena Bastos Rodrigues
Bauru

Fonte: Arquivo Pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 8. Relação dos livros doados à biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, em 1972.

01	José Pereira da Graça Aranha	Nossos Clássicos nº 27
02	Tavares Bastos	Nossos Clássicos nº 03
03	Silvio Romero	Nossos Clássicos nº 35
04	Jackson de Figueiredo	Nossos Clássicos nº 25
05	Coelho Neto	Nossos Clássicos nº 15
06	Osman Lins – Concurso Anchieta	Guerra do Cansa Cavalo
07	Osman Lins – Concurso Narizinho	Capa Verde e o Natal
08	Walter Quaglia – Concurso Narizinho	Viagem ao faz de conta
09	Nádia Franco de Cunha	Vestibular na Guanabara
10	Anais da III Conferência Interamericana de Contabilidade	-
11	Anais da Univ. Federal de Juiz de Fora	1966 – 1969 nº 3
12	Anais da Univ. Federal de Juiz de Fora	1970 nº 4
13	Carlota Pereira de Queiróz	Coleção História – Vida e morte de um Capitão-Mor
14	Broto Broca – Letras Francesas	Coleção Textos e Documentos
15	Jorge Andrade	Rasto Atrás vol. 28
16	João Cardoso de Meneses Souza	Poesias Escolhidas
17	Raimundo Menezes	Cartas e Documentos de José de Alencar
18	Ensino Superior	Coletânea de Legislação Básica – 1969
19	Reforma Universitária	Expansão do Ensino Superior – 1968
20	Reforma Universitária	Relatório do Grupo de Trabalho – 1968
21	Revista do Ensino do RGS	2(5), jan., 1940
22	Revista do Ensino do RGS	3(9), maio, 1940
23	Revista do Ensino do RGS	4(13), set., 1940
24	Revista do Ensino do RGS	5(20/21), abr./maio, 1941
25	Revista do Ensino do RGS	Vol. 6 – 1941
26	Cadernos da Hora Presente	Ano I, jul./ago., 1939, (3)
27	Cadernos da Hora Presente	Ano I, set., 1939, (4)
28	Cadernos da Hora Presente	Ano I, out., 1939, (5)
29	Cadernos da Hora Presente	Ano I, mar., 1940, (7)
30	Cadernos da Hora Presente	Ano I, jun., 1940, (8)
31	Sociologia	17 (2), maio, 1955
32	Sociologia	16 (2), maio, 1954
33	Revista Brasiliense	Vol. 14, nov-dez., 1957
34	Revista Brasiliense	Vol. 15, jan-fev., 1958
35	Revista Brasiliense	Vol. 16, mar-abr., 1958
36	Revista de História	Nº 1 jan-mar., 1950, ano I
37	Revista de História	Nº 2, abr-jun., 1950, ano I
38	Revista de História	Nº 3, jul-set., 1950, ano I
39	Revista de História	Nº 15, jul-set., 1953, ano IV
40	Revista de História	Nº 16, out-dez., 1953, ano IV
41	Educação e Ciências Sociais	2(6), Nov., 1957, ano II
42	Escola Secundária	nº 7 dez., 1958

43	Escola Secundária	nº 8 mar., 1959
44	Escola Secundária	nº 10, set., 1959
45	Escola Secundária	nº 12, mar., 1960
46	Escola Secundária	nº 13, jun., 1960
47	Escola Secundária	nº 15, dez., 1960
48	Escola Secundária	nº 16, mar., 1961
49	Escola Secundária	nº 17, jun., 1961
50	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 7(3) 1959
51	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 7(4) 1959
52	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 8(1) 1960
53	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 8(2) 1960
54	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 8(3) 1960
55	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 8(4) 1960
56	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 9(1) 1961
57	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 9(2-3) 1961
58	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 10(1) 1962
59	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 10(2) 1962
60	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 10(3) 1962
61	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 10(4) 1962
62	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 11(1) 1963
63	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 11(2) 1963
64	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 11(3) 1963
65	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 11(4) 1963
66	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 12(1) 1964
67	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 12(2-3) 1964
68	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 12(4) 1964
69	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 13(1) 1965
70	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 13(2) 1965
71	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 13(3) 1965
72	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 13(4) 1965
73	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 14(1-2) 1966
74	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 14(3) 1966
75	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 14(4) 1966
76	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 15(1) 1967
77	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 15(2) 1967
78	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 15(3) 1967
79	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 15(4) 1967
80	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 16(1) 1968
81	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 16(2) 1968
82	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 16(3) 1968
83	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 16(4) 1968
84	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 17(1) 1969
85	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 17(2) 1969
86	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 17(3) 1969
87	Bibliografia Brasileira de Educação	v. 17(4) 1969
88	Índice Cumulativo de autores da Bibliografia Brasileira de Educação	1953-1963
89	Índice Cumulativo de autores da	1964-1968

	Bibliografia Brasileira de Educação	
90	Pesquisa e Planejamento	vol. 5 jun, 1962
91	Pesquisa e Planejamento	vol. 6 dez, 1963
92	Pesquisa e Planejamento	vol. 7 jun, 1964
93	Pesquisa e Planejamento	vol. 9 jun, 1965
94	Pesquisa e Planejamento	vol. 4, 1966
95	Pesquisa e Planejamento	vol. 6, 1967
96	Pesquisa e Planejamento	vol. 5, 1967
97	Pesquisa e Planejamento	vol. 2, 1967
98	Pesquisa e Planejamento	vol. 12, out., 1970
99	Pesquisa e Planejamento	vol. 13, dez., 1970
100	Estudos Sociais	*
101	IV Centenário	*
102	Jornal Última Hora	*
103	Jornal A Gazeta	*
104	Jornal Diário de São Paulo	*
105	Jornal Folha da Manhã	*
106	Jornal – O Estado de São Paulo	*
107	Brasília	*
*	Jornal A Gazeta	*
*	Jornal Última Hora	*
*	Jornal Folha de São Paulo	*
*	Jornal Diário de São Paulo	*
*	Jornal O Estado de São Paulo	*
108	Sudeste – Folha de São Paulo	*
109	Nordeste – Folha de São Paulo	*
110	Amazonas – Folha de São Paulo	Amazonas com vazão cheio de riquezas
111	Educação – Folha de São Paulo	*

*Nada consta.

Apêndice 9. Carta da bibliotecária das Faculdades Integradas do Instituto Metodista de Ensino Superior à D. Helena, agradecendo pela doação de livros

Rudge Ramos, 12 de agosto de 1975

Exma. Sra.
Helena Bastos Rodrigues

Prezada Senhora:

Recebemos por intermédio do Ver. Héleron Rodrigues duas coleções pertencentes à Biblioteca “Gerson Rodrigues”.

Agradecemos a lembrança e a gentileza da doação que vem enriquecer nossa Biblioteca.

Com o uso que alunos e professores desta casa fizerem desses livros, estará sendo perpetuada a obra educativa do Prof. Gerson Rodrigues.

Sem mais para o momento,

Cordialmente

Cleide Zerlotti Wolf
Bibliotecária

Fonte: Arquivo Pessoal de Gerson Rodrigues.

Apêndice 10. Carta da bibliotecária da Biblioteca “Rodrigues de Abreu” à D. Helena, agradecendo pela doação de livros.

Bauru, 23 de janeiro de 1985.

Prezado (a) Senhor (a)

Com satisfação, recebemos sua doação que muito enriquecerá nosso acervo.

Enviando-lhes nossos mais sinceros agradecimentos, subscrevemo-nos,

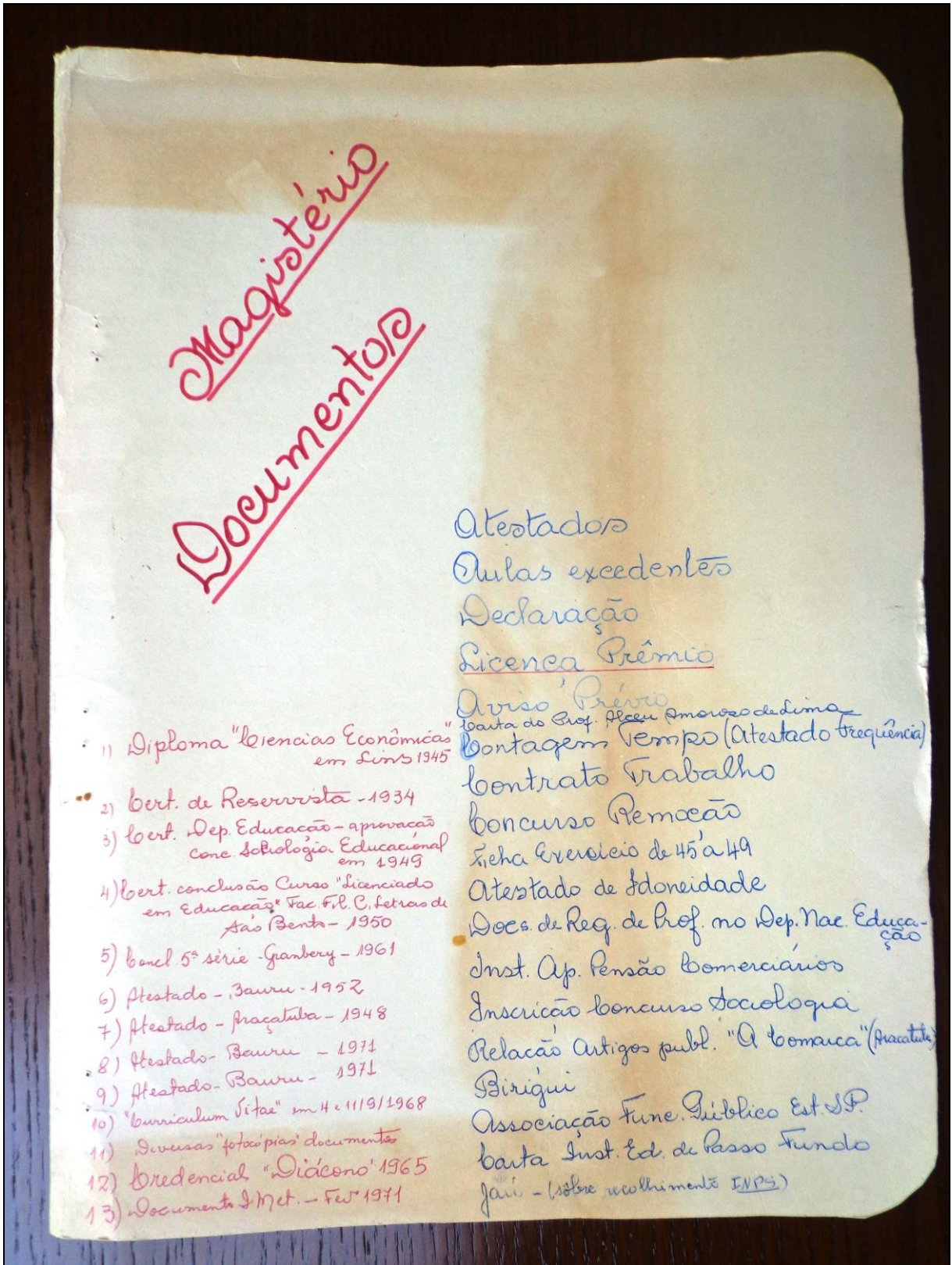
Cordialmente

Célia Regina Inoue
Bibliotecária

Fonte: Arquivo Pessoal de Gerson Rodrigues.

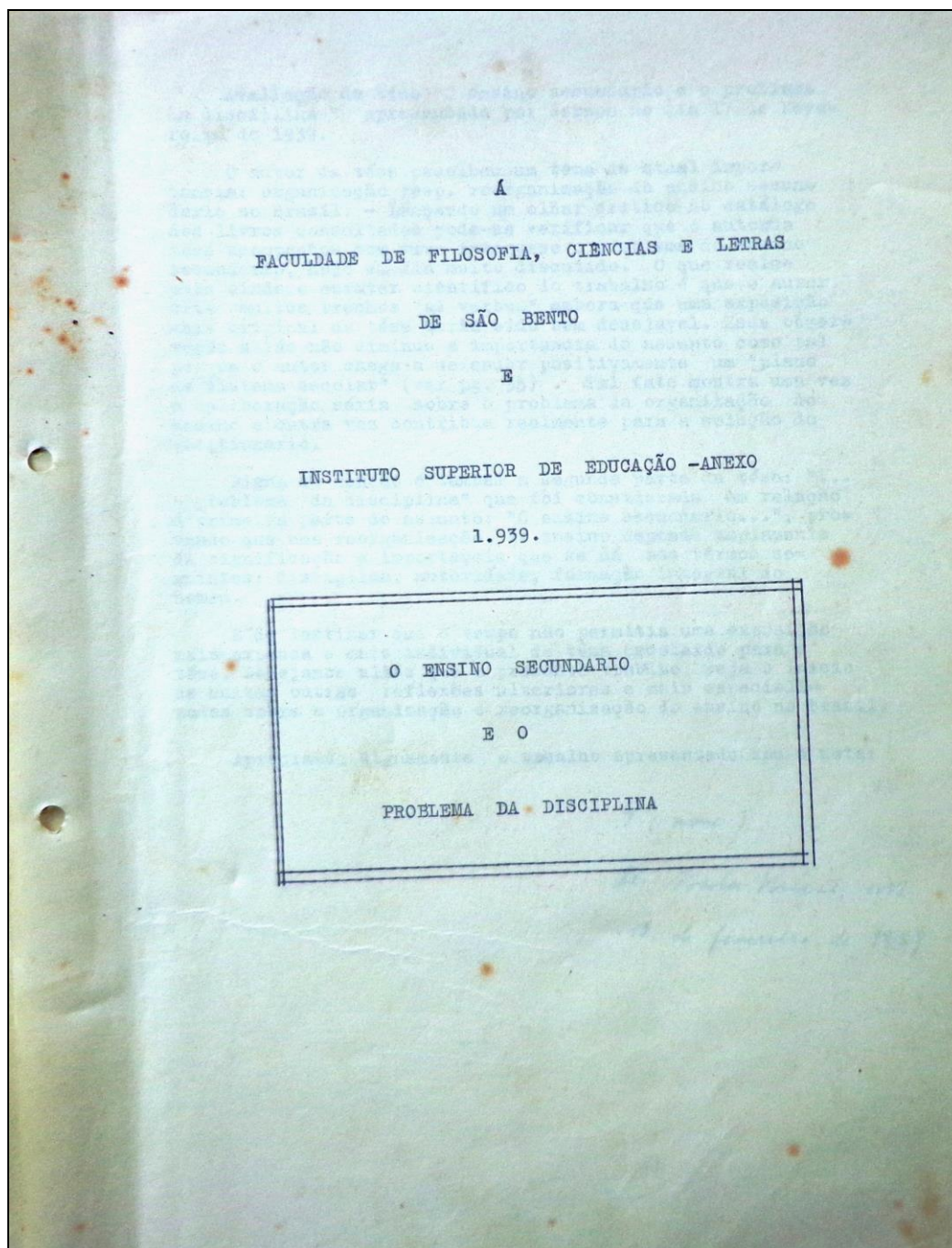
ANEXOS

Anexo 1. Capa elaborada para arquivar documentos de Gerson Rodrigues.



Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Anexo 2. Capa da tese apresentada à faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento.



Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Anexo 3. Militantes do jornal *Folha do Povo*, na década de 1940.



Fonte: NUPHIS – USC.

Da esquerda para a direita: Manoel Domingues de Oliveira, Gomes de Araujo, Edmundo Antunes, Hildo Antunes, Benedito Moreira Pinto, Francisco Elias D'Anunzziata (Professor), Paulino Raphael, João Correa das Neves, Eloi Sanches e o último sem identificação.

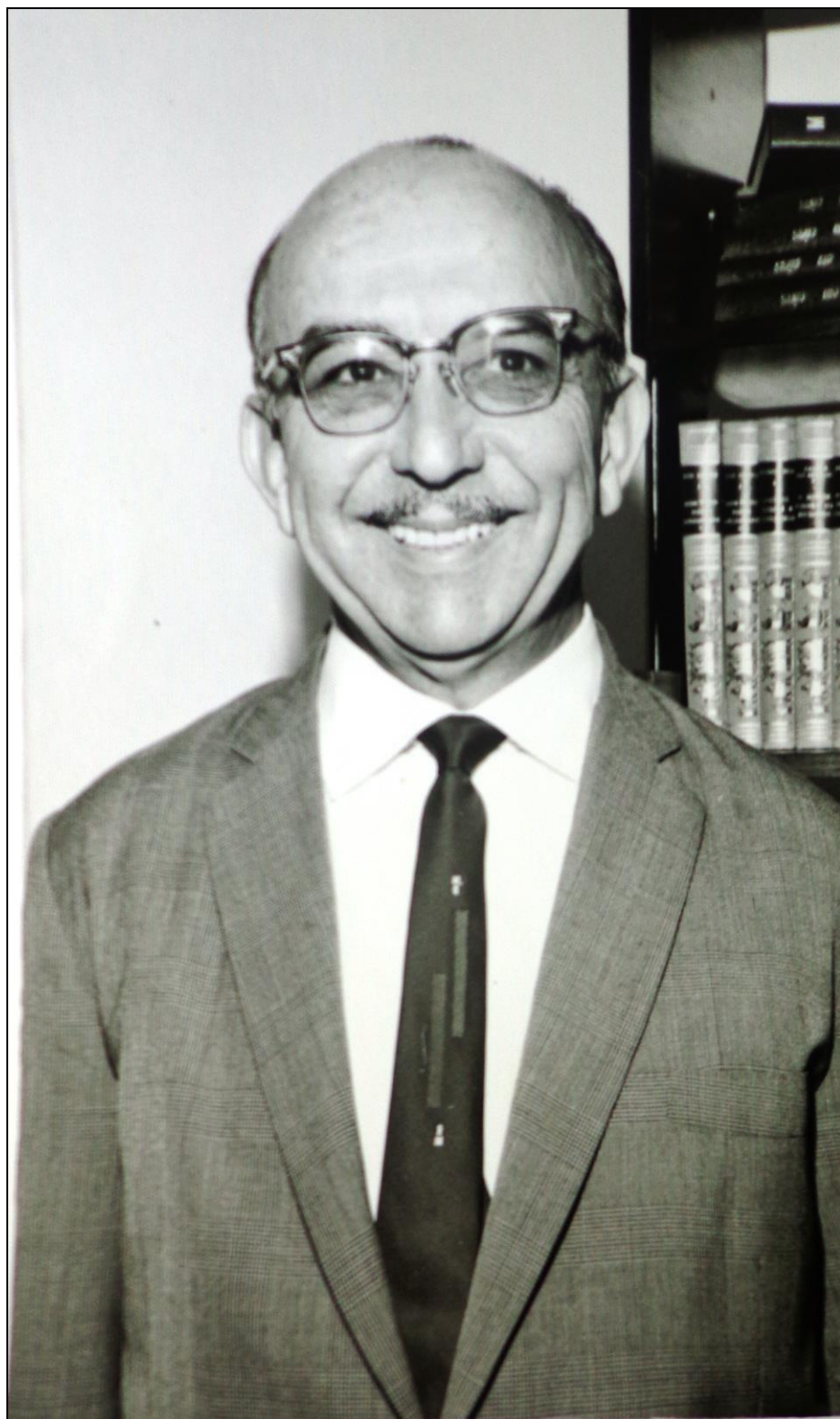
Anexo 4. Fotografia do momento de entrega da solicitação feita pelos membros da Federação das Sociedades Metodistas de Homens (5ª Região Eclesiástica) ao Presidente da Câmara Municipal de Bauru.



Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Da esquerda para a direita: Luiz Guardiano – oficial da igreja; Silas Braga Reis – Diácono e Secretário da Federação; Francisco de Oliveira – Presidente da Federação; Alonso Capoi Padilha – Presidente da Câmara Municipal; Ver. Arlindo Rodrigues Rocha – Pastor da Igreja Metodista, Bauru; Hilda Aparecida de Campos – Organista da igreja; Dr. José Rafael Rosa Pacini – Tesoureiro.

Anexo 5. Gerson Rodrigues (1913-1972).



Fonte: Arquivo Pessoal de Gerson Rodrigues.

Anexo 6. Fotografia registrando um momento de Gerson Rodrigues e Helena Bastos Rodrigues com amigos, na residência do casal.



Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Rodrigues.

Da esquerda para a direita: Gerson, Helena e amigos.